

sub texto

Ano IV Nov 07
Número 04
Distribuição Gratuita

Revista de Teatro do Galpão Cine Horto



NORTE

Editorial

4

REALIDADE E DIVERSIDADE: um mapeamento dos grupos de teatro no Brasil - 1º esboço

8

Teatro de grupo: diversidade
e renovação do teatro no Brasil
André Carreira

A cena na Amazônia paraense
Karine Jansen (PA)

12

Tocantins, teatro fincado nas raízes
separatistas entre norte e sul de
Goiás
Cícero Belém (TO)

14

Teatro de grupo no Acre
Luciana Pereira (AC)

16

Teatro de grupo em Rondônia
Jória Lima (RO)

19

Teatro de grupo no Rio Grande do
Norte, Maranhão e Ceará
Fernando Yamamoto (RN/MA/CE)

22

Os grupos de teatro na Paraíba
Buda Lira (PB)

25

Entre espaços -
teatro pernambucano
aperta-se para mostrar a cara
Leidson Ferraz (PE)

28

Caminhos em territórios isolados
Lindolfo Amaral (AL/SE)

31

Teatro de grupo e grupo de teatro
Gordo Neto (BA)

34

Realidade e diversidade do teatro
de grupo no Mato Grosso
Giovanni Araújo (MT)

36

Teatro de grupo em Goiás
Marcus Fidelis (GO)

38

Um teatro que resiste
Francis Wilker (DF)

40

Os grupos de teatro de Mato Grosso
do Sul Lú Bigatão (MS)

43

NORDESTE

CENTRO-OESTE

Minas de grupos Gustavo Bartolozzi (MG)	46
O teatro e a lei Wilson Coêlho (ES)	50
Modos de produção Antonio Guedes (RJ)	52
Teatro de grupo: um espaço de aliança a favor da arte Tiche Vianna (SP)	56

A cara escondida do teatro Márcio Abreu (PR)	58
Teatro de grupo em Santa Catarina: resistindo ao isolamento André Carreira (SC)	61
Teatro de grupo em Porto Alegre Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz (RS)	63

TEATRO E POLÍTICA

Em meio ao turbilhão
Luiz Fernando Lobo

68

Teatro de grupo, grupo de teatro
Marcelo Bones

71

GALPÃO EM FOCO

Responsabilidade emocional do
teatro Inês Peixoto

76

CINE HORTO EM FOCO

Centro de Pesquisa e
Memória do Teatro: uma ação
para além dos espetáculos
Luciene Borges

82

A Revista Subtexto nasceu junto ao primeiro encontro do Redemoinho, em Belo Horizonte, com o claro objetivo de ser a revista de teatro do Galpão Cine Horto. Entretanto, as coincidências de paternidade e de idade das duas iniciativas impregnaram a genética da revista. Nesse sentido, dedicamos também esta quarta edição ao movimento, oferecendo um levantamento da realidade dos Grupos Teatrais em quase todos os Estados do País.

Temos consciência da incompletude dos dados oferecidos e da precariedade dos sistemas de pesquisa. Na verdade, contamos com a boa vontade de alguns amigos e artistas que se disponibilizaram, em tempo recorde, a escrever um breve relato da realidade de suas regiões. Apesar dessa limitação, o resultado é surpreendente.

Além de revelar uma riqueza desconhecida existente nas regiões Norte e Centro-Oeste, esses dados são, acima de tudo, provocadores na medida em que explicitam a urgência de uma política pública federal de fomento e apoio aos nossos vários Brasis teatrais.

Certamente, Ministério da Cultura, Funarte, Secretarias de Estado de Cultura, políticos, empresas patrocinadoras e mesmo o Redemoinho, que pretende ser um movimento nacional, têm que ampliar esforços e olhares nessa direção, pois, no mínimo, necessitamos de sensos e levantamentos que nos possibilitem conhecer melhor quem somos, quantos somos, o que temos, o que pensamos e o que queremos

Conhecer essa realidade pode, também, suscitar boas reflexões e avanços. Não seria interessante investigar outras formas associativas de produção, parcerias criativas com a comunidade, organizações práticas de grupos e entidades, novas abordagens do mercado capitalista, ocupação coletiva de espaços, estruturação de grupos locais para apoio a espetáculos em circulação, entre outras tantas formas criativas de colaboração ?

Certamente pode haver diversas formas de apoio entre os grupos que reduziriam nossa dependência do poder público. Entretanto, devemos também reconhecer a urgência de nos organizarmos melhor, com mais eficiência e determinação, para continuarmos nossa luta junto ao Estado em busca de uma clara política pública para o nosso setor.

A quarta edição da Subtexto traz ainda discussões sobre "Teatro e Política", com Luiz Fernando Lobo (RJ) e Marcelo Bones (MG); "Galpão em Foco", artigo da atriz Inês Peixoto sobre a "Responsabilidade Emocional do Teatro" e "Cine Horto em Foco", que traz informações sobre o Centro de Pesquisa e Memória de Teatro - Uma ação para além dos espetáculos, resumo da tese de Mestrado da atriz e jornalista Luciene Borges, sobre a importância do Galpão Cine Horto e seus projetos de fomento teatral em Belo Horizonte.

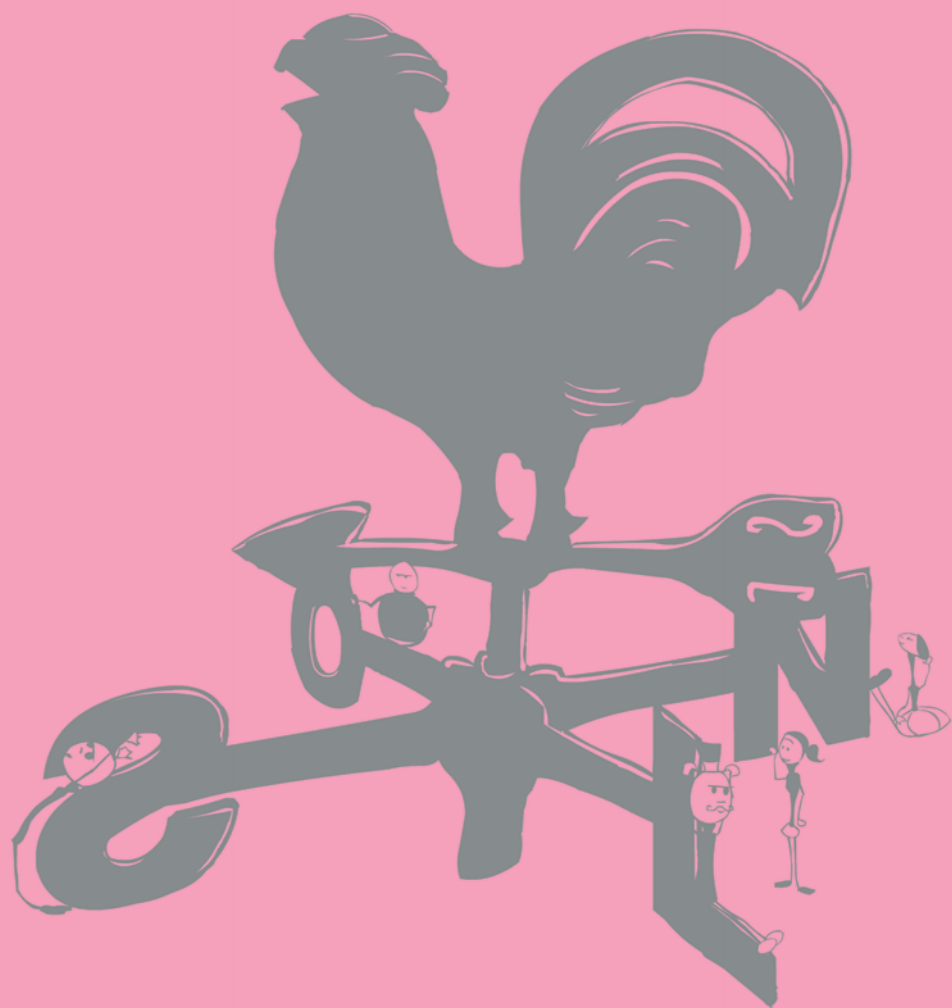
sub texto

Revista de Teatro do Galpão Cine Horto

REALIDADE E DIVERSIDADE:

Um Mapeamento dos Grupos de Teatro no Brasil - 1º esboço

Não conseguimos identificar colaboradores nos Estados do Amapá e Piauí.
De Roraima e Amazonas, os artigos não chegaram em tempo hábil para serem publicados neste número.



Teatro de



RU

po:

diversidade e renovação do teatro no Brasil

André Carreira*

Desde o trabalho pioneiro de pessoas como Álvaro e Efigênia Moreira, com o Teatro de Brinquedo, ou de Paschoal Carlos Magno, com o Teatro do Estudante do Brasil e ainda Abdias do Nascimento, com o Teatro Experimental do Negro, e Jerusa Camões e Renato Vianna, com o Teatro Universitário, o teatro de grupos tem criado dinâmicas fundamentais da cena nacional. Os grupos teatrais constituíram ao longo do século XX tentativas significativas de se produzir um teatro independente. Se as iniciativas dos grupos amadores citados acima contribuíram para rediscutir o modelo romântico que predominava na cena nacional, nas últimas décadas do século passado a idéia de um teatro de grupo constituiu, a partir de uma diversidade de formas e modos operacionais, uma tendência que revigora nosso teatro tanto no seu projeto estético como no seu lugar político.

As formas de organização dos grupos que podemos enquadrar dentro daquilo que chamaríamos Teatro de Grupo são tão variadas que seria lícito pensar que o próprio termo teatro de grupo mereceria uma discussão mais ampla. No entanto, podemos ver que sob esse nome se organizam principalmente aquelas agrupações que se definem por uma busca de independência com relação ao que podemos identificar com o paradigma da indústria cultural. Essa independência não significa necessariamente assumir uma atitude de ruptura absoluta com procedimentos que caracterizam o mercado cultural, mas implica a busca de um espaço de autonomia. O desejo de realizar um trabalho criativo autônomo é uma força que impulsiona grande parte daqueles que se reconhecem como praticantes de um teatro de grupo, e esse sentimento é a base do imaginário desse teatro que se faz em grupo e com projetos de longo prazo.

A duração dos projetos e a manutenção de equipes estáveis podem ser indicadas como características que contribuem para estruturar o espaço simbólico do trabalho que tem o grupo como eixo. Isso não impede que muitos dos grupos, especialmente aqueles situados em cidades de menor porte, sofram constantemente com o fluxo de integrantes, particularmente no que se refere ao êxodo para centros urbanos maiores. Assim, podemos ver grupos que têm uma longa história assentada em um núcleo permanente reduzido, ao redor do qual circulam participantes que periodicamente se renovam. Esse núcleo que permanece constitui, então, o elo entre os diferentes momentos do grupo, o que garante a própria noção de continuidade no trabalho.

O desejo de um projeto de longo prazo com repercussões culturais e sociais que vão além da prática de criação de espetáculos também pode ser considerado um elemento que permeia o trabalho de uma grande quantidade de grupos. Nesse sentido, cabe destacar a presença de discursos que reivindicam projetos sociais como um componente fundamental das práticas grupais, de tal forma que muitas vezes pareceria que a idéia de teatro de grupo deveria estar sempre relacionada a tal classe de projetos.

Essa característica deve ser observada considerando-se a diversidade de grupos, práticas e contextos culturais. O espectro é tão amplo que os projetos sociais vão, por exemplo, desde a criação de cursos de teatro para bairros de trabalhadores até colaborações com organizações não governamentais que trabalham com questões do gênero. A necessidade de atuar junto a setores sociais menos privilegiados tem sido uma constante nos discursos grupais. Os projetos que ampliam as atividades grupais para além do palco (ou da rua) contribuem para configurar o espaço político que os grupos preenchem e situam os mesmos em um terreno de diálogo com instituições do poder público que ultrapassa as questões imediatas do fazer artístico.

A abertura de sedes, a organização de espaços próprios, tem hoje uma grande importância entre as iniciativas grupais. A luta pela conquista do espaço ou por sua manutenção como pólo cultural faz parte do imaginário dessa forma de organização da produção teatral. Os grupos que conquistaram o projeto da sede representam um modelo para a grande maioria dos grupos do País, pois são considerados como estruturas consolidadas. Ainda que isso não seja uma verdade absoluta, pois aqueles que administram seus espaços sabem das dificuldades cotidianas e dos esforços para a manutenção desses locais, o fato de que muitos

grupos tenham sedes facilita a formalização de redes de intercâmbio intergrupais e potencializa o papel formador dos grupos.

A existência das sedes dos grupos, que funcionam como núcleos de referência para seus contextos culturais imediatos, é tão significativa que gerou o programa institucional de apoio aos "pontos de cultura". O movimento de grupos é responsável, em todas as regiões do País, pela criação e manutenção de espaços criativos que cumprem o papel de núcleos de fomento e reunião. Nesses espaços os grupos exercem uma intensa atividade formativa de novos artistas e também de público. São diversos os projetos pedagógicos desenvolvidos pelos grupos, alguns adquirem a forma de verdadeiras escolas regulares enquanto outros se conformam mais como âmbitos de encontro e aprendizagem no seio de processos criativos.

A ampla diversidade de formas criativas e discursos não esconde o fato de que no seio do movimento de teatro de grupo têm se dado uma permanente discussão sobre modos de criação cênica. O uso persistente do termo "processo colaborativo" é uma demonstração disso. Diferentes grupos têm refletido sobre a própria escritura teatral e sobre os procedimentos de criação e preparação do ator, de tal forma que se identificam no seio dos grupos movimentos de renovação da linguagem teatral que não podem ser compreendidos separadamente da forma 'grupo'.

Tomando esses eixos, pode-se dizer que o teatro de grupo é um movimento fundamental para o teatro brasileiro contemporâneo e representa uma tendência das mais significativas na construção de novos discursos cênicos no País. Essas qualidades devem ser associadas ao fato de que um enorme número de grupos ocupa todas as regiões do País e mantém uma atividade criativa permanente em âmbitos culturais muito diversos. Isso se dá com um processo de profissionalização sistemático que faz com que o atual momento dos grupos seja bastante diferente do amplo movimento amador que caracterizou os anos 1970. Se antes as formas profissionais e semiprofissionais eram características das cidades de São Paulo ou Rio de Janeiro, hoje vemos que, guardadas as devidas proporções, quase todos os Estados têm grupos que se profissionalizaram. Essas tendências indicam que o Teatro de Grupo é hoje uma referência-chave quando falamos de teatro brasileiro.



PARÁ por Karine Jansen*

O teatro no Pará, composto por cerca de 40 grupos na capital, além dos grupos do interior, é marcado pela diversidade da linguagem, e por características referentes aos contextos em que atuam. No interior do Estado a produção teatral está intimamente ligada à Federação de Teatro - FESAT, que organiza cinco mostras anuais organizadas por região: Marajó, Baixo-Tocantins, Sul do Pará, Nordeste do Pará e a área Metropolitana, mobilizando dezenas de grupos fora da capital.

Na capital, a cena popular tem forte presença e repercussão, entretanto, nem sempre conta com o respeito e a atenção dos órgãos de fomento. As Paixões de Cristo produzem cerca de quinze espetáculos realizados por grupos especialistas nesta forma teatral, como o grupo "Aldearte", de São Braz.

O "Teatro de Pássaros", definido por alguns estudiosos da linguagem como uma opereta melodramática, teve o auge de sua dramaturgia composto nos meados do século XX, com destaque para os grupos "Tem Tem" e "Rouxinol".

O Auto do Círio, formato criado através da Escola de Teatro e Dança da UFPA, existe há 13 anos e mobiliza centenas de artistas num grande cortejo pelas ruas da cidade velha, no período da Festa do Círio de Nazaré. Hoje a "Cia. Brasileira de Cortejos" amplia a pesquisa iniciada pelo projeto, através das suas ações artísticas.

Na tradição de grupos, entre os antigos estão o "Gruta", o "Experiência", o "Maromba", o "Vivência", o "Cena Aberta", o "Palha", dentre outros. O Grupo "Cuíra" (25 anos), com sede própria na Zona do Baixo Meretrício, produz espetáculos e recebe produções do Estado e do Brasil, através de ações artísticas junto ao Grupo de apoio a mulheres prostitutas.

A linguagem de *clown* dos "Palhaços Trovadores" criou "escola" na cidade, enquanto o teatro de rua, sempre representativo na cena do Pará, mobiliza grupos como "Circo Lando", "Nós Outros", "EntreAto", "Trupe Lamento de Teatro" e "Cia. Madalenas".

As intervenções urbanas e *performances* são com os Coletivos "Arruassa" e "Marginálha".

Dedicados ao público infanto-juvenil estão os grupos "Os Desabusados", "Notáveis Clowns", "Encenação" e "Luzes". A "Cia. In Bust" tem sua pesquisa voltada para as Formas Animadas, aliando a linguagem da televisão, caso da série Catalendas, e o teatro.

No teatro de pesquisa, três projetos na categoria de Teatro de Porão ganharam repercussão na cidade: Em Carne e Osso e O Império de São

Benedito, ligados ao Teatro "Porão Puta Merda"; e Frozen (espetáculo multimídia), ligado ao "U.Porão".

**Performer* é diretora de teatro. Professora e pesquisadora da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFBA, com tese sobre a Performance da Marujada de Mulheres da cidade de Quatipuru, região do Salgado Pará.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Lei Semear Lei Estadual (ICMS) | www.secult.pa.gov.br

Lei Tô Teixeira Lei Municipal (IPTU) | www.belem.pa.gov.br

Edital do Projeto Pará em Cena Estadual - seleciona espetáculos de Artes Cênicas.

Edital do IAP Instituto de Artes do Pará - bolsas de pesquisa e experimentação.

Edital do Basa Banco da Amazônia - seleciona projetos artísticos e culturais.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

FESAT Federação Estadual de Teatro | federacaodeteatro@hotmail.com

ATAS Associação de Atores, Autores e Técnicos de Teatro Amador de Santarém

ÓRGÃOS DO ESTADO

SIT Sistema Integrado de Teatros | www.secult.pa.gov.br

IAP Instituto de Artes do Pará | musica@iap.pa.gov.br | nnandolima@hotmail.com

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DO PARÁ: 93 grupos, sendo:

- . Grupos de Belém (filiaados à FESAT): 25 grupos.
- . Teatro de Pássaros (Belém, entre cordão e pássaros): 15 grupos.
- . Região Oeste, Grupos de Santarém "o Tapajós": 20 grupos (teatro amador e cidades próximas, sendo três filiaados à FESAT).
- . Região do Nordeste Paraense (filiaados à FESAT): 17 grupos.
- . Região do Marajó (filiaados à FESAT): 10 grupos.
- . Região Sudeste (filiaados à FESAT): três grupos.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR

GRUPOS OU ENTIDADES: Seis espaços, entre grupos e porões alternativos:

Grupo Cuíra de Teatro R. Riachuelo c/ 1º de Março | Sede/Teatro: 120 lugares.

Palhaços Trovadores R. Dr. Malcher, 233 | Cidade Velha

Tel. (91)3223.8181 (Marton Maués).

Sede In Bust Teatro com Bonecos - Casarão dos Bonecos -

Av. 16 de Novembro, 815 | Belém | Tel. (91)3241.8981 | Tel. (91)9941.8071

Sede/Anfiteatro ao ar livre: 100 pessoas.

Teatro Porão Puta Merda R. Riachuelo nº 69 | Campina

lotação máxima: 20 lugares. Wlad Lima (91) 3223.3759 | gordawlad@oi.com.br

Teatro da UNIPOP Av. Senador Lemos nº 557 | Telégrafo - espaço cênico até 40 lugares.

Teatro U. Porão Travessa Campos Sales | Campina - espaço cênico até 30 lugares.

Leo Bitar Tel. (91) 8832.7274



TOCANTINS por Cícero Belém*

Falar do teatro em Tocantins, o mais novo Estado da Federação, com apenas 19 anos, nos faz lembrar um dos movimentos mais importantes já vistos no interior do Brasil: o Circuito Timbá de Teatro, realizado nos anos 1980 no médio-norte de Goiás, hoje Tocantins, conforme reconheceu a extinta Fundacen, órgão na época vinculado ao Ministério da Cultura.

Grupos de diferentes cidades da região promoveram a maior circulação cênica já vista nessas bandas, ao mesmo tempo que aconteciam seminários, festivais, oficinas e discussões sobre o teatro. Tudo tinha um objetivo: organizar politicamente os grupos existentes e contribuir na formação e na estética teatral desses saltimbancos sertanejos. Talvez pela ausência do Estado, tenha sido um dos acontecimentos culturais de maior relevância para a difusão do teatro, pela grande força de mobilização e ação entre os grupos.

Com o Tocantins implantado, novos grupos surgiram, outros desapareceram e poucos resistiram, embora o surgimento de uma unidade federativa tenha trazido visibilidade às ações teatrais. Hoje poucos sobrevivem corajosamente a uma realidade caótica, sem incentivos e sem qualquer política pública de fomento e difusão por parte do poder público estadual.

Embora padeçam de uma discussão mais profunda sobre a própria condição do teatro, aos poucos algumas alternativas, ainda que isoladas, vêm se consolidando. O "Grupo Chama Viva Cia. de Teatro de Tocantins", com 22 anos de existência, tem ganhado os palcos do Brasil com produções relevantes, como *Bodas de Sangue*, de Lorca; *O Jogo do Amor*, de Pierre de Marivaux; *O Anel de Magalão*, de Luiz Alberto de Abreu; *O Desejado*, de Pedro

Tierra; e, por último, *Bonequinha de Pano*, de Ziraldo, que acaba de estrear. Diretores como Antonio Guedes, Cristina Pereira, Rafael Ponzi, Marcelo Souza e Sandro Lucose assinaram a direção dos últimos trabalhos do grupo que mantém ainda uma forte atuação na produção de espetáculos de artistas de outras regiões que passam por Palmas e, além disso, realiza oficinas e promove intercâmbio com diferentes regiões. A "Barraca Cia. Experimental de Artes", através do seu núcleo de teatro "Trupe Atrupelo", vem se destacando há dois anos com espetáculos de teatro musical; o "Grupo Teatro Livre de Palmas", que nasceu em 2002 como resultado do curso livre de teatro oferecido anualmente pela Prefeitura de Palmas, enveredou-se pelo teatro de rua e desenvolve atualmente projetos de dança popular e teatro com as quadrilhas juninas, que agregam mais de três mil jovens que se preparam durante todo o ano para os festejos de São João; "Os Taweras" é um grupo formado por músicos, artistas plásticos, poetas e bonequeiros e integra o Ponto de Cultura Aldeia Taboka Grande; a "Cima produções" atua em Palmas há oito anos e trilha na busca de uma dramaturgia própria. Com uma atuação mais voltada para o teatro de animação, vem a "Trucks da Trupe", da Associação Contágus de Teatro e Dança, e o "Grupo Patrulha da Alegria".

O Grupo de Teatro "Ciganus" se tornou referência em Araguaína, maior cidade do interior, no norte do Estado, e algumas iniciativas de grupos e pessoas vinculadas à Universidade em Gurupi, ao sul, vêm atuando com certa força e possibilidade de crescimento.

*Ator, diretor, produtor cultural e

Titular da Câmara de Artes Cênicas do Conselho Municipal de Cultura de Palmas.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS: Não existem Lei Estadual de Incentivo à Cultura e Fundo Estadual de Cultura. No Município de Palmas existe o Programa **PALMAS PRA CULTURA**, mantido pela Prefeitura através da Secretaria Municipal da Educação e Cultura, que destina recursos para o fomento de projetos culturais através de edital público. Em 2007, R\$70 mil foram destinados especificamente para atender projetos de circulação e montagens de espetáculos teatrais.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS: Não existem.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DO TOCANTINS: 16 grupos atuantes e mais representativos, sendo eles: oito grupos teatrais atuantes em Palmas; dois grupos em Porto Nacional; dois grupos em Araguaína; dois grupos em Gurupi; um grupo em Miracema do Tocantins; um grupo em Lageado.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOSTEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES: dois espaços, sendo eles: **Ponto de Cultura "Aldeia Taboka Grande"**: Grupo Teatro Os Taweras, no Distrito de Taquaruçú | Palmas | TO.





teatro de grupo no acre

ACRE por Luciana Pereira*

Falar de teatro no Acre é tarefa delicada, todavia, instigante. Delicada porque são necessários recortes; instigante porque dialoga com elipses que nos lembram Stanley Kubrick em "2001, Uma Odisséia no Espaço". À guisa de recortes é inegável a contribuição da década de 1970 ao teatro no Acre, posto que sociedade e teatro estão intimamente ligados. Os cidadãos começaram a perceber que as mudanças ocorridas no âmbito territorial trariam consequências também no âmbito cultural não somente para aqueles que habitavam as florestas. Ouviam-se daqui os gritos dos pássaros, o rugir dos bichos, a buzina dos automóveis, uma verdadeira polifonia que confundia, não dava ao certo para perceber de onde vinha aquele grito de resistência: cidade ou floresta?

E é nesse instante que as manifestações artísticas colocam-se contra as formas absurdas de penetração do capital agropecuário nas áreas dos seringais, expulsando os seringueiros. E são esses mesmos seringueiros que irão ocupar os espaços periféricos de Rio Branco. Esses acontecimentos vão gerar um momento peculiar na relação entre a floresta e a cidade, uma simbiose que gerou uma relação de respeito e preocupação com as questões sociais e ambientais.

Das várias possibilidades artísticas, o teatro foi a linguagem mais utilizada. Podemos nos arriscar a dizer que foi um porta-voz das angústias dos povos da floresta, mais especificamente dos seringueiros. Foi uma simbiose que aconteceu entre essas instâncias sociais, os artistas, os intelectuais, a igreja católica e os recém-chegados habitantes do seringal.

Em 1979, Rio Branco tinha 11 grupos de teatro, que abordavam em suas apresentações os seguintes eixos temáticos: os conflitos de terra, a chegada dos latifundiários e o êxodo rural.

Nesse período é possível destacar o trabalho de dois grupos que reforçaram a relação entre a cidade e a floresta. O primeiro é o grupo "De olho na coisa", fundado por José Marques de Souza (Mathias), ex-seringueiro, semi-analfabeto, líder de um dos grupos mais fortes nascidos através das iniciativas das Comunidades Eclesiais de Base, que aprofundou os interesses populares dentro de uma linguagem que estivesse de acordo com a sua realidade. Mathias era ator, diretor e autor de suas peças que tinham como temática o seringueiro que sai da sua terra, a violência urbana e o êxodo rural. Através de suas peças percebe-se que Mathias desejava denunciar as condições de vida do seringueiro. Ele faleceu em 1997, mas "De olho na coisa" resiste até hoje, dirigido por Cláudio Mathias, seu filho e ator do grupo.

O outro grupo que destacaremos é o "Adsaba", fundado por Beto Rocha, que também escutou os chamados da floresta e realizou um trabalho significativo na área teatral. Diretor, ator, pesquisador e autor, Beto Rocha era um encenador extremamente inquieto e instigante - defensor de um teatro libertário. O grande diferencial do grupo Adsaba, além da pesquisa, era a busca por uma origem e uma identidade do homem, particularmente do homem amazônida.

O Adsaba vai do teatro de agitação e intervenção ao teatro antropológico de Eugênio Barba. A necessidade de criar algo novo com uma identidade própria fez com que a pesquisa tomasse rumos nem sempre esperados e um grupo de quatro atores-pesquisadores chegou a passar 90 dias em uma aldeia. O contato com a cosmologia indígena e o teatro antropológico fez com que o diretor do Adsaba, no espetáculo "Histórias de Quirá" (1990-92), retirasse as falas dos atores e as substituísse por narrativas em língua madija (em off), e utilizasse danças e rituais xamanísticos no espetáculo. O



diretor optou por uma construção cênica mais apropriada às suas inquietações, uma plasticidade elaborada, um tempo nada condizente com o real, um ritmo que exigia da audiência uma entrega, um descondicionamento. Em 2001, o espetáculo abriu o Festival Internacional de Londrina.

Criado e dirigido por Laélia Rodrigues, o grupo "Verso de Teatro" surge no ano de 1988, em meio universitário. Nesse mesmo ano sai da cena teatral e retoma as atividades em 1997, sob a direção do professor Henrique Silvestre, confirmando a característica e principal proposta desse grupo, que é estreitar a relação entre comunidade acadêmica e sociedade. Os espetáculos apresentados se propunham a retratar o cotidiano das populações ribeirinhas, dando ênfase à relação servil do seringueiro e seu coronel.

O grupo circulou por alguns municípios acreanos como Xapuri, Brasiléia, Sena Madureira, Plácido de Castro e a capital, Rio Branco. Em 2001 encerrou suas atividades após participar da Terceira Edição da Bienal de Cultura da UNE, no Rio de Janeiro, e do Colóquio de Letras, na Universidade Federal de Rondônia.

Em 2001, surge, em Rio Branco, o grupo CATAC (Centro de Antropologia do Teatro e Antropofagia do Cinema) que tinha como

objetivo a realização de uma pesquisa sobre identidade nacional, cultura brasileira, além de discutir a visão eurocêntrica nas Américas em busca do tão sonhado "Paraíso Terrestre", que resultaria na construção de um espetáculo. Dirigido por Flávio Kactuz, o grupo, composto por 19 integrantes, em sua maioria jovens sem nenhuma experiência em teatro, inicia seu trabalho de pesquisa e experimentação, tendo como foco norteador o teatro antropológico, determinante no estilo de texto e atuação de seus espetáculos.

Em 2003, após a temporada do espetáculo "E o que mais restou do paraíso", o CATAC cria o projeto NEC (Núcleo Estudantil de Cultura) em parceria com a Secretaria de Educação, que une à linguagem do teatro a linguagem do cinema. Em 2006, é lançado o livro "Daqui onde estou dá pra ver o Brasil", resultado de uma pesquisa oral com atores, diretores de teatro e de cinema, professores e pesquisadores da cultura brasileira.

Também em 2003, é criada a "Companhia de Teatro Arkh", pela professora Laélia Rodrigues e por alguns alunos do curso de Letras da UFAC. Eles apresentam um único espetáculo, "Pactos Insustentáveis", e encerram as atividades da companhia.

*Integrante do Grupo CATAC.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS: Não existem.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS: Não há informação.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DO ACRE: Não há estimativa.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

Não há estimativa.



Teatro de grupos em Rondônia

RONDÔNIA por Jória Lima*

Porto Velho, capital de Rondônia, tem poucos grupos de teatro, dentre os quais destacam-se os que tentam se manter em constante produção e pesquisa. São eles: "O Imaginário", "Raízes do Porto", "CTB" - Centro de Teatro de Bonecos, "Sentidos" e "Cia de Artes Fiasco".

Os grupos caracterizam-se por ter um número grande e variável de participantes, que vão de oito a 18, em média, e por uma certa "impermanência", já que é praticamente inviável viver profissionalmente do teatro aqui, como, aliás, na maior parte do País. A maioria dos atores é ainda de jovens na faixa dos vinte anos e que desenvolvem um trabalho ou estudo em paralelo.

Não há escolas de formação teatral e os artistas se formam a partir de oficinas e cursos livres trazidos, em sua maioria, pelo SESC que desenvolve um importante trabalho nessa área cultural, sendo um pólo centralizador das produções da cidade junto com o SEST/SENAT, possuindo cada qual um teatro para receber as produções locais e os convidados de outras regiões.



A capital gira em torno do funcionalismo público e do comércio que o sustenta, não tem indústrias; o interior está baseado na agropecuária, e, portanto, não há incentivo à cultura através de impostos e benefícios fiscais. Essa é uma realidade que tende a mudar, em breve, com a construção das usinas hidrelétricas no Rio Madeira. Por isso, é válido destacar o empenho dos artistas que trabalham ao mesmo tempo formando profissionais "na marra", ou seja, vão aprendendo com as próprias apresentações, ao mesmo tempo em que tentam formar um público, já que não existe o hábito de ir ao teatro.

É uma dedicação que só se explica pela magia do teatro, por seu poder transformador, arrebatador e viciante, que faz com que alguns abdicuem do conforto pela utopia de que podem mudar alguma coisa no mundo.

Esse é o exemplo de Chicão, produtor do Grupo "O Imaginário", que atua no Estado de Rondônia desde 1978, incansável e apaixonadamente, e que tem investido na formação dos atores trazendo artistas convidados para ministrar oficinas, como foi o caso de Bia Braga (MG), que recentemente dirigiu o espetáculo 'As sombras de Lear', uma releitura de Shakespeare inspirada na mímica corporal dramática e no folclore regional, e de Narciso Telles (RJ), que dirigiu o espetáculo de rua 'O mistério do fundo do pote ou de como nasceu a fome', vencedor do Prêmio Myriam Muniz de Fomento ao Teatro/2006, com o qual o grupo percorreu as trilhas de Rondon pelos Estados de Mato Grosso, Rondônia e Acre com a Caravana FUNARTE.

O Presidente da "Cia. de Artes Fiasco", Francis Madison, é também um desses artistas polivalentes que atua, dirige e escreve para o teatro e um dos raros que têm conseguido se manter exclusivamente de suas produções. Alcançou grande sucesso com o besteirol 'O segredo da patroa', com o qual ficou em cartaz por três anos consecutivos. A também polivalente pernambucana Suely Rodrigues, diretora do "Grupo Raízes do Porto", é atriz, autora de textos teatrais e produtora, já radicada no Estado, que tem um público cativo e lota o teatro com suas produções poéticas e politicamente engajadas, encanta com montagens simples e cheias de teatralidade. O "Grupo Raízes" tem representado Rondônia em festivais nacionais e merece destaque na sua mais recente produção, o monólogo "Frei Molambo", de Lourdes Ramalho, com o jovem e promissor ator Juraci Júnior.



O SATED/RO enfrenta sérias dificuldades operacionais e financeiras, mas resiste bravamente graças à dedicação e à raça de sua atual presidente, Teo Nascimento. Ela e seu grupo "Sentido"s desenvolvem *hapennings* e trabalhos experimentais, fazendo parte desses "loucos amantes" do teatro. Afinal, não dá para fazer teatro sem uma certa dose dessa loucura sagrada!

*Atriz, diretora e dramaturga com formação livre e Pós-graduada em Arte Contemporânea I PUC/Minas, atualmente reside em Rondônia.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS: Não existem.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

SATED/RO Teo Nascimento | Tel. (69) 9954.8868 **SESC/RO** Mariângela Aloise Onofre (Coordenadora de Cultura). Tel.(69) 3229.5156 R.239

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DE RONDÔNIA: cinco grupos, sendo: **O IMAGINÁRIO**

Chicão Santos | oimaginarioro@yahoo.com.br. | Tel. (69)3043.1419/9957.5128

RAÍZES DO PORTO Suely Rodrigues | suelyaquerlei@hotmail.com

CTB - CENTRO DE TEATRO DE BONECOS

Arlene Bastos | Tel. (69)9951.4348 | arlenbastos@hotmail.com

SENTIDOS Teo Nascimento | tel. (69) 9954.8868

CIA. DE ARTES FIASCO

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES: Não há estimativa.



Teatro de grupo no RIO GRANDE DO NORTE,

RN, MA e CE por Fernando Yamamoto*

Qualquer tentativa de mapeamento de grupos de teatro passa, inevitavelmente, pela ingrata necessidade de um recorte para se definir o que é, afinal, teatro de grupo. Apesar do crescente número de espaços de discussão e do desenvolvimento de inúmeras pesquisas acadêmicas sobre o tema, a questão parece ampliar-se cada vez mais. Alguns parâmetros surgem como norteadores, como a perspectiva de projetos estéticos continuados, a democratização dos meios de criação, a manutenção de um corpo de integrantes estável, entre outros. No entanto, ainda assim encontramos exceções que não podem ser excluídas do rol do chamado teatro de grupo.

Neste levantamento sobre os grupos dos Estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão, procurei alargar o máximo possível essa definição, incluindo qualquer tipo de organização coletiva com um nível mínimo de continuidade e, principalmente, que se considere grupo.

Apesar das idiossincrasias que as cenas desses Estados apresentam, algumas similitudes podem ser identificadas. A presença de grupos com muita história, como Comédia Cearense (CE), Pesquisa (CE), Carroça de Mamulengos (CE), Grita (MA), Laborarte (MA), Alegria Alegria (RN) e Estandarte (RN), todos com mais de 20 anos de vida, garante um elo entre a tradição e o panorama atual do teatro de grupo nestes Estados. Outra aparente semelhança é a presença, em cada Estado, de um grupo que vem se destacando como referência local, não necessariamente relacionado à qualidade estética, mas com sua forma de organização, atenuada às tendências do movimento de teatro de grupo no País: possibilidade de auto-sustentação, intercâmbio com grupos e com os movimentos de articulação, e um certo nível de projeção regional e/ou nacional que esses grupos vêm conquistando com seus trabalhos, conseguindo circular pelo País. São eles Bagaceira (CE), Tapete (MA) e Clowns de Shakespeare (RN). No entanto, algumas peculiaridades sobre essas diferentes realidades devem ser mencionadas.

No Ceará, duas experiências ligadas à formação precisam ser citadas. Uma delas é o Colégio de Direção Teatral, do extinto Instituto Dragão do Mar, que na segunda metade da década de 1990 proporcionou a formação e a capacitação de diretores e dramaturgos, criando, direta ou indiretamente, um ambiente propício

MARANHÃO

E CEARÁ

para o surgimento de grupos de pesquisa na cidade de Fortaleza. A outra é o CEFET-CE, com sua graduação tecnológica em Artes Cênicas, que vem se consolidando como o mais importante espaço de formação no Estado, conectado às práticas de grupo. Um exemplo concreto é o Teatro Máquina (ex-Ba-Guá), coordenado pela Professora Ms. Fran Teixeira, grupo surgido das salas dessa escola.

A geografia tem sido um grande dificultador para o movimento de grupo Maranhense. No entanto, iniciativas ligadas ao SESC (em especial com a Mostra Guajajaras/Palco Giratório), ao Centro de Criatividade Odylo Costa Filho e ao Teatro Arthur Azevedo (com destaque para a Semana do Teatro do Maranhão) têm possibilitado a circulação de grupos de porte de todo o País, como o Lume, o Moitará, entre outros, ampliando os canais de troca entre os grupos locais.

Por fim, no Rio Grande do Norte, devido ao empenho do Departamento de Artes da UFRN, que culminou com o recém-criado mestrado em Artes Cênicas, à atuação do Centro de Formação e Pesquisa Teatral da Fundação José Augusto - por mérito quase que exclusivo do seu coordenador, João Marcelino -, e às iniciativas do Centro Cultural Casa da Ribeira (em especial o projeto Cena Contemporânea, de 2002), a profusão de novos grupos, formados por jovens integrantes, comprometidos com a pesquisa, o treinamento e os projetos de continuidade, promete um futuro encorpado para o teatro de grupo potiguar.

Em termos gerais, a sensação é de que a retomada do movimento de teatro de grupo que aconteceu há pouco mais de uma década no País, após a chamada "era do diretor", finalmente ecoa na cena nordestina. Os grupos mais antigos, que sobreviveram a duras penas, agora ganham força de uma nova geração de coletivos, apontando para boas perspectivas para o teatro de grupo da região.



*Diretor e ator do Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare, de Natal, RN.
Este artigo contou com a colaboração de Rogério Mesquita e Wagner Heineck.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

RN: Lei Estadual Câmara Cascudo funciona com orçamento restrito e sofre com a falta de uma regulamentação adequada, o que resulta em arbitrariedades e falta de uma regulamentação adequada, o que resulta em arbitrariedades e falta de critérios da comissão.

Lei Municipal Djalma Maranhão funciona de forma precária, mas tem eventualmente possibilitado algumas realizações.

Ambas trabalham com isenção fiscal.

CE: Fundo Estadual de Cultura.

Lei Jereissati em revisão (isenção fiscal).

MA: Possui lei estadual, mas não saiu do papel.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

RN: COOPERARTE cooperativa não só de teatro que funciona mais como uma fornecedora de notas fiscais do que realmente como entidade representativa.

SATED entidade mal vista pela classe e compra constantes brigas com os artistas e grupos. Há alguns anos os artistas de teatro do Estado tentaram criar um sindicato paralelo, mas a questão está parada na justiça desde então e a articulação se dissipou.

CE: Federação Estadual de Teatro (FESTA), SATED e a Associação de produtores teatrais (APTECE). A federação faz um importante trabalho de catalogação dos grupos do interior do estado. A situação com o SATED é semelhante ao RN.

MA: SATED voltou a funcionar com a intenção de criar uma cooperativa e a cobrar pelo funcionamento da Lei de incentivo. A classe artística maranhense que vinha desarticulada começa agora a se organizar, ainda a passos lentos, mas com boas perspectivas.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NOS ESTADOS: (nos três estados, a relação dos grupos ficou restrita aos mais significativos, e àqueles que retornaram as informações solicitadas):

RN: 19 grupos.

CE: nove grupos.

MA: quatro grupos.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

RN: seis espaços geridos por grupos.

CE: três espaços geridos por grupos.

MA: dois espaços geridos por grupos.



OS GRUPOS DE TEATRO EM JOÃO PESSOA PB

PARAÍBA por Buda Lira*

Este breve panorama sobre o trabalho em grupo no teatro de João Pessoa não pretende cobrir todo o tema, apenas indicar algumas dessas agremiações, suas principais características, modos de atuação, notadamente nas últimas quatro décadas, e que são referências para o Teatro Paraibano.

Começemos pela "Juventude Teatral de Cruz das Armas", formado, entre 1957 a 1960, por jovens moradores de um bairro popular e populoso da capital, inspirado no teatro do estudante e estimulado pela Igreja São José Operário, primeira sede do grupo. Posteriormente, foi realizada uma campanha de doação de material e outras iniciativas que resultaram na fundação do seu espaço próprio, Teatro da Juteca.



O grupo já não existe e a Igreja S.J.O. vem envidando esforços para a recuperação desse Teatro que se encontra em ruínas desde final dos anos noventa. Novo projeto arquitetônico já foi elaborado e há perspectivas de recuperação do equipamento que deve se voltar para atividades culturais diversas, inclusive como forma de contribuir para a diminuição da violência que atinge a juventude do bairro.

O Piollin Grupo de Teatro veio um pouco depois, em abril de 1977, e marca a trajetória de um núcleo de atores liderados por Luiz Carlos Vasconcelos e Everaldo Pontes, que ocuparam, naquele período, salas abandonadas do antigo Convento Santo Antônio em busca de um espaço para estudos, pesquisa e produção do teatro.

Esse grupo de atores funda a Escola Piollin, transformando-a rapidamente num centro de articulação entre artistas e outros setores da cultura no final da década de setenta e primeira metade da década de oitenta, e mantém-se como um centro de estudo e produção do teatro, além de colaborar na formação de crianças, adolescentes e jovens moradores do Bairro do Roger e de comunidades vizinhas, próximas da sede do grupo.



Daquele mesmo período, final dos anos sessenta e início dos anos setenta, registramos o surgimento do Grupo Tenda, liderado pelo veterano diretor e ator

Geraldo Jorge e o diretor Leonardo Nóbrega(*in memoriam*), com uma produção voltada para o público infantil, e o Teatro Bigorna, que completa quarenta anos em agosto do próximo ano. O Bigorna, que acompanha a trajetória do seu criador, o diretor e ator Fernando Teixeira, conquistou ano passado uma sede, através de edital público do Governo do Estado, onde desenvolve os seus estudos e ensaios no antigo Grupo Tomas Mindello, no centro histórico da cidade.

Entre a "velha guarda" e a "jovem guarda" dos grupos paraibanos, identificamos estes grupos que surgiram na segunda metade da década de oitenta e início da década de noventa: a Agitada Gang com vinte anos de estrada e que tem no seu repertório/produção espetáculos voltados para o público infanto-juvenil, alternando na direção dos seus trabalhos, diretores convidados e criação do próprio grupo; a Cia. Paraibana de Comédias que atua exclusivamente na produção desse gênero, inspirado em grupos como a Bofetada (Salvador, BA), com grande repercussão de público e que mantém um núcleo de atores e uma sede - um casario no centro histórico da cidade; a Cia Ôxente, tocada pelo diretor Misael Batista e os atores Genário Dumas e José Maciel, dentre outros(as); e, por último, vale lembrar do Grupo Quem Tem Boca é Pra Gritar, que produzia teatro de rua na cidade de Campina Grande e se transferiu pra João Pessoa, no final do século passado e início deste, chegando a adquirir um prédio no centro histórico da cidade. Parte desses grupos tem como ação principal a produção de espetáculos e a manutenção de seu repertório, alguns procuram aliar esse trabalho de produção com uma ação mais investigativa.

Ainda, nessa mesma direção, com um pouco mais de dez anos de existência, ressaltamos a atuação do Grupo "Contra Tempo" criado pelo ator e diretor Ângelo Nunes (*in memoriam*), o ator e diretor Dullio Cunha e a atriz Zezita Matos. Lembrando que o Ângelo participou intensamente do processo de criação do espetáculo "Vau da Sarapalha", sendo o responsável pela operação de luz, e era integrante do núcleo Piollin - centro cultural e grupo de teatro.

Da safra nova, é importante registrar os grupos Graxa, formado por universitários, na maioria estudantes do Curso de Especialização do Departamento de Teatro da UFPB, o Geca - Grupo Experimental Cena Aberta, coordenado pelo ator e jovem diretor Marcos Pinto (este inspirado no trabalho itinerante do diretor galego Moncho Rodrigues), além dos Argonautas, "Deuzerohoravamoembora", Cia Boca de Cena, dentre outros.

Essa nova leva de grupos tem uma atuação com base na existência dos antigos grupos e, acredito, no trabalho do Curso de Especialização em Teatro do Bacharelado em Teatro, desdobramento do Curso de Educação Artística (criado

em 1977 juntamente com a retomada do chamado teatro universitário e ações de extensão implantadas desde então: cursos, mostras, festivais, construção do Teatro Lima Penante).

O tema, aqui e agora, não cobre a existência de núcleos de teatro nos bairros e outras iniciativas. Não cobre especialmente as muitas questões que atravessam a forma de organização, criação e produção desses grupos e a necessidade de uma ação integrada entre essas agremiações. É preciso mesmo dizer da ausência de uma pesquisa nesse instigante tema, tanto em João Pessoa como em todas as outras regiões da Paraíba, que recupere a trajetória desses núcleos, pelo menos nesses últimos cinquenta anos.

*Ator - Piollin Grupo de Teatro



LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

FIC Augusto do Anjos Fundo de Incentivo à Cultura do Estado.

Fundo Municipal de Cultura da cidade de João Pessoa.

Fundo Municipal de Cultura de Campina Grande.

Lei Padre Alfredo Barbosa da cidade de Cabedelo (Mecenato).

Fundo Municipal de Cultura da cidade de Cajazeiras.

FUMINC Fundo Municipal de Sousa

(a lei existe, mas funcionou apenas uma vez por ordem judicial).

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

SATED/PB Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão.

Federação Paraibana de Teatro.

Associação Campinense de Teatro (Campina Grande/PB).

Associação Cajazeirense de Teatro (Cajazeiras/PB).

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DA PARAÍBA:

Aproximadamente 60 grupos de teatro.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR

GRUPOS OU ENTIDADES: 12 espaços geridos por grupos ou entidades.



ENTRE ESPAÇOS

Teatro pernambucano aperta-se para mostrar a cara

PERNAMBUCO por Leidson Ferraz*

Cerca de doze a vinte e cinco produções teatrais ficam em cartaz no Recife a cada novo final de semana. Dessas, muitas são montagens modestas, que ocupam teatros menores ou espaços totalmente alternativos como a sala de estar na residência de um produtor, mas há também atrações cênicas de maior porte nas casas tradicionais, além das montagens de rua que circulam especialmente na Região Metropolitana. Se por um lado a quantidade de opções teatrais é considerável, o que mais se escuta nas conversas entre produtores, diretores e atores é que Recife é uma cidade sem teatros. As dificuldades de pauta são tantas que algumas casas de espetáculos apostaram num revezamento constante de produções, o que, de certa forma, inviabiliza o sucesso de qualquer empreitada financeira.

Com tanta rotatividade cênica, grupos de teatro surgem e desaparecem com a mesma facilidade, inclusive no interior do Estado que, vez ou outra, dá sinais de intenso fôlego. Daqueles considerados verdadeiramente grupos - pela seqüência de trabalhos constantes, pelos anos dedicados a uma pesquisa de linguagem ou mesmo pelo achado de uma estética própria - é comum manterem uma determinada peça em atividade por longos anos, mesmo que as apresentações tornem-se esporádicas. O fato é que Pernambuco hoje vive uma proliferação de conjuntos teatrais que são um mix de grupos teatrais, companhias e produtoras teimando em ser profissionais, muitos destes, frutos do encontro entre estudantes ou ex-alunos do único curso



universitário de artes cênicas no Estado, o de Licenciatura à Educação Artística na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Sem distinção alguma para quem concorre ao Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura ou ao Sistema de Incentivo à Cultura Municipal, da Prefeitura do Recife, únicas formas de financiamento no Estado, até o momento, o problema é que não há um projeto específico que contemple grupos considerados estáveis, palavra praticamente inexistente no mercado teatral pernambucano. E, assim, sofrendo devido às crises financeiras, até mesmo aqueles que perduram por uma ou pouco mais de duas décadas em atividade acabam enfrentando um revezamento constante na equipe, com alguns poucos líderes tentando levar adiante sua trajetória de "grupo". Das entidades representativas, três são voltadas para o teatro de grupo, a Federação de Teatro de Pernambuco, a Associação de Teatro de Olinda e o Movimento de Teatro Popular de Pernambuco, todas destacando-se muito mais pelo ideal que as faz existir do que propriamente por suas realizações e conquistas. No meio de tantas dificuldades, raros são aqueles grupos que conseguem manter um espaço cultural com salas para ensaios ou uma casa própria de espetáculos, a receber produções suas e de outros conjuntos, das mais diversas tendências, além de oficinas ou festivais. E essa tem sido a realidade pernambucana, cujo teatro teima em se manter vivo, pulsante e instigante, não somente preso ao rótulo do 'nordestinês', mas tentando ficar antenado com as inovações do mundo.



*Ator, jornalista e pesquisador teatral, organizador do projeto Memórias da Cena Pernambucana, com três livros já lançados, resgatando a trajetória de grupos, companhias e produtoras teatrais em todo o Estado.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

FUNCULTURA Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura/ (financiamento estadual direto).

SIC Municipal /Recife Sistema de Incentivo à Cultura Municipal (para captação de recursos).

Fundo de Cultura da Cidade de Olinda -

Em processo de implementação.

A lei já foi sancionada.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

APACEPE Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco | Tel. (81)3421.8456/ 3423.3186 | apacepe.apacepe@gmail.com

ARTEDAP Associação dos Artistas de Teatro e Dança de Petrolina | chicoegidio@yahoo.com.br

ARTEPE Associação de Realizadores de Teatro de Pernambuco | artepe2004@bol.com.br

ASSARTIC Associação dos Artistas de Caruaru
Tel. (81)3722.5417 | assartic@yahoo.com.br

Associação Estação da Cultura (Arcoverde)
estacaodacultura@hotmail.com

ASTEJ Associação de Teatro do Jaboatão (Jaboatão dos Guararapes) | astej-jaboatao@hotmail.com

ATO Associação de Teatro de Olinda
ato.pe@hotmail.com

FETEPE Federação de Teatro de Pernambuco
Tel. (81)3077.1441 | feteape@yahoo.com.br

MTP/PE Movimento de Teatro Popular de Pernambuco | mtp_pe@yahoo.com.br

SAGA Sociedade dos Artistas de Garanhuns
sociedadedosartistas@hotmail.com

SATED/PE Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de Pernambuco
Tel. (81)3424.3133 | sated-pe@ig.com.br

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO:

São centenas de grupos ainda atuantes em todo o Estado

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

Já foram contabilizados mais de setenta espaços no Estado de Pernambuco, sendo que 40% sem condições de uso e menos de 8% geridos por grupos ou entidades. Informações sobre todos estes espaços teatrais: www.teatrope.com

campeiros em territórios

isolados

ALAGOAS E SERGIPE por Lindolfo Amaral*

Parece que a idéia de Teatro de Grupo ou melhor, os princípios e as relações que fundamentaram o surgimento de diversos grupos na década de 1970, principalmente na região Nordeste, sofreram alterações profundas nos últimos dez anos.

Em duas experiências recentes, desenvolvidas fora do Imbuiaça (Grupos Oxente de Teatro/SE e Joana Gajuru/AL), houve a oportunidade de trabalhar com elencos mistos, formados por atores dos grupos e convidados. O fato é que, dessa junção surgiu uma dicotomia entre quem é do grupo e quem só tem obrigação com aquela montagem específica, quem está ali só para ensaiar e apresentar o espetáculo. Conseqüentemente, as relações de trabalho são distintas entre esses dois blocos.

Em um dos exemplares da revista Máscara (1991), fruto do movimento de Teatro de Grupo, cujo primeiro encontro ocorreu sob a coordenação do Fora do Sério (Ribeirão Preto/SP), Fernando Peixoto escreveu um artigo sobre as bases desse formato de fazer teatro. Tendo como referência as impressões do nobre companheiro, vale a pena refletir lançando um olhar no mencionado texto



e levando em consideração as práticas existentes nos Estados de Sergipe e Alagoas, que não estão distantes de outras experiências espalhadas pelo País. Muita coisa mudou nas relações internas.

Uma das características do Teatro de Grupo é um elenco permanente que desenvolve pesquisa em torno de uma linguagem cênica ou que constrói uma série de ações levando em consideração alguns princípios. Hoje são poucos os coletivos existentes, e praticamente todos trabalham com elencos fixos e atores convidados, criando assim uma nova relação no campo da atuação e, conseqüentemente, uma nova categoria surgiu dessa bifurcação: os que são proprietários e os outros profissionais. Dessa dicotomia apareceram outros problemas, entre eles a fragilidade de não se ter elencos fixos e o trânsito desses atores que estão constantemente pulando de um grupo para outro.

Não há compromisso com a estrutura de grupo, salvo algumas exceções.

Em Sergipe existem diversos grupos. São eles: Strutifera Navis, Oxente de Teatro, Cia. Mafuá, Raizes, Mamulengo de Cheiroso, Ciranda de Espetáculos, Imagem, Usina de Teatro, Os Picaretas, Grupo Imbuaça (celebrou seus 30 anos de trabalho no último dia 28 de agosto), dentre outros. Todos estão trabalhando com atores convidados além do seu elenco fixo. A manutenção do repertório é uma das dificuldades que esses grupos vêm enfrentando com essa nova realidade.

Alagoas também tem diversos coletivos de trabalho: ATA (um dos grupos mais antigos do Brasil), Joana Gajuru, Cia. da Meia Noite, Nega Fuló e alguns outros que vêm enfrentando problemas com seus elencos.

Como surgiu essa bifurcação e por que manter esse quadro?

Parece que as relações de trabalho terminam alterando algumas práticas consolidadas dentro desse universo. Não há regra nem receita. A definição sobre Teatro de Grupo está longe de ser algo fechado, pois o que serve para uns não serve para outros. É dessa diversidade de relações que as vivências são construídas, estabelecendo-se novos parâmetros para as ações coletivas. Então, o que é Teatro de Grupo ou Coletivo de Trabalho? Quem manda e quem obedece? Existe uma relação nos moldes patrão e empregado ou todos são iguais, compartilham dos mesmos direitos e deveres? Não se pode mascarar uma prática vivenciada em todo o País. É necessário entender esse novo momento de conquistas e retrocessos.



Alguns ocupam espaços (inclusive físicos) de destaque dentro de determinados contextos, advindos de lutas no campo político-partidário ou mesmo da luta cotidiana oriunda do trabalho desenvolvido dentro dos coletivos. Outros não tiveram os mesmos êxitos, continuam na periferia com suas ações, vivendo à margem. São pequenos territórios isolados teimando em resistir à frenética loucura do dia-a-dia, bem como à falta de patrocinadores ou de qualquer outro apoio que possa manter viva a chama de um teatro que tem compromisso com a sua gente, sua comunidade, seu povo (e não se pode abrir aqui um debate sobre o conceito de povo, porém, quando se fala para sua aldeia, deseja-se falar para o mundo).



Com o surgimento do Programa Cultura Viva (2004), do Ministério da Cultura, muitos grupos estão vivenciando um novo momento em suas práticas: construindo uma nova perspectiva na consolidação dos seus elencos, alguns criando cursos de formação de ator e outros estabelecendo novas experiências com as suas comunidades. Para os que estão tendo essa nova oportunidade de desenvolver um projeto com a duração de, no mínimo, dois anos, existe muito para contar sobre esse novo momento entre as esferas pública e privada.

*Integrante do Grupo Imbuça.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

SE: Existe a Lei Municipal de Incentivo à Cultura, mas está desativada há seis anos.

AL: Lei Municipal de Incentivo à Cultura em funcionamento.



ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

SE: **SATED** praticamente desativado.

AL: **SATED** funciona precariamente.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO:

SE: 12 grupos.

AL: 14 grupos.



ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

SE: um grupo com espaço fixo.

AL: nenhum.

teatro de grupo e

BAHIA por Gordo Neto*

A Bahia nunca deixou de ter o Teatro de Grupo como uma grande força, por vezes, fundamental nas artes cênicas. Podemos lembrar alguns nomes, como "Teatro dos Novos", "Avelâz y Avestruz", "Teatro Livre da Bahia" e "Carranca", entre outros tantos, não menos importantes; e os mais recentes, surgidos a partir da década de oitenta, noventa: "Los Catedrásticos", "Cia. Baiana de Patifaria" e "Bando de Teatro Olodum" - alguns dentre eles ainda em plena atividade.

Outra fase e outra safra de grupos locais me parecem ter se formado pela iniciativa do Teatro Vila Velha, a partir de 1994, ao criar os "grupos residentes" do teatro. Outro fator importante foi a criação da Cooperativa Baiana de Teatro que tanto recebeu grupos quanto os incentivou a surgir, e o papel da Escola de Teatro, com alguns grupos idealizados lá, formados por alunos, ex-alunos e professores. Ainda é preciso salientar o papel do Teatro de Rua, movimento que ganhou ainda maior expressividade nos últimos anos.

Bom, o título deste pequeno texto sugere uma diferença entre o Teatro de Grupo e o Grupo de Teatro. O primeiro, no meu entender, aquilo que resulta do trabalho contínuo de um Grupo de Teatro, que contempla outras atividades para além da cena, artística ou não, que fomentem as discussões estética, ética e política do fazer teatral. O segundo, um agrupamento de atores - circunstancial ou de forma mais duradoura - para fazer teatro.

Grupos de Teatro podem ou não ter como resultado um Teatro de Grupo. Nisso não faço absolutamente nenhum juízo de valor ao espetáculo, à *performance* deste ou daquele grupo, mas sim, uma justa clarificação do que seja uma coisa e outra. Não podemos confundi-las. A relevância dessa distinção entre Teatro de Grupo e Grupo de Teatro me parece importante nesse momento do teatro em Salvador e em nosso Estado - mesmo que eu tenha levantado alguns grupos do interior, este intercâmbio capital/interior é muito discreto, assim como modesta é, infelizmente, a nossa relação com o Nordeste.

grupo de teatro

Digo que o Teatro de Grupo nos é importante hoje porque poderia assumir algum lugar no "pensamento" das artes cênicas local. Quem estaria hoje discutindo o nosso teatro? Quem estaria hoje propondo ações para além da cena? Quem estaria hoje ocupando grande parte das salas, ruas e dos espaços alternativos da cidade? O subjuntivo está em cada pergunta porque tenho a impressão de que, apesar de grande esforço nesse sentido, e, felizmente, algum resultado, nós não estamos fazendo isso a contento. Ou estaríamos?

*Ator, diretor e membro do Colegiado do Teatro Vila Velha.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Lei Viva Cultura / Municipal (incentivo fiscal no valor de 400 mil/ano).

Lei Fazcultura / Estadual (incentivo fiscal no valor de 15 milhões/ano).

Fundo de Cultura da Bahia (verba de 30 milhões/ano).

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

Cooperativa Baiana de Teatro contato@cooperativabaianadeteatro.com.br

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DA BAHIA:

23 grupos cadastrados, há muitos outros na capital e, sobretudo, no interior, porém não estão cadastrados.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

cinco grupos residentes do Vila têm espaço próprio.

Realidade *e diversidade* do teatro de grupo *no Mato Grosso*

MATO GROSSO por Giovanni Araújo*

No Mato Grosso a população procura entretenimento. Tanto no interior como na capital, o que tem sucesso garantido são os shows musicais teatrais com personagens típicos estilizados, como a dupla Nico e Lau, que se apresentam em teatros ou eventos. Uma pequena parcela dessa população, além desse tipo de teatro de entretenimento, procura o teatro e assiste a tudo, tanto o teatro comercial como o teatro de arte. Os grupos que atuam seriamente conseguem seu público. Temos uma Lei Estadual de Incentivo à Cultura e outra em Cuiabá, que é apenas Municipal. Os grupos disputam as verbas destinadas à produção de seus espetáculos e eventos culturais entre si e entre a canalhice politiquêira que reina por aqui. Só pra citar apenas um exemplo, até "festa do pastel" já teve projeto aprovado, inviabilizando a execução de vários projetos realmente artísticos. Não podendo, entretanto, os teatreiros viver de bilheteria, complementam seu tempo dando aulas, trabalhando em teatro-empresa, fazendo comerciais de televisão e outras funções do ator.

Nesses tempos em Cuiabá alguns eventos teatrais começam a se fundar profundamente pelo amor e fé de se tornarem sérios e úteis. É o caso do Festival Nacional de Teatro de Cuiabá, promovido pelo Teatro Fúria, que trouxe capacitação, intercâmbio, incentivo à formação de público e à descentralização dos espetáculos; a Mostra Guaná, promovida pelo SESC Arsenal que, além da mostra anual, possui várias iniciativas fixas semanais, mensais, semestrais e anuais, como cursos, espetáculos fora do eixo Rio/São Paulo, intercâmbios, oficinas etc. Não temos faculdades de teatro. Os teatreiros que querem se integrar a academia geralmente viajam para São Paulo, Rio de Janeiro ou Curitiba.

O fato dos jovens não terem "Artes Cênicas" como opção para o estudo acadêmico faz com que a distância entre artistas e sociedade aumente cada vez mais, fazendo com que a sociedade enxergue o teatro realizado aqui como algo amador, valorizando mais o teatro de outras regiões, especificamente as "comédias globais".

Não há muito como pulverizar os conhecimentos pouco pragmáticos. Temos poucos fatos de artistas ministrando oficinas permanentes em escolas e em alguns espaços culturais, não há programas de capacitação ou cursos técnicos para os artistas e nem para que estes artistas tenham a possibilidade de repassar seus conhecimentos.

Espaços realmente estruturados e equipados na medida do possível para receber espetáculos são o SESC Arsenal e o Teatro da UFMT - a política do SESC nos beneficia, pois abraça somente peças alternativas e cobra pela bilheteria, já a UFMT, com seu aluguel caríssimo, acolhe apenas peças de outros Estados. Por esse fato, criou-se um costume na utilização de espaços alternativos, apresentações em sedes, casas destinadas para shows musicais, dentre outros.

*Diretor do Teatro Fúria.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Cuiabá.

Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

Não existem.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DO MATO GROSSO:

11 grupos estimados.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPO OU ENTIDADES:

nove espaços geridos por entidades.





TEATRO DE GRUPO EM

GOIÁS

GOIÁS por Marcus Fidelis*

O teatro de grupo em Goiás padece de uma crônica falta de apoio. Não existem programas públicos ou privados para a manutenção, nem que contratem apresentações por um valor razoável. Seriam cerca de 70 agrupamentos no Estado, um terço deles no interior, considerando-se desde trabalhos comunitários, escolares, até produtores que fazem teatro-empresa ou escola. A maioria dos grupos melhor estruturados está em Goiânia, onde tem-se valido da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Goiânia e também de um programa da Secretaria da Educação do Município que seleciona espetáculos para apresentação em sua rede. A Lei Estadual de Incentivo não funciona a contento e o SESC dá os primeiros passos no fomento ao teatro: este é o segundo ano em que traz espetáculos pelo Palco Giratório e começou um projeto de apresentações em um de seus clubes.

Nesse quadro, a cultura de teatro de grupo é incipiente. Há um movimento de grupos que têm se dedicado à pesquisa e para isso têm buscado arejar suas idéias através de oficinas, intercâmbios e trabalhos

de direção com artistas individuais ou grupos como Lume, Barracão, Norberto Presta, Tadashi Endo, Imbuaça, Moitará, Luis Louis, André Carreira, Hugo Rodas e Mariozinho Telles. Nesses grupos, encontram-se artistas com mais tempo de estrada e outros mais jovens, muitos deles egressos do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (UFG), criado no fim da década de 1990.

Por ser um processo recente, os grupos têm explorado várias possibilidades, com ênfase no trabalho de ator. Em diversas vertentes, têm sido utilizadas técnicas de teatro de rua, teatro de máscara, *clown*, circo, butô, teatro físico, contação de histórias, entre outras, em busca de sustentação para um estilo único e próprio. Não se tem dispensado, também, esforços para dar qualidade às produções, esmerando-se nos aspectos visuais e sonoros, agregando artistas de outras áreas. Os grupos com maior força nesse contexto de formação de uma cena teatral goiana são o Teatro Reinação, a Cia. Trapaça, a Cia. de Teatro Nu Escuro, o Grupo Zabriskie Teatro, o Grupo Teatro que Roda, o Grupo Teatro Ritual e o Grupo Bastet. Grupos com formação mais recente e consolidando seu trabalho são a Cia. Sala 3, o Grupo Oops!, a Cia Novo Ato, o Grupo Marula e a Cabessa de Vaca Cia. de Teatro. Há dois grupos vinculados à Coordenação de Arte e Cultura da Universidade Católica de Goiás, o Grupo Arte e Fatos e o Grupo Guará. Grupos com um trabalho de fortes raízes locais são o Grupo de Teatro Exercício, o Grupo Theatral Arte e Fogo, o Grupo Abaporu, a ACT - Associação Casa do Teatro, a Cia. In Cena e o Grupo Trupicão. Possuem espaços o Nu Escuro, o Zabriskie, o Que Roda, a Casa do Teatro, e os da UCG.

*Fundador e coordenador do Grupo Zabriskie Teatro.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Goiânia.

Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

FETEG Federação de Teatro do Estado de Goiás - feteg2005@yahoo.com.br

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DE GOIÁS:

70 grupos estimados, sendo 45 na capital e 25 no interior.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

cinco grupos têm espaço próprio ou alugado.



UM TEATRO QUE RESISTE

DISTRITO FEDERAL por Francis Wilker*

Na era do virtual-fragmentado-descartável-veloz, entre tantos termos associados à contemporaneidade, a primeira questão que me desafia diz respeito ao sentido de estarmos juntos: o grupo. O que significa teatro de grupo hoje? Quais são as configurações de um grupo? Quais são as dificuldades para um grupo de teatro se manter? Qual é o cenário do teatro de grupo no DF? Brasília é uma jovem senhora com seus 47 anos. Muitos são os olhares que definem a cidade. Entre os versos de Nicolas Behr inspirados na capital, um me chama muita atenção: **"Brasília é a solidão dividida em blocos"**.

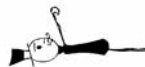
Partindo desse olhar para a cidade, como está o teatro na capital do País? Numa perspectiva histórica, muitos grupos surgiram e desapareceram nesses quase cinquenta anos. Certamente descontinuidade é o melhor termo para definir o panorama geral do teatro de grupo no DF. Isso se deve, principalmente, à carência de políticas públicas de cultura que possam assegurar a continuidade dos grupos e suas pesquisas. A produção local é marcada por diretores em torno dos quais flutuam elencos variados. Quanto aos grupos, a maioria não tem sede própria e muitas vezes carece de espaços para ensaios; não há projetos de residência artística ou incentivo do governo local para a manutenção de grupos; a produção e a difusão são concentradas no Plano Piloto, exceto raras iniciativas nas cidades de Taguatinga, Gama, Planaltina e Ceilândia. Para agravar esse quadro, dificilmente os espetáculos permanecem em cartaz por mais de três fins de semana e não há projetos estruturantes de produção e circulação nas 28 cidades satélites.



MU ORTAET ETISER

A diversidade de linguagens é uma marca positiva na criação local. Entre os grupos em atividade, poderíamos distinguir os seguintes caminhos estéticos: grupos que se dedicam à investigação do diálogo entre teatro e as técnicas do circo e do palhaço (Circo Teatro Udi Grudi, Celeiro das Antas, Companhia do Riso, Circo Teatro Artetude); outros que exploram o teatro de bonecos e suas variantes (Circo, Boneco e Riso, Mamulengo Presepada, Grupo Pirilampo de Teatro de Bonecos e Atores, Bagagem Cia. de Bonecos); grupos que se dedicam à comédia e ao humor e que têm público fiel (Os Melhores do Mundo, G7, Cia. de Comédia Os Anônimos da Silva); há ainda o teatro de rua que fez história nos espaços amplos da cidade (Esquadrão da Vida); e um grupo voltado às conexões entre cultura popular brasileira e linguagem teatral (Cortejo Cia de atores). Outros grupos apresentam uma perspectiva interdisciplinar de livre experimentação e que, a cada processo, investigam distintas possibilidades de linguagem (O Hierofante, Piramundo Cia.teatral, Mundin Cia. de teatro); já o Grupo Cabeça Feita, composto por artistas negros, tem o seu foco na inserção do artista negro no mercado de trabalho; o processo colaborativo e a criação a partir do depoimento pessoal dos envolvidos dão a tônica dos processos criativos no Teatro do Concreto.

Para fugir dos blocos de solidão, entre as conquistas do movimento teatral, destaca-se a criação, em 2001, da Cooperativa Brasiliense de Teatro, que tem procurado dar sinergia à categoria e facilitado a mobilização, a formação e o intercâmbio. Além dessa iniciativa, uma lista na Internet, o Fórum de Teatro do DF, é importante ferramenta para facilitar a comunicação, a



mobilização e a articulação política. O momento revela uma safra de novos grupos que têm surgido dos cursos superiores em artes cênicas, advindos da Universidade de Brasília e da Faculdade Dulcina de Moraes, coletivos que começam a mostrar seus trabalhos e a escrever o nome numa história recente marcada pela resistência. Talvez fazer teatro de grupo seja justamente a forma encontrada para enfrentar tantos desafios, sentido expresso por alguns coletivos na velha rodinha antes de entrar em cena: "coloco minha mão sobre a sua, para que possamos fazer, juntos, aquilo que eu não sei fazer sozinho! Merda!".

*Diretor do Teatro do Concreto, graduado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. É professor do curso de teatro da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes desde 2004.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Fundo da Arte e da Cultura (FAC) atende às finalidades do Programa de Apoio à Cultura (PAC) | www.sc.df.gov.br/paginas/fac/fac.htm

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

Cooperativa Brasiliense de Teatro reúne 11 grupos e diversos artistas
www.teatrobrasiliense.com.br

Associação Candanga de Teatro de Bonecos reúne 20 grupos
actbonecos@hotmail.com | Tel. (61)9177.5458.

Fórum de Teatro reúne 100 artistas integrantes.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS DO DISTRITO FEDERAL: (Brasília e cidades satélites. Ainda não há um cadastro dos grupos da região): 45 grupos estimados.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES: oito grupos possuem espaço próprio ou alugado, alguns deles: Mundin Cia. de Teatro, Mamulengo Presepada, Bagagem Cia. de Bonecos, Os Melhores do Mundo, Circo, Boneco e Riso, G7.

OS GRUPOS DE TEATRO DE MATO GROSSO DO SUL

MATO GROSSO DO SUL por Lú Bigatão*

Uma das características da produção teatral no Estado de Mato Grosso do Sul é a permanência dos Grupos de Teatro. Dando continuidade a uma prática que teve início na década de 1970, junto com um movimento nacional encabeçado pela Confederação Nacional de Teatro Amador - CONFENATA, os grupos se aglutinaram em torno de uma Federação, e começaram a desenvolver suas atividades dentro da visão daquele movimento nacional. Aqui no Estado a Federação Sul-Matogrossense de Teatro (embora já tenha tido outras denominações) tem mais de 40 anos.

Precusores daquele movimento, dois grupos ainda mantêm suas atividades: o GUTAC (Grupo Teatral Amador Campo-grandense) e o TRANSART. Em seguida, surgiram o Teatral Grupo de Risco, Senta Que o Leão é



Manso, o Unicórnio e Anteato, todos criados na década de 1980, e mantendo ainda sua atividade teatral. Outros grupos surgiram depois, como República Cênica, Palco, Curumins, Trem Caipira, Oficina de Criação Teatral, Arte e Riso, entre outros. Existem hoje cadastrados na Fundação de Cultura de MS 55 grupos de teatro, sendo 30 na capital - Campo Grande - e 25 no interior do Estado, sendo que cinco deles têm sede própria.

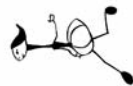
Mas o grupo, na maioria das vezes, é de apenas uma pessoa. Isto é, apenas o diretor é fixo e permanece por muitos anos na companhia. O elenco está em constante mudança. É uma característica de Campo Grande, capital de MS, a rotatividade dos atores. Em cada nova montagem se reúne um elenco variado, e assim os atores vão passando por todos os grupos.

Atualmente, duas companhias mantêm as características de um Teatro de Grupo, com direção, elenco e corpo técnico mais duradouro: o Teatral

Grupo de Risco e o República Cênica. Há oito anos, o Teatral Grupo de Risco mantém um espaço para ensaios e apresentações. Nesse período vem priorizando os temas regionais e construindo uma dramaturgia própria. O grupo tem quatro pessoas na diretoria e tenta manter um elenco fixo, embora sempre tenha atores convidados em suas peças. A companhia completa 20 anos de caminhada em 2008 e já encenou mais de 30 espetáculos no seu trajeto. Já produziu também alguns programas para televisão e dois documentários.

Experiências diferentes tiveram pouco sucesso nestas terras, ou seja, a montagem de espetáculos, com características profissionais, em que um produtor reúne diretor e atores com a finalidade de montar somente esta ou aquela peça. Na maioria das vezes em que isto ocorreu, a peça teve um tempo muito curto de vida e não se obtiveram os resultados financeiros desejados.

Outro fator determinante é a falta de patrocínio (como deve ser em diversas outras regiões do País). Mato Grosso do Sul tem sua economia sustentada pela agricultura e pela pecuária. Isso reflete diretamente na produção cultural do Estado, que, sem indústrias para viabilizar as produções, conta apenas com patrocínios de órgãos governamentais. O Fundo de Investimentos Culturais do Município é pequeno e não atende à demanda. Em 2007 apenas dois projetos de teatro receberam apoio de R\$ 15.000,00 cada. O Fundo Estadual está há dois anos sem lançar editais.



Nesta região é praticamente impossível conseguir captar recursos pela iniciativa privada, pela baixa densidade demográfica do Estado, que tem uma população de apenas dois milhões de habitantes. Embora consigam o certificado da Lei Rouanet, os grupos não conseguem captar recursos das grandes empresas, que preferem investir nos grandes centros. Nos últimos anos grupos conseguiram aprovar projetos pelo Ministério da Cultura, que vem tentando descentralizar suas ações.

*Jornalista e atriz formada pela EAD-USP, é mestre em Meio Ambiente. Reside em Campo Grande desde 1988, onde fundou o Teatral Grupo de Risco. Este texto teve a colaboração de Roberto Figueiredo – presidente da FESMAT- Federação de Teatro de Mato Grosso do Sul.



LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Fundo de Investimentos Culturais Municipal.

Fundo de Investimentos Culturais Estadual (há dois anos não lança edital, mas deve voltar em 2008).

Há uma manifestação e boas perspectivas de que o município disponibilize 1% da arrecadação para a cultura, o que daria em média R\$6 milhões/ano.



ENTIDADE REPRESENTATIVA:

Federação Sul-matogrossense de teatro Presidente: Roberto Figueiredo
Tel. (67)9221.4018.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL:

55 grupos estimados, sendo 30 grupos de Campo Grande e 25 do interior.

Contatos: Teatral Grupo de Risco | Lu Bigatão | Tel. (67)9221.6057
lubigatao@hotmail.com

República Cênica - Anderson Bernardes | Tel. (67)8116.3072



ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:
cinco têm espaço próprio ou alugado.

Minas de

MINAS GERAIS por Gustavo Bartolozzi*

"...nós avançamos no tempo como inundação avança: a água tem atrás de si a água, por isso é que se move, e é isso que a move."

José Saramago

Em Minas, alguns Grupos já estão perto de completar três décadas de trabalho ininterruptos, em plena atividade. E, por outro lado, não existe levantamento sobre a grande quantidade de Companhias que nascem e morrem no Estado. Em pelo menos 90 cidades, é em Coletivos Teatrais que a maioria dos artistas locais desenvolve sua arte, exercendo o importante papel de sustentáculo, tanto artístico quanto político¹ do teatro feito em Minas.

Em BH, é crescente o número de Coletivos que mantêm espaços próprios², hoje são no mínimo 20. Infelizmente, a grande maioria, aproximadamente 75%, não goza da mesma realidade. Quase a totalidade das Sedes está fora da área central. Muitas vezes, esses Espaços de Grupo atuam como núcleos multiplicadores e são as únicas referências artístico-culturais para as comunidades. Como essas atividades em tais localidades não são foco de interesse de investimento do mercado

Grupos

cultural e as ações do poder público não conseguem atingi-las, o segmento busca, como micropolítica, o fortalecimento desses Espaços, através de trocas, compartilhamento e integração entre si, buscando macropolíticas específicas de fomento e cessões de espaços públicos ociosos. Esses são os maiores paradigmas do Teatro de Grupo na capital. O Teatro de Rua teve o seu apogeu em meados das décadas de 1980 e 1990 e foi o maior prejudicado pela política de isenção fiscal. Hoje, algumas Companhias ainda resistem, se apresentam na rua, tentam se organizar e criar atividades.

A pesquisa, a investigação, o desenvolvimento de linguagem e a busca pela excelência artística em contraponto ao produto cultural imediatista ditam o modo de produção. Isso faz com que os Grupos, além de ter em repertório verdadeiras obras de arte, sejam fecundos construtores de um conhecimento técnico-teatral imenso e diverso. O patrimônio imaterial, artístico e cultural de que Minas Gerais dispõe, através de seus Grupos, é inigualável.



Politicamente o Teatro de Grupo tem um histórico de conquistas: "Naquela época, o Teatro de Rua ainda era considerado uma aventura, a procura de novas linguagens, um risco desnecessário, e o rótulo de experimental era pejorativamente pregado em nossas testas." (Depoimento de Grupos sobre a época da fundação do Movimento Teatro de Grupo de Minas Gerais / 92 - FIT Revista 1996 Número 2) . O segmento, mesmo que, infelizmente, siga "atordoad" por desentendimentos do passado, continua vigoroso e forte, tentando superar dificuldades, batalhando por novas vitórias e tentando viabilizar ao máximo as suas potencialidades estratégicas de proporcionar qualidade de vida e construir cidadania. Da luta dos que hoje labutam dependem os que vão nos suceder. Pois, como já se sabe, Grupos são minas e Minas é de Grupos.

*Ator, diretor e integrante da Cia. Candongas.

¹ Bons exemplos existem no Vale do Jequitinhonha, Vale do Aço, Triângulo Mineiro, Zona da Mata, Serra da Mantiqueira e região metropolitana de Belo Horizonte, dentre outras.

² Considera-se espaços Próprios como espaços de trabalho que os Grupos mantêm, não necessariamente adquiridos.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

Fundo Municipal de Incentivo à Cultura.

Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

Fundo Estadual de Cultura.

Cena Minas Prêmio Estado de Minas Gerais de Artes Cênicas.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

MTG Movimento de Teatro de Grupo de Minas Gerais (reúne 19 grupos).
Tel.(31)3224.8818 | mtg.minas@gmail.com

ATEBEMG Associação de Teatro de Bonecos do Estado de Minas Gerais (reúne aproximadamente 30 integrantes).

SATED/MG Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão de MG
Tel. (31)3224.8628.

ATU Associação de Teatro de Uberlândia (reúne 35 integrantes) | Tel. (34) 3236.1754.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DE MINAS GERAIS:

Aproximadamente 250 grupos.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

Aproximadamente dez espaços adquiridos e 60 alugados e/ou cedidos.



O TEATRO E A LEI

ESPÍRITO SANTO por Wilson Coêlho*

Discorrer sobre a realidade e a diversidade do teatro de grupo, levando em conta o movimento de teatro de grupo no Espírito Santo, começa com uma dicotomia. É dizer que a realidade, aceita como aquilo que se realiza, não aponta muitos caminhos para o que poderíamos entender como diversidade, embora aqui o espaço seja exíguo para um maior aprofundamento dessas questões.

Recorrendo um pouco à história, e sem querer alimentar a idéia do paraíso perdido, cumpre-nos lembrar que, no final dos anos 1980, neste Estado de 82 municípios, tínhamos mais de 90 grupos filiados à FECATA (Federação Capixaba de Teatro Amador), e que - hoje - não conseguimos atingir a casa de duas dezenas de grupos, se é que podemos considerar como grupo apenas uma logomarca que insista em tentar se afirmar como uma unidade.

O que poderíamos considerar como um avanço, de certa forma, implicou nossa derrocada, numa análise de conjuntura. Por exemplo, fomos um dos primeiros, senão o primeiro Estado, a criar uma lei de incentivo à produção cultural no País: a Lei "Rubem Braga". Se, num primeiro momento, tudo nos parecia uma

possibilidade de fortalecer os grupos em sua pesquisa de modo que nos propiciasse a definição de uma identidade para os mesmos, acabamos por inaugurar um novo personagem no movimento cultural, um tipo produtor, elemento desagregador do movimento teatral. Equivale a dizer que esse "produtor", ou trocador de bônus, acabou por se transformar numa figura mais importante que o artista-criador. Com um projeto aprovado na lei, é quase como se pudéssemos ler o *slogan*: "aluga-se corpo e voz". Assim, passou a contratar os atores-mercadoria de plantão. É que nesse processo não há o mínimo interesse na manutenção de um grupo de pesquisa, considerando a preferência pelo comercial, pela rapidez da montagem e curta vida útil da obra. Fazem-se algumas apresentações para prestar conta justificando o apoio e dá-se entrada em outro projeto.

Daí, um aspecto do real que dilui a diversidade, considerando a preferência por uma produção artística que se realize apenas com vistas aos resultados, um evento sem a mínima pretensão ou o compromisso com a reflexão sobre o mundo e o sentido que o emprestamos para que seja aceito como tal ou pela necessidade de transformá-lo.

*Coordenador da Escola de Teatro e Dança FAFL.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Lei Rubem Braga Município de Vitória.

Lei Municipal de Cariacica "João Bananeira" (Grande Vitória).

Lei Municipal de Vila Velha (Grande Vitória).

Lei Municipal de Incentivo de Cachoeiro de Itapemirim (em funcionamento).

Lei Municipal de Incentivo de Colatina (não está em funcionamento).

Não há Lei Estadual de Incentivo e nem Fundo Estadual para a Cultura.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

FECATE Federação Capixaba de Teatro | fecate_es@hotmail.com
Tel. (27)3223.2884

SATED/ES Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão do ES | www.satedes.org.br

Escola de teatro e dança FAFL Wilson Coêlho | Tel. (27) 3381.6923.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO:

15 grupos estimados.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

05 grupos possuem espaço, sendo eles:

Folgazões espaço alugado.

Tarahumaras espaço cedido.

Gota, Pó e Poeira utilizam um teatro municipal.

Os Tião utilizam um teatro municipal.

Teatro Campaneli escola de teatro.



MODOS DE PRODUÇÃO

RIO DE JANEIRO por Antonio Guedes*

Os grupos teatrais do Rio de Janeiro vivem numa atmosfera muito diferente do resto do País. Considerada uma espécie de Hollywood brasileira, por abrigar um grande número de estrelas da televisão, por sediar a principal emissora de TV do País e por exercer um grande fascínio sobre a população, trabalhar exclusivamente com teatro no Rio torna-se uma atitude quase revolucionária. O teatro profissional confunde-se com a televisão e os artistas vêem-se reféns dessa expectativa geral.

A ausência do Estado é inacreditável. Apenas para dar uma idéia, em se tratando de um Estado que almeja ser a capital cultural do País, nos últimos dez anos, o Governo Estadual criou apenas duas iniciativas de fomento às artes cênicas, as duas lançadas em 2001 – o que dá a medida eventual da iniciativa: o ProCena, um programa de fomento à produção de pouco mais de três milhões de reais, e um prêmio, de cerca de 800 mil reais, que destinava a cada categoria premiada um valor exorbitante, que seria mais bem aplicado se voltado para a produção de novos trabalhos. Num Estado cujo atual orçamento para a Cultura é muito próximo do zero, o fato de haver uma lei de incentivo fiscal tornou-se o principal foco de investimento para a região. Ou seja: temos uma Secretaria que se preocupa com as artes cênicas apenas a partir da perspectiva da renúncia fiscal.

A Prefeitura do Rio criou, há 12 anos, uma rede de teatros municipais que dotava cada teatro de verba própria para o desenvolvimento de atividades que dessem um perfil para cada espaço. Entretanto, esse projeto veio sendo esvaziado pela Prefeitura – incompreensivelmente, visto que continua no poder o mesmo prefeito que o criou – chegando ao total sucateamento dos teatros verificado hoje em dia.

Num quadro como esse no qual, por um lado, o *glamour* da televisão exerce enorme influência sobre a população e sobre o empresariado e, por outro lado, o Estado exime-se de criar políticas públicas voltadas para a produção artística, torna-se inevitável a existência de distorções e diferenças abissais entre os grupos de teatro atuantes no Rio de Janeiro.

São diversos os segmentos de grupos encontrados no Rio de Janeiro e, conseqüentemente, são variados os modos de produção que encontramos no Estado. Existem desde os grupos que, num hibridismo determinado pela sobrevivência, mesclam aos integrantes da companhia atores ou atrizes da televisão – que, diga-se de passagem, têm, em geral, uma grande vontade de experimentar o trabalho em teatro com gente de teatro – até grupos do interior que, por não encontrarem políticas públicas voltadas para o teatro no Estado, quase nunca conseguem chegar à capital.

No meio disso tudo, alguns poucos grupos conseguem desenvolver seus trabalhos com integridade graças ao apoio da Petrobras, que subvenciona algumas de suas atividades enquanto outros produzem de forma muito irregular, pois dependem de editais lançados, ora pela Prefeitura, ora pela Funarte, nunca pelo Estado. Num contexto como esse, a sobrevivência dos grupos está sempre ameaçada.

Os modos de produção dos grupos variam muito. Há grupos que conseguiram se organizar de forma a usufruir das leis de incentivo e vêm construindo uma boa relação com as poucas empresas – quase sempre



estatais - que lançam editais de participação através da Lei Rouanet ou das demais leis de incentivo; há grupos que, seja por não terem se organizado dentro do formato exigido pelas leis de incentivo, seja por desenvolverem trabalhos de pesquisa que não seduzem as empresas patrocinadoras, dependem exclusivamente dos editais lançados pelo poder público; e há grupos que, apesar de não se inserirem em nenhum dos dois casos anteriores, encontram formas absolutamente alternativas de realização de seus espetáculos, lançando mão de antigas fórmulas, como a chamada produção de quermesse, na qual, de posse de um livro de ouro, recolhem doações das personalidades ou do comércio da cidade; ou de pequenas liberações de verbas das prefeituras, sempre vinculadas ao apoio político ou a contrapartidas voltadas para a rede pública de ensino; ou ainda o investimento na produção de pequenas somas em dinheiro ganhas em prêmios nos festivais competitivos que acontecem em todo o País.

Apesar da intensa produção teatral no Rio, as condições para a manutenção dos grupos são extremamente precárias, pois não há regularidade nos editais e os grupos que desenvolveram uma estrutura de captação através das leis de incentivo são obrigados a vincular a sua produção à realização de eventos. O mercado interno do Estado, ou seja, as possibilidades de venda de espetáculos - que permitiria um desdobramento das temporadas e uma maior sobrevida tanto do espetáculo quanto do próprio grupo -, limita-se aos circuitos organizados pelo SESC Regional. Existem cerca de 12 unidades no Estado que possuem teatros ou auditórios adaptados. É, portanto, um acanhadíssimo mercado que, por isso, leva os grupos da cidade a disputarem espaços em São Paulo.

Os grupos do Rio se organizam basicamente em três entidades sem fins lucrativos:

A Associação de Grupos e Cias do Rio de Janeiro é composta basicamente de grupos sediados na capital e pretende uma atuação sobretudo política, buscando a criação de ações que poderão ser abraçadas pelo poder público. Os grupos integrantes desta Associação se encaixam, em sua maioria, no rol de coletivos que, sem ter uma estrutura de captação bem organizada, dependem quase que exclusivamente do lançamento de editais públicos de fomento.

A Fetaerj, entidade fundada há 30 anos como uma Federação do Teatro Amador, e que hoje, buscando se livrar do estigma que a palavra impõe, trocou o amador da sigla por associativo. Tem abrangência estadual, representando mais de 60

grupos da capital e do interior do Rio. Trabalha na realização de eventos teatrais que têm como objetivos a difusão e o desenvolvimento das artes cênicas, através de oficinas, seminários, palestras, mostras, cursos e, principalmente, do Prêmio Paschoalino – o festival estadual de teatro da federação, que homenageia o patrono dos festivais, Paschoal Carlos Magno.

Não sendo uma entidade focada no trabalho de grupos, o CBTIJ se constitui principalmente de grupos voltados para espetáculos infantis ou infanto-juvenis. É de âmbito nacional e é, talvez, a instituição mais atuante no sentido de criar mercados de trabalho no Rio de Janeiro. O Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude foi criado em dezembro de 1995 e entre os objetivos da entidade está o de promover ações para divulgação, difusão e desenvolvimento do teatro. Além de propor políticas de acesso ao teatro, o CBTIJ tem também como meta ampliar os direitos culturais da criança e do adolescente e consolidar, perante instituições e governo, a igualdade no tratamento aos artistas que dedicam seu trabalho a este público em relação aos demais profissionais da área das artes cênicas.

*Integrante do Teatro Pequeno Gesto

LEIS DE INCENTIVO / EDITAIS E FOMENTOS: Não há informação.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

Associação de Grupos e Cias. do Rio de Janeiro grupos-e-cias@gruposocias.com.br

Federação de Teatro Associativo do Rio de Janeiro fetaerj@terra.com.br

Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude – CBTIJ
cbtij@cbtij.org.br

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

Não há estimativa.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

Não há estimativa.



Teatro de Grupo: • um espaço de *aliança* a favor da arte

SÃO PAULO por Tiche Vianna*

Tendo em vista as dimensões do Estado de São Paulo, nos parece que só será possível falarmos de Teatro de Grupo neste espaço se dermos uma pontuada em algumas das questões que aparecem mais à tona, quando pensamos sobre este tipo de teatro. Começando pela capital podemos dizer que o teatro de grupo reafirma sua potência ao multiplicar espaços próprios de atuação e aprofundar a inter-relação entre os tantos núcleos que surgiram nas décadas de 1980, 1990 e que surgem no século 21. Esses grupos têm permanecido em constante e contínuo trabalho artístico e político, lutando para que o poder público e a sociedade reconheçam e distingam suas realizações artísticas e seu comprometimento com o teatro dos produtos gerados pela indústria e pelo mercado cultural.

O enraizamento do Teatro de Grupo, através da conquista de espaços físicos, promove a formação de público integrando-se à realidade local em que estão inseridos, desloca o freqüentador de teatro entre diversos bairros e distritos da cidade e multiplica as diferentes linguagens apresentando, discutindo e refletindo sobre a diversidade e a qualidade de suas criações. O interior do Estado compartilha desse modo de produção que é definido pelo grupo para o desenvolvimento da arte teatral, sendo que em alguns municípios esse é o único modo de produção teatral. Muitas cidades não têm teatros nem tradição de apresentações de espetáculos e só mantêm uma relação com esta linguagem artística porque algumas pessoas, normalmente oriundas de outras áreas, formam grupos caracterizados como amadores, porque não sobrevivem de sua arte, que representam a única possibilidade de realização teatral que sua cidade

apresenta. Os festivais do interior também proporcionam a aproximação entre diversos grupos de diversas cidades e Estados de todo o País. É o caso dos festivais de São José do Rio Preto e São José dos Campos. O que temos observado nos últimos quatro anos é que a consciência de que é preciso organizar esses grupos para efetivamente ocuparem um espaço de representação junto à sociedade tem sido um caminho promissor na constituição de grupos fortes espalhados por diversas regiões do País. O movimento Redemoinho – seja através de sua secretaria, seja através do desdobramento de suas regionais – é um meio de acessar esse conjunto de grupos brasileiros de teatro, que têm em comum um espaço de compartilhamento, pesquisa e criação teatral. Em São Paulo, a Cooperativa Paulista de Teatro, responsável por aproximadamente 800 grupos, é uma opção para quem quiser acessar qualquer um de seus membros, e o Projeto Adhemar Guerra, da Secretaria de Estado da Cultura, pode ser um acesso para conhecer o trabalho de diversos grupos de teatro do interior.

*Atriz, diretora e pesquisadora da linguagem teatral no Barracão Teatro, espaço de investigação e criação teatral, em Campinas/SP.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

- . A maioria das cidades do interior do Estado não contam com leis de incentivo.
- . Em Campinas: Fundo de Investimento Cultural – FICC: R\$1,3 milhão para ser distribuído para toda a produção cultural da cidade, passando por museus e incluindo patrimônio.
- . O Estado de São Paulo tem programas de ações culturais como os PAC, que abrem editais, sem previsão de prazo para retorno dos resultados de suas aprovações e que na área de teatro são voltados para produção e circulação de espetáculos.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

Cooperativa Paulista de Teatro - Tel. (11)2117.4700 | www.cooperativadeteatro.com.br
Projeto Adhemar Guerra - projetoademarguerra@gmail.com
claudio.mendel@gmail.com | Tel.(11)3311.8887
Redemoinho Sede 2006/2007 | Tel.(19)3289.4275 | www.redemoinho.org
redemoinho.org

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DE SÃO PAULO:

1.306 grupos, sendo que a Cooperativa Paulista de Teatro representa 1006 grupos de teatro e o Projeto Adhemar Guerra representa 300 grupos entre não profissionais e profissionais.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPO OU ENTIDADES:

Não há estimativa.



A CARA ESCONDIDA DO TEATRO

PARANÁ por Marcio Abreu*

"Nós devemos preservar os lugares da criação, os lugares do luxo do pensamento, os lugares do superficial, os lugares da invenção daquilo que ainda não existe, os lugares da interrogação do ontem, os lugares do questionamento."

Jean-Luc Lagarce

O pensamento sobre o teatro ou a impressão que este causa na sociedade muda dinamicamente ao longo da história. O senso comum que muitas vezes considera o edifício teatral como lugar inacessível e o exercício da arte como atividade para poucos privilegiados, que vê o artista como ser especial, que ainda cultua "divas" no século 21 talvez esteja realmente em transformação.

Ao pesquisar para escrever este artigo e numa primeira olhada ao redor, do ponto de vista de quem está inserido na prática coletiva do teatro, o que vejo é uma intensa e crescente atividade de grupos em diversos campos da arte. Sintoma da decadência do individualismo? Necessidade de ser mais que um para ser ouvido em meio ao rumor surdo das cidades? Consciência de que a realidade existe também no nosso movimento em direção ao outro?

Quando penso na expressão "teatro de grupo", e tão somente nela, imagino uma redundância. Teatro é, por definição, uma atividade exercida em grupo. Ainda que sob diferentes formas de organização, o aspecto coletivo se impõe na prática teatral. Haverá sempre um momento inevitável de coletividade, seja na relação com uma equipe formada por técnicos, seja no encontro com o público. O sentido

mesmo do teatro, parece-me, é colocar seres em relação, em confronto, em reflexão e devolver à sociedade uma espécie de espelho mágico, cruel, fascinante, que nos revela sob a forma da arte, distorcendo, deslocando e interferindo poética e politicamente no mundo para que possamos percebê-lo, enfim.

Por outro lado, defender essa expressão que significa um posicionamento contrário ao silêncio reincidente dos poderes públicos e de outros setores da sociedade em relação à política cultural é prova de que redundar, muitas vezes, pode ser estratégia eficiente de oposição. Insistir na "inviabilidade" financeira, segundo os critérios do capital, da atividade contínua dos grupos, mostrar a cara escondida do teatro que surge renovada em cada canto do País têm sido a máxima de muitos artistas reunidos em diversas formas de agrupamentos e que insistem em existir dignamente numa sociedade muitas vezes hostil.

Os lugares de exercício da coletividade são responsáveis talvez pelas ações mais criativas e contundentes dos últimos tempos. Sem correr o risco de incorrer em exageros, não é engano afirmar que, num Estado como o Paraná, por exemplo, os grupos de artistas têm oferecido as ações mais arriscadas, que propõem rupturas com o velho e oferecem possibilidades para o novo, sem deixar de respeitar a memória e as conquistas históricas.



Nessa perspectiva me parece fundamental nos subjetivarmos como coletividade, assumirmos uma diversidade de práticas internas de criação e funcionamento que revelam e declaram o trabalho de grupo. O ato político de declarar-se como grupo e assim descrever uma trajetória criativa na sociedade talvez seja a melhor maneira de nos identificarmos no mar escuro e tempestuoso da política cultural no Brasil, já que discutir o caráter coletivo do teatro em si não é o que mais interessa.

Se me declaro publicamente como grupo, através da minha prática, isso é suficiente para me unir a outra coletividade, maior que meu pequeno grupo e cheia de fundamentais e inevitáveis diferenças. Como refinar relações de trabalho e parcerias ao longo do tempo? Como estimular o crescimento artístico de indivíduos? Como dialogar com o vizinho, o bairro, a cidade? Como encontrar modos de produção que levem em consideração a diversidade, reafirmando-a como expressão e cidadania? Como seguir?

*Diretor, ator, dramaturgo e integrante da companhia brasileira de teatro, sediada em Curitiba-PR.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Curitiba.

Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina.

Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Campo Mourão.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

SATED/PR R. Treze de Maio, 644, Centro | CEP 80510-030 | Curitiba/PR

Tel. (41) 3222.5040 | www.satedpr.org.br | secretaria@satedpr.org.br

SEPED/PR Tel. (41)3322.5733.

AbrIC/PR Associação Brasileira de Iluminação Cênica | Tel. (41)9977.7739

rzluzz@gmail.com | www.abric.org.br

APTB Associação Paranaense de Teatro de Bonecos | Tel. (41)3585.2396

cauetiteres@yahoo.com.br

APETI Associação de Profissionais e Empresários de Teatro Itinerante

Tel. (41)3585.2396 | cauetiteres@yahoo.com.br

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DO PARANÁ: 33 grupos*

*Dados fornecidos pelos grupos e companhias e entidades de classe do Estado do Paraná.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

Não há estimativa.

Teatro de grupo em Santa Catarina: resistindo ao isolamento

SANTA CATARINA por André Carreira*

O teatro de grupo constitui o eixo da produção teatral do Estado. Os grupos não são apenas responsáveis pela realização espetacular como também cumprem um papel decisivo nos fluxos da vida teatral do ponto de vista da ação política junto aos organismos públicos. As práticas dos grupos também representam uma significativa contribuição no que diz respeito à formação técnica¹ através da oferta de cursos e oficinas, o que contribui para a diversidade de modos teatrais.

O teatro dos grupos de Santa Catarina está permanentemente marcado pela busca do profissionalismo, tanto do ponto de vista do desenvolvimento de linguagem como da conquista de estruturas de trabalho, pois caracteriza a vida dos grupos, a dificuldade de estruturação de uma atividade financeiramente auto-sustentável. Há grupos que se dedicam exclusivamente ao fazer teatral, mas este fazer, via de regra, está combinado com alguma forma de prática de ensino. Os grupos catarinenses enfrentam dificuldades para implementar a circulação de seus espetáculos, e, principalmente, para realizar temporadas longas. Ainda que os grupos mantenham seus espetáculos por muito tempo, as apresentações costumam ocupar um ou dois finais de semana porque as pautas dos teatros não oferecem espaço para temporadas maiores.

Observando a distribuição dos grupos em SC, pode-se perceber que há uma concentração de grupos e de produções de espetáculos na zona leste do Estado, a saber, nas cidades de Criciúma, Florianópolis, Itajaí, Blumenau e Joinville.



Em diferentes cidades os grupos organizaram associações com o fim de defender seu espaço de trabalho e, principalmente, estabelecer melhores condições de diálogo com os poderes públicos². Existe no contexto estadual a Federação Catarinense de Teatro (FECATE) que reúne a ampla maioria dos realizadores teatrais do Estado.

¹Exemplos interessantes são a Cia. Carona (Blumenau) e Cia. Persona (Florianópolis), pois ambas mantêm escolas de formação de atores. Outros grupos como Experimentus (Itajaí) sustentam cursos permanentes de formação técnica e a Cia. Etc e Tal (Itajaí) mantém o NEFA com curso de teatro de animação. Em Santa Catarina existem atualmente dois cursos universitários de teatro, a saber, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e na Universidade Regional de Blumenau (FURB).

²Entre essas associações se destacam a ACATE, de Chapecó, a AJOTE, de Joinville, a ALTE, de Lages, e a GESTO, de Florianópolis.

*Diretor do grupo teatral (E)xperiência Subterrânea e professor do Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC.

LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS:

Há uma Lei de Incentivo Estadual, mas os grupos enfrentam dificuldades no processo de aprovação de projetos e de liberação de certificados para captação. Essa lei padece atualmente de uma norma, que implica esclarecer qual fatia dos recursos captados deve ser depositada no Fundo gerenciado pelo governo. Algumas cidades possuem suas próprias leis relacionadas aos impostos municipais. Santa Catarina já contou com prêmios de fomento ainda que de forma irregular. Nos últimos anos estes não têm sido implementados, e, quando são publicados editais de fomento, a entrega dos recursos, muitas vezes não é concretizada.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS:

FECATE Federação Catarinense de Teatro | www.fecate.org.br/grupos

ACATE Associação Chapecoense de Grupos e Artistas de Teatro (Chapecó)
nerigdepaula@yahoo.com.br | Tel.(49)3321.0058 3321.8590 3321.8642.

GESTO Associação de Produtores Teatrais da Grande Florianópolis
(Florianópolis) teatrogesto@yahoo.com.br | Tel. (48) 3335.0005.

AJOTE Associação Joinvillense de Teatro (Joinville)
dionisosteatro@netvision.com.br | Tel.(47) 3432.6654.

ALTE Associação Lageana de Teatro (Lages) | terearruda@iscc.com.br
Tel (49) 9918.9077.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DE SANTA CATARINA:

26 grupos de teatro mais representativos.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES:

A maioria dos espaços geridos pelos grupos no estado não constitui propriamente espaços teatrais de apresentação. O que predomina são espaços de formação e de ensaio.

TEATRO DE GRUPO EM PORTO ALEGRE

RIO GRANDE DO SUL pela Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz*



É importante que, antes de tudo, percebamos que 'teatro de grupo' precisa ser visto como uma opção. Na maioria dos casos, são opções diferentes. Para alguns, é claramente uma ruptura das relações mercantilizadas entre produtores, atores e diretores de teatro. Para outros, é a forma encontrada para viabilizar a produção, para concretizar o seu fazer. No entanto, invariavelmente o teatro de grupo representa uma brecha dentro da lógica vigente, a lógica do individualismo, do artista autocentrado; o teatro de grupo permite que o trabalho seja visto sob perspectivas diferentes e de forma (pelo menos, um pouco) menos hierarquizada, em que os participantes têm interesses, ideais comuns que ultrapassam a remuneração e a promoção de sua imagem. A Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz acredita que é o teatro realizado em grupo que constitui/constrói/desenvolve a história do Teatro.

A organização dos grupos de teatro em Porto Alegre sofre neste momento um processo de grande esvaziamento. Não existem reuniões, encontros e principalmente ações conjuntas. Apesar disso, a maioria dos grupos continua atuando, e não é por acaso que Porto Alegre tem uma das produções mais regulares e de qualidade do nosso país. O Movimento de Grupos de Investigação Cênica de Porto Alegre (criado no início de 2005), que reuniu quatorze coletivos atuantes, está praticamente inerte. O Movimento participou, nesse período, ativamente das discussões sobre Políticas Públicas, encaminhando para o Legislativo Municipal uma proposta para a criação do Programa Municipal de Fomento ao Teatro e à Dança, projeto de lei que se encontra parado na Câmara de Vereadores.



A desarticulação do Movimento se dá por várias razões, mas principalmente pela falta de políticas públicas para a área da cultura no âmbito dos governos municipal, estadual e federal. Dos poucos programas existentes na esfera pública nenhum contempla o apoio à manutenção e à criação de projetos de trabalho continuado em pesquisa de linguagens e produção cênica. Se para os Grupos é urgente a criação de mecanismos regulares que assegurem a investigação, a reflexão, a transmissão, a circulação de espetáculos, e a estruturação de espaços culturais que contemplem as necessidades reais da população, para o Poder Público existe uma total falta de vontade política para resolver estas questões. Para os nossos governantes Cultura é sinônimo de grandes eventos nos quais a marca de suas administrações possa aparecer.

É urgente a criação de mecanismos regulares que assegurem a investigação, a reflexão, a transmissão, a circulação de espetáculos, e a estruturação de espaços culturais.

No Estado encontramos um grande vazio. Há muitos anos que a Secretaria de Cultura não tem nenhum programa que contemple as artes cênicas. No âmbito da cidade de Porto Alegre, existe um fundo de cultura (FUMPROARTE) que conta com uma verba que fica muito aquém das necessidades das atividades artísticas do município. Esse fundo não tem interesse em apoiar projetos de continuidade, e nunca destinou verbas para apoio à manutenção de sedes de grupos de teatro, por exemplo. Ainda dentro da esfera do poder municipal, poderíamos destacar o Projeto Usina das Artes, que atualmente agoniza, e realiza-se na Usina do Gasômetro. Esse projeto abria espaço para grupos de teatro, dança e música que se responsabilizavam pela gestão de uma das (diversas e diferentes) salas de que o espaço dispõe, além de estarem comprometidos a realizar um número específico de atividades gratuitas mensalmente. Essa ação gerava para a cidade muito mais que uma programação que amenizava a carência cultural, mas proporcionava aos grupos (muitos deles em fase de formação) a possibilidade de desenvolver um trabalho de aprofundamento nas suas propostas de pesquisa e trabalho. Durante este ano, a Usina do Gasômetro está sendo ocupada pelo Grupo RBS (afiliada da Rede Globo) em exposição de aniversário, inviabilizando a continuidade do projeto Usina das Artes e restringindo o acesso ao prédio, que é um patrimônio histórico-cultural e,

antes de tudo, um espaço público. No âmbito do Ministério da Cultura não existe vontade política de levar à frente a criação da lei "Prêmio ao Teatro Brasileiro", proposta de fomento construída e apresentada ao legislativo pelos fazedores de teatro de todo o País. A FUNARTE tem os seus Projetos de circulação e montagem de espetáculos que não diferenciam as propostas de trabalho continuado dos grupos daquelas de criação eventual de artistas e elenco formado para determinada produção.

Apesar das dificuldades que vivemos aqui no Sul, os grupos continuam desenvolvendo as suas criações, mantendo os seus espaços de trabalho, acreditando que o teatro seja um elemento importante na humanização das relações entre os cidadãos, na reflexão dos problemas sociais e na transformação do nosso país. A Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz completa em 2008 trinta anos de atividades ininterruptas, desenvolvendo em sua sede, a Terreira da Tribo, o Centro de Experimentação e Pesquisa Cênica e a Escola de Teatro Popular, consolidando a idéia de uma aprendizagem solidária. Temos o Teatro Di Stravaganza com mais de quinze anos de trajetória, que constituiu o seu próprio espaço, e vem desenvolvendo um importante trabalho teatral para a nossa cidade. O Depósito de Teatro, que recentemente inaugurou a sua nova sede, completa dez anos de atividades, ampliando o seu trabalho com a criação de um Ponto de Cultura na Vila Santa Rosa. O Falos e Stercus, com mais de quinze anos de ação, e o Oigalê - Cooperativa de Artistas Teatrais, ambos sediados em espaço desativado do Hospital Psiquiátrico São Pedro, têm liderado junto com outros grupos a luta para que esse espaço público continue a ser utilizado pelos grupos para as suas pesquisas, seus ensaios e apresentações abertas ao público. Muitos outros grupos têm uma atuação intensa na nossa cidade, como o Terpsi Teatro de Dança (completou vinte anos de trajetória), a Usina do Trabalho do Ator (quinze anos de existência), Os Enganadores, Grupo dos Cinco, Ameixa Fúcsia, Cia. Teatro Lumbra, Gente Falante, Povo da Rua Teatro de Grupo, Firuliche e Corpo Estranho.

*Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz



LEIS DE INCENTIVO/ EDITAIS E FOMENTOS: Não há informação.

ENTIDADES REPRESENTATIVAS: Não há informação.

ESTIMATIVA DO Nº DE GRUPOS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL:

Não há estimativa.

ESTIMATIVA DO Nº DE ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPO OU

ENTIDADES: Não há estimativa.





TEATRO e política



*"Os artistas estão mergulhados no mesmo caos que o resto de nós,
Mas são especiais pela habilidade que têm
de dar a esse caos uma forma expressiva,
De torná-lo mais claro,
De nos ajudar a navegar,
A recobrar nossas forças e a encontrar um ao outro,
Para que possamos sobreviver
E às vezes até vicejar em meio ao turbilhão."*

Marshall Bermam

/. Piscator começa o seu livro "Teatro Político", escrito em 1929, na Alemanha, dizendo que sua cronologia começa em agosto de 1914:

13 milhões de mortos

11 milhões de mutilados

50 milhões de soldados em luta

6 bilhões de tiros

50 bilhões de metros cúbicos de gás

Era a I Guerra Mundial que anunciava o mais sangrento dos séculos. Já no início do livro, ele diz: "A guerra antepôs-se ao moço de vinte anos. Destino que tornou supérfluos quaisquer outros mestres". Para ele, assim como para boa parte de uma geração, a guerra colocou em cheque o sentido da sua profissão. Ainda é ele quem diz: "lá estava a 'minha profissão particular' achatada como as covas que ocupávamos, e morta como os cadáveres que nos rodeavam". [...] "Tive menos medo da chuva de balas que vergonha da minha profissão". Era preciso urgentemente encontrar uma nova função para a arte, em geral, e para o teatro, em particular.

turbilhão

2. E a nossa cronologia, quando começa?

Somos herdeiros de alguma tradição ou representamos um momento de ruptura? Quem somos nós?

Somos apenas os restos de um naufrágio, como escreveu Brecht, outro companheiro nosso e de Piscator?

Qual é a nossa profissão? Vender sabonete, shampoo, carro de quatro portas, apartamento de dois quartos com varanda, cheque especial com juros mais baratos do mercado, plano de saúde ou TV 29 polegadas em 12 vezes sem juros? Será que nós, como Piscator no século passado, também temos que nos envergonhar da nossa profissão diante das Bósnias, dos Afeganistãos ou das crianças que ainda hoje no nosso país precisam cortar uma tonelada de cana por dia para sobreviver?



3. Nós somos os que, teimosamente, nadando contra a corrente, escolhemos fazer teatro em grupo. Nós somos os que ainda acreditamos que só é possível fazer teatro em torno de um coletivo de trabalho. Nós somos aqueles que queremos uma outra função social para o teatro. Queremos uma outra relação com a cidade, com o público, com a coisa pública. Por isso nosso teatro não é privado.

Somos muitos. Diferentes entre nós, mas com muitas semelhanças. Imperfeitos sempre. Cada coletivo de trabalho teve que encontrar, para não morrer, estratégias de sobrevivência. Com engenho e arte sobrevivemos. No meio do caos nos encontramos e começamos a nos organizar. É apenas o começo de uma longa jornada, não para dentro da noite, mas para tornar mais claras as nossas demandas e reivindicações.

Existem muitas formas de fazer teatro. Nós escolhemos uma delas. E pagamos um preço bastante alto por isso. Nossa forma de organização não é condizente com a forma como o mercado se organiza. Nós precisamos e exigimos políticas públicas não para o Teatro com T maiúsculo. Nós precisamos e exigimos políticas públicas para os núcleos de trabalho continuado. Por mais que vários de nós utilizemos as chamadas Leis de Incentivo como uma das possíveis estratégias de sobrevivência, temos que ter a coragem de dizer que esse não é o mecanismo adequado para nossa forma de trabalho e produção. Antes de mais nada, precisamos de políticas públicas que tornem viáveis a criação, a construção e a manutenção de espaços de trabalho. Não apenas espaços de apresentação, mas espaços que atendam a nossas demandas de trabalho continuado. Os maiores beneficiados disso não seremos nós mesmos, mas sim o público. Por isso mesmo, precisamos começar uma nova fase da nossa organização. Não podemos ficar reféns do que já existe.

É urgente demonstrar que essas demandas não são apenas nossas, mas são também importantes demandas do movimento social organizado, com o qual muitos de nós já mantemos relações há muitos anos. Nosso teatro não está restrito aos muros das nossas cidades.

Chegamos até aqui. Não continuaremos por muito tempo se não nos aglutinarmos e conseguirmos explicitar por que somos diferentes do teatro produzido pelo mercado, se não deixarmos claro que nossas necessidades são outras, se não conseguirmos fugir da cultura do patrocínio. Precisamos disputar o espaço diante da lentidão do Estado burguês. Precisamos, cada vez mais, ir ao encontro de um público que, assim como nós, é excluído de qualquer possibilidade de participação e, junto com ele, partir para a urgente transformação dos meios de produção.

4. A quem interessa que nossos grupos e companhias sobrevivam? A quem interessa que nossos coletivos vicejem em meio ao turbilhão? Quem são nossos cúmplices? Quais são nossos adversários?

TEATROGRUPO GRUPOTEATRO TEATROGRUPO GRUPOTEATRO TEATROGRUPO GRUPOTEATRO TEATROGRUPO

Marcelo Bones*

"Uma coisa fica, porém, desde já, fora de dúvida: só poderemos descrever o mundo atual para o homem atual na medida em que o descrevemos como um mundo passível de modificação."

Bertolt Brecht

Sou cabra cabeça dura das antigas. Quase ainda marxista. Creio que a luz na coxa do passado ajuda a entender o presente e a encontrar futuro. Conto uma história e vago em digressões:

Belo Horizonte é uma cidade que se caracterizou, ao longo de sua história, por uma produção abundante do chamado "teatro de grupo". A existência de um número significativo de grupos teatrais e a permanente força deste modo de produção foram formas que nossa cidade encontrou para melhor viabilizar significativa parte de sua expressão teatral.

Em 1991, influenciados de alguma forma pela mobilização do I Encontro Brasileiro de Teatro de Grupo, evento que reuniu, em Ribeirão Preto, ineditamente, os principais coletivos de teatro do Brasil, os grupos mais atuantes de Belo Horizonte começaram a se reunir. Sentindo-se pouco ou nada representados pelas entidades da chamada "classe teatral", o Sindicato dos Artistas (SATED-MG) e a Associação de Produtores (APATEDEMG na época, hoje SIMPARC), doze grupos iniciaram uma série de reuniões para discutir uma possível participação nas eleições do



sindicato dos artistas que se avizinhou. Optaram por criar uma terceira via de representação: o Movimento de Teatro de Grupo de Minas Gerais. Lançaram o manifesto "Em busca do Tempo Perdido" e produziram reflexão aprofundada acerca da realidade teatral daquele momento na cidade. Criada a entidade, foi-se à luta. A atuação e a repercussão desse movimento foram muito expressivas. Rapidamente tornou-se uma força política extremamente legitimada por todos os interlocutores, públicos e privados.

Quero falar sobre a relação entre política e arte. Além dessa representação política dos grupos, outra ação teve começo simultâneo dentro do próprio MTG. Iniciou-se uma inédita troca de experiências artísticas entre esses grupos (e outros que também começaram a se aproximar). Organizaram-se vários encontros, nos quais esses coletivos teatrais expunham seus processos de trabalho, suas histórias, suas angústias, seus limites, suas falhas, seus desafios e desejos. E nessa construção coletiva realizou-se em Belo Horizonte um dos mais ricos e importantes processos de compartilhamento político-artístico da década de 1990.



3º Encontro
Nacional do
Redemoinho.
Campinas, dez/06.

Os grupos refletiam sobre a forma de produção e distribuição e discutiam com generosidade e compreensão suas próprias visceras. Ao mesmo tempo, junto com esse encontro artístico ou a partir dele, faziam política. Junção de política e arte.

Infelizmente esse percurso foi violentamente interrompido por uma hecatombe circunstancial que, a meu ver, envolveu o Movimento em questões de baixa política. Outra história pra outras conversas.

A interrupção do percurso do MTG como braço político e artístico desse modo de produção, com certeza, contribuiu para que se acelerasse, a partir daquele momento, a apatia política dos coletivos teatrais existentes na cidade e os vindouros.

Não podemos deixar de discutir o modo de produção teatral em grupo e não relacioná-lo com uma postura política e ideológica. Vários desses grupos que criaram e sustentaram o Movimento de Teatro de Grupo de Minas Gerais eram engajados com ações sociais e políticas e militavam artisticamente em movimentos reivindicatórios, partidos políticos, associações, sindicatos, etc. Sempre buscaram

uma reflexão crítica à sociedade e uma atuação artística direta nessa realidade política. Essa característica se deve por ser a forma de produção em grupo uma resposta ideológica ao dito teatro comercial.

Século novo e o mundo dá voltas: Belo Horizonte se mantém como um importante celeiro de importantes grupos teatrais. Os mesmos princípios que norteavam os grupos do início da década de 1990 – busca de estabilidade, formação “actoral”, socialização dos recursos e pesquisa – continuam presentes nesses novos coletivos e nos que permaneceram atuantes. Mas a perspectiva ideológica e a forma de atuação política se transformaram. Instalaram-se com vigor algumas características: a fragmentação de sentidos no fazer artístico, a individualização da ação, a descrença na luta política, certo egoísmo pragmático, efeitos, também, resultantes da “anestesia social” que nos trouxe a ascensão da social democracia (ou social liberalismo como querem alguns). Na verdade, coisas gerais que não pertencem somente ao mundinho do teatro.

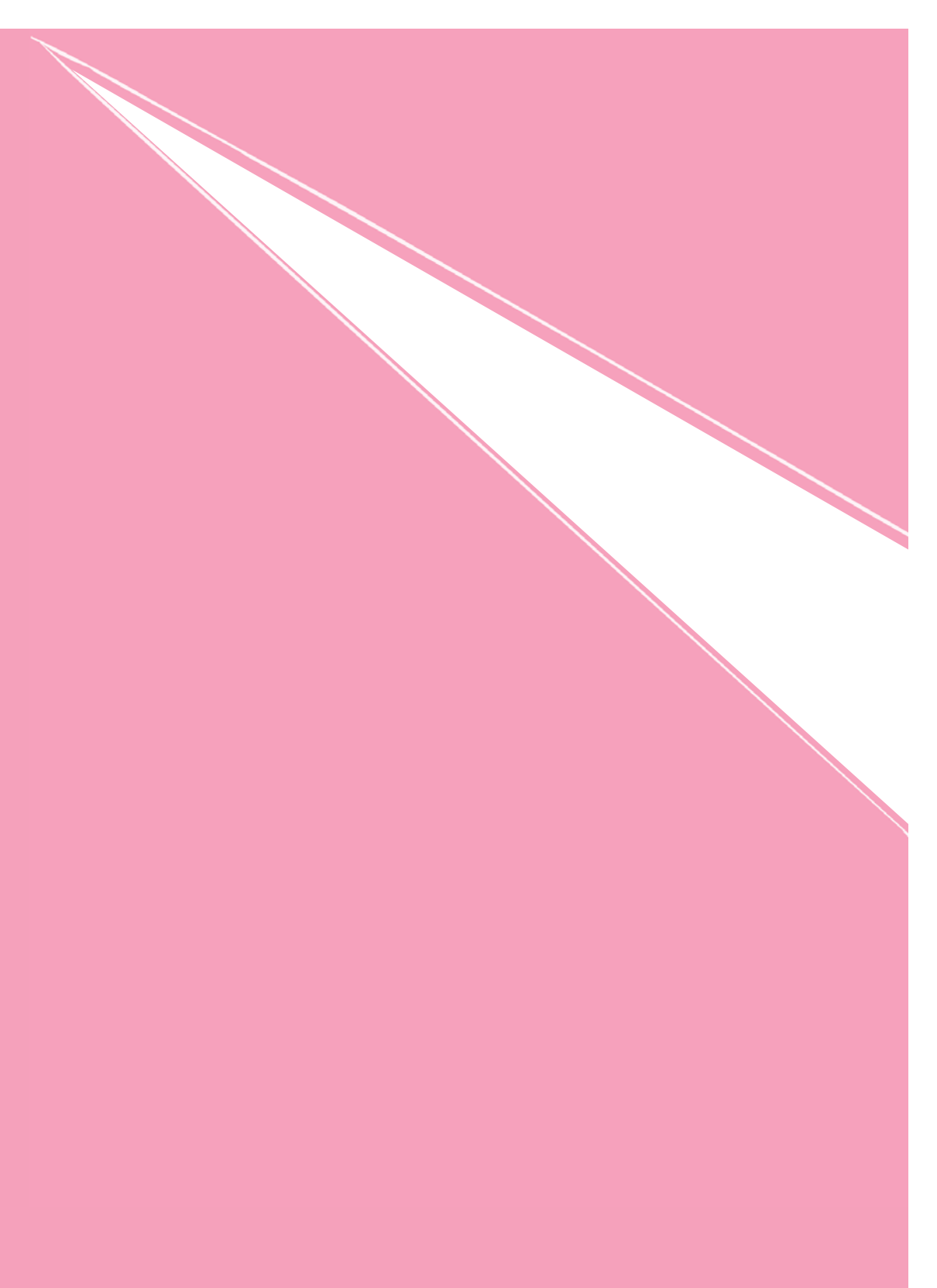
A pergunta é: como serão percorridos os caminhos desse modo de produção teatral?

A pergunta é: como serão percorridos os caminhos desse modo de produção teatral? Se algumas das formas no grupo de teatro de amálgama coletivo são a atuação política e sua reverberação no trabalho artístico, no que vão se transformar no futuro breve os grupos teatrais? Alguns se transformarão em empresas, outros continuarão perseguindo uma forma de “arte pura”, alienada e desvinculada da política. Mas, por sorte, outros resistirão ao sonolento mundo do consumo e continuarão na briga pela utopia de um mundo no qual as características de fraternidade, compartilhamento, socialismo e cooperação, tão inerentes ao teatro de grupo, se espalhem pela sociedade.

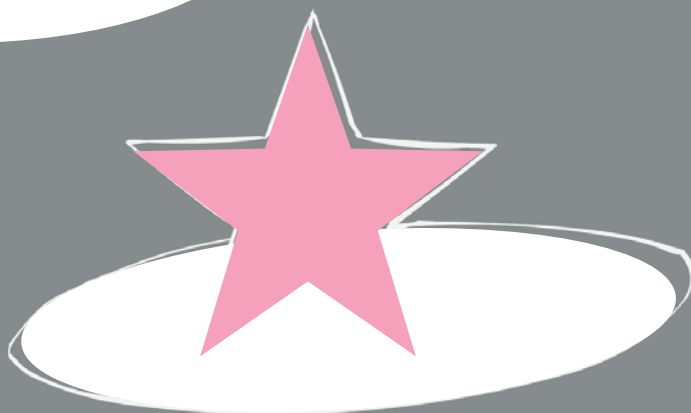
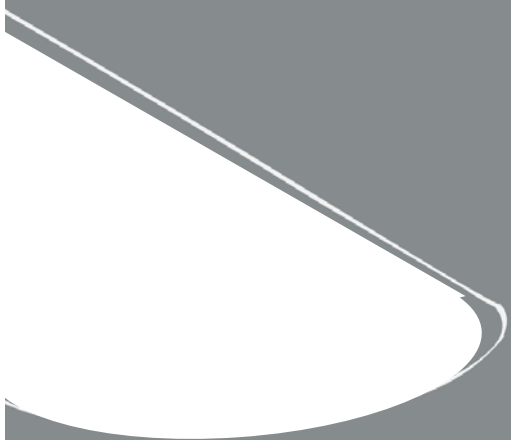
Pode parecer discurso, mas são escolhas.

*Diretor e integrante do Grupo Teatro Andante.





GALPÃO em foco



? ? Responsabilidade Emocional do Teatro

Inês Peixoto*

*"É preciso sempre fazer algo para que, em torno de si,
as pessoas se agitem e sintam que há vida.
É preciso agitar a vida mais freqüentemente,
para que ela não se torne azeda."*

Máximo Górkí



Grupo Galpão em "Um Homem é Um Homem". Este evento comemorou os 25 anos do grupo na Praça do Papa, em Belo Horizonte, out/07.



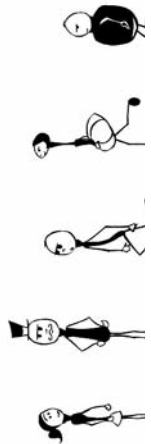
Ainda me lembro bem, quando assisti a um espetáculo de teatro pela primeira vez, aos seis anos de idade: "Liderato, o rato que era líder"! Era uma produção mineira dirigida por Pedro Paulo Cava, em cartaz no nosso querido Teatro Marília. Fui levada por uma amiga da minha irmã, uma atriz chamada Sandra Mansur, e que era minha "amiga grande". Ela fazia o papel da mãe de um ratinho que caía numa armadilha bem no começo da peça. Descobri na hora que eu queria ser atriz! Era tudo tão mágico que, mesmo tendo assistido ao espetáculo somente uma vez, nunca mais esqueci os personagens, as músicas e o cenário.

Eu queria fazer aquilo a que estava assistindo e nem sabia direito se poderia ser uma opção de vida! Aliás, naquela época, eu nem sabia que teria de fazer opções que confrontassem VOCAÇÃO X SOBREVIVÊNCIA. E essa sensação de encontro com o meu destino, aos seis anos de idade, nunca mais me abandonou. Sandra devia desconfiar que eu era ligada em teatro, pelo encantamento que tudo aquilo me provocou. Ela se foi quando eu tinha uns 16 anos. Mas o teatro ficou em mim. Aliás, acho que nasci com ele, e descobri assim. Acredito que, desse mesmo modo, inúmeras outras pessoas se descobrem, sendo espectadores de um ato teatral, muitas vezes não só no sentido de se identificar com o ofício de ator, mas num aspecto mais amplo que o teatro oferece.

Para praticar vida e arte, precisamos cada vez mais abrir o nosso olhar para as nossas responsabilidades sociais e, então, me veio esta questão: a responsabilidade emocional do teatro. Tenho pensado muito nisso e gostaria de provocar uma reflexão.

Talvez seja porque me dedico, além do exercício de atriz, à função de responder cartas e e-mails e poesias e bilhetes e desejos e sonhos que batem à nossa porta. Grande é a nossa responsabilidade emocional! Pois nós tocamos um lugar muito delicado nas pessoas que nos assistem.

Quando vejo tantos pedidos de pessoas que querem fazer parte do grupo, penso: será que eles têm consciência de como é difícil o dia-a-dia, tendo como referência somente o resultado? Mas, com certeza, eles devem perceber que é muito prazeroso.





Muitas são as cartas que recebemos de pessoas que descobriram a verdadeira vocação assistindo ao Galpão. Muitas são as pessoas que resolveram criar grupos, embalados pelos resultados da nossa experiência. Muitos são os que decidiram trocar suas cidades por Belo Horizonte, em busca de reciclagem em suas carreiras artísticas. Muitos são os relatos que recebemos de pessoas que se encantaram com o nosso trabalho.



Não gostaria de entrar na questão de como se assimila uma obra de arte, seja ela qual for. Tudo neste mundo pode interferir numa vida. Depende do olhar lançado. E esse olhar do espectador é único e intransferível, nascido de sua experiência de vida, da idade ou mesmo do momento... Enfim, algo muito especial pode acontecer entre uma obra de arte e seu espectador.



Mas quero falar do teatro, da experiência que carregamos no Galpão, composta por teatro de palco e pelo convívio direto com o espectador arrebatado na rua. Quando atuamos na rua, acontece algo extremamente arriscado e maravilhoso. Nós, como artistas, temos a missão de parar quem por ali passar. Seduzi-lo e conduzi-lo para a nossa viagem particular. Tirar do mundo real pessoas que transitam, às vezes apressadas, muitas vezes perdidas, mas quase sempre com um coração aberto a novas experiências. Inúmeras vezes tivemos o privilégio de ter olhos brilhando, sentados no chão, ao nosso redor, fazendo sua primeira incursão pelo mundo do teatro. Daí, tudo começa a acontecer: criar possibilidades de exercício de uma paixão (principalmente quando levamos nossa experiência de rua para cidades que nunca tiveram uma casa de espetáculos, mas que têm cidadãos ávidos por descobrir possibilidades de exercício do teatro); criar curiosidade musical e literária; criar um novo parâmetro estético na cabeça de uma pessoa. O ser humano precisa saber que podem existir linhas harmônicas e poéticas vindas da simplicidade. Isso é transformador, pois a vida sem harmonia e poesia fica muito chata.



Essa responsabilidade também existe quando nossa audiência paga um ingresso e entra em uma sala de espetáculo para nos assistir. Essa pessoa está fazendo uma escolha. Se a viagem for boa, isso é maravilhoso; se for péssima, ela sairá insatisfeita, porém, ciente de sua escolha. A arte, especialmente o teatro, é um domínio em que é impossível avançar sem tropeçar.

Um espetáculo pode provocar o seu público de diversas formas, seja trazendo deleite no ato teatral, o riso, a lágrima, o encantamento, o tédio, o engajamento, ou seja, provocando uma catarse que leve o indivíduo para casa com uma fila interminável de indagações. Para o espectador, será uma experiência, no mínimo, criadora de novas possibilidades, o que confere ao teatro esse poder transformador. E é nesse momento único que o espectador pode fazer uma escolha, enxergar algo mais e mudar sua relação com a vida.



! "... queria saber se vcs não poderiam me ajudar de alguma maneira eu ficar em BH...olha eu limpo chão, faço de tudo ! Por favor ! Eu suplico ! Eu amo vcs ! Quero fazer teatro GALPÃO!!! eu faço de tudo.Por favor, me ajudem ! Sim, eu imploro! "

"Como tenho saudade do tempo em que estudei no Cine-Horto. Com o grupo aprendi que podia sonhar, planejar, realizar. Hoje me sinto bem mais maduro em todos os papéis de minha vida. Obrigado."

"Parabéns ao Galpão, parabéns por nos proporcionar momentos tão agradáveis, por tirar nossos corpos deste mundo e nos levar para outra órbita ... a do encantamento, do amor, da pureza !!!"

"Gostaria apenas de dizer que no ano de 2001, na minha cidade, Ipatinga, no ginásio do clube USIPA, eu assisti a minha primeira peça de teatro. Era uma apresentação do Grupo Galpão... eu ainda não

tinha visto nada igual em minha vida... Espero que vocês tenham a oportunidade de emocionar ainda muitas pessoas mais..."

"Para mim, que também me dedico a essa arte de interpretar, tê-los visto em cena foi um prazer inenarrável... Vê-los me fortalece quanto a meus princípios teatrais..."

"...o que vocês jogaram pra cima de mim ali naquele dia, vou falar, viu... fiquei completamente emocionada, não conseguia falar durante um bom tempo depois do espetáculo..."

"Só posso deixar registrada aqui minha gratidão por fazer das situações da vida um momento repleto de Luz e Verdade!!! "

"Só queria agradecer-lhes. Pela beleza, pela crença e por me colocar de novo atuando na chuva."

"... adorei a peça que vi de vcs, e muitas vezes tento me espelhar nela."

Y Emoção!!! Reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, a qual se acompanha de um estado afetivo de conotação penosa ou agradável.

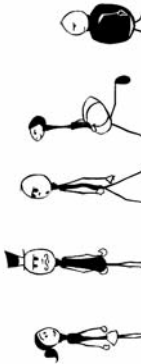
Seria MUITA!!!!!! responsabilidade querer dominar as reações que podemos provocar na platéia, como agentes transformadores. Penso que, para exercermos dignamente nossa responsabilidade moral, como artistas que somos, e provocarmos com mais constância estados emocionais que impulsionem nossos espectadores para algum lugar melhor, devemos buscar cada vez mais VERDADE.

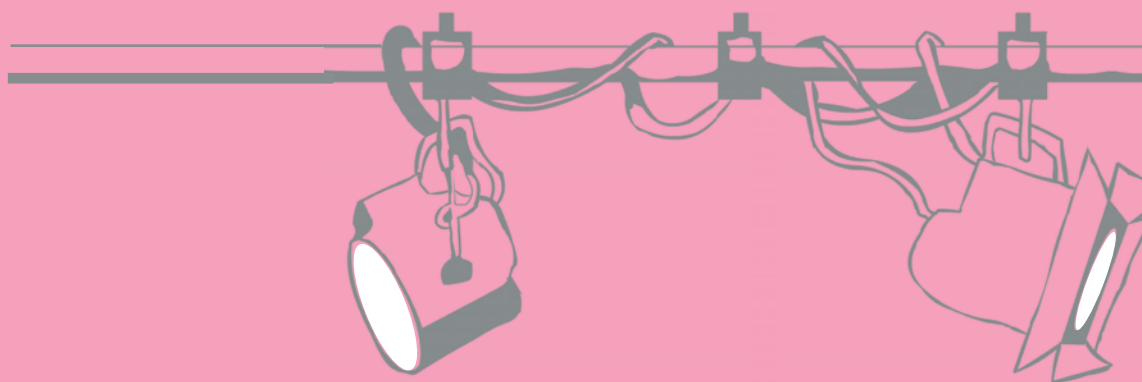
Verdade, franqueza, sinceridade.

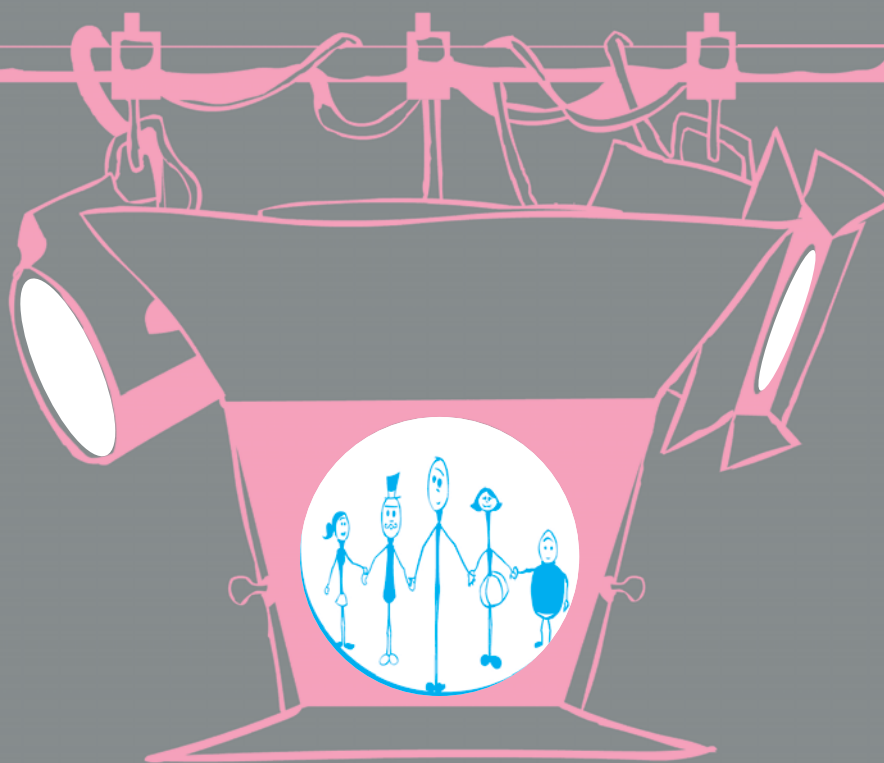
Franqueza e sinceridade, em primeiro lugar, com os nossos propósitos! Para onde queremos seguir? O que nos move? Como levar adiante essa nossa experiência e projeto de vida? Como nos instigar? Como nos apropriar dos sentimentos que queremos tocar? Como tornar nossa experiência artística valiosa emocionalmente, em primeiro lugar para nós mesmos? Como amadurecer a fruta para depois compartilhá-la?

Estamos sempre nos fazendo essas perguntas.

? *Atriz e integrante do Grupo Galpão.







CINE HORTO em foco

Centro de Pesquisa e Memória do Teatro: uma ação “para além” dos espetáculos

Luciene Borges*

A partir do período pós-II Guerra Mundial, a evolução e a disseminação em larga escala das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) alteraram profundamente os modos de vida e os padrões de comunicabilidade e possibilitaram a emergência de uma economia e um mercado consumidor globalizados. O advento da Sociedade da Informação e do Conhecimento colocou a informação no centro dos processos sociais, das estratégias competitivas do mundo dos negócios e da cultura contemporânea como um todo. A informação entrou definitivamente na pauta das instituições, dos governos, das empresas e universidades, sob a forma de dados, documentos, suportes tecnológicos, redes e sistemas. Assim, fala-se cada vez mais em registro, seleção e preservação, dentro de um processo que valoriza a construção e a preservação da memória. Organização, classificação e recuperação tornaram-se também palavras de ordem nesse contexto pautado pela disseminação e pelo uso da informação.

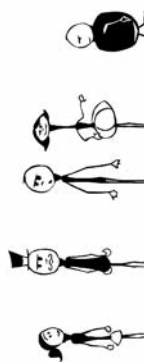
Com 25 anos de existência completos, o Grupo Galpão iniciou e consolidou suas atividades inserido nesse processo de mudanças tecnológicas que geraram novas demandas sociais e colocaram a memória e a informação na ordem do dia. Sensível às novas configurações sociais e apoiado na intenção de construir uma trajetória que possibilitasse sua permanência no tempo e no espaço, o Grupo, desde o primeiro espetáculo, preocupou-se em registrar suas atividades. No início, essa ação era desenvolvida por Wanda Fernandes que, com muito esmero, registrava em pequenos cadernos de anotações dados de cada apresentação, tais como: data, hora, local, número de espectadores, quantia arrecadada com o “chapéu” ou cachê, clima, curiosidades, presenças ilustres e fatos inusitados...

Até hoje essas anotações são feitas, mas, com o passar do tempo, novos modos de registro foram incorporados ao trabalho do Grupo e mais forte ficou a consciência da necessidade de perpetuar, de alguma forma, essa arte que é tão efêmera e



fugidia, tornando possível, através desse registro, a construção de uma memória e o acesso, por parte de outros, a processos, técnicas e riscos da criação. Ao longo dos anos, foram acumuladas mais de 400 horas de gravação em vídeo, centenas de fotografias, textos dramáticos originais e adaptados, diários de montagem e dezenas de peças gráficas que guardam a memória do Grupo Galpão. A necessidade de organizar e conservar de maneira adequada o acervo acumulado, aliada à percepção de que este acervo poderia ser útil para outros artistas, estudantes e pesquisadores do teatro, foi fundamental para a criação do Centro de Pesquisa e Memória do Teatro - CPMT.

No entanto, a idealização desse projeto (e espaço) hoje consolidado no Galpão Cine Horto remonta a uma outra preocupação que também acompanha o Galpão desde o início de sua trajetória e que deu origem ao próprio centro cultural do Grupo: a preocupação de desenvolver ações que fossem "para além" dos espetáculos. Desde o princípio de sua história, são latentes no Grupo o desejo e o comprometimento com a construção de espaços para intercâmbio, diálogo, aquisição e transmissão de conhecimentos. Daí surgiu, por exemplo, o seminário sobre a obra de Nelson Rodrigues, promovido à época da montagem de *Álbum de Família*. Desde essa motivação, foi também idealizado



e realizado pelo Grupo Galpão, por três edições consecutivas, o Festival Internacional de Teatro de Rua de Belo Horizonte, que se transformou no tão conhecido FIT-BH Palco e Rua, hoje sob a coordenação da Prefeitura Municipal.

A saída da organização do FIT-BH deixou uma lacuna no Grupo no que diz respeito a esse desejo de promover formas diversificadas de troca com o público e com os demais artistas da cidade. A idéia de criar um centro cultural surgiu não só como uma alternativa para a realização de ações sistemáticas de outra esfera que não a do espetáculo, como também para desenvolver projetos artísticos pessoais dos atores do Galpão. A opção de espaço recaiu sobre um cinema abandonado localizado a um quarteirão da sede do grupo: o Cine Horto. A restauração e a ocupação do prédio do antigo cinema possibilitaram ao Grupo não só criar o espaço de troca e experimentação a que tanto ansiava, como também resgatar o lugar de um espaço que havia participado ativamente da vida cultural de Belo Horizonte nas décadas de 1950 e 1960. Ao se transformar em Galpão Cine Horto, o prédio foi reinserido no circuito artístico-cultural da cidade promovendo, inclusive, o deslocamento das programações e atividades culturais do eixo centro-sul para a região leste da capital mineira.

É importante lembrar que, desde sua criação, o Galpão Cine Horto confirma a vocação que tem o Grupo Galpão para agregar pessoas, promovendo encontros férteis e criativos. Para conceber o centro cultural, antes mesmo de abrir suas portas ao público, o Grupo reuniu artistas da cidade, sob a tutela das diretoras convidadas Maria Thais (SP) e Maria Helena Lopes (RS), para pensar, discutir e elaborar em conjunto um projeto para a casa. Desse seminário surgiu aquele que seria o primeiro grande projeto do Galpão Cine Horto, o Oficínio, criado para suprir a demanda por um espaço de reciclagem e aperfeiçoamento para atores profissionais.

O centro cultural foi inaugurado em março de 1998, após um ano de adequações inteiramente custeadas com recursos próprios do Grupo. As portas foram abertas sabendo-se que muito havia por fazer e, desde a inauguração, as parcerias fizeram-se valer para melhorar o espaço e ampliar sua capacidade de atendimento. No início, o Galpão Cine Horto oferecia ao público Oficinas e Cursos Livres, que hoje são promovidas pelo Núcleo Pedagógico da casa, e o projeto Oficínio, curso

Entrada do CPMT
e, ao lado, detalhe
do acervo.

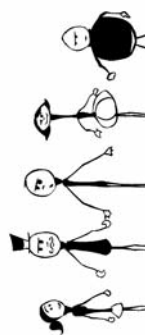


de reciclagem para atores com experiência que acaba de completar dez edições. Ao longo dos anos, novos projetos foram criados, surgindo a partir de demandas e desdobramentos de outros projetos ou de propostas de parceria. Foi assim, por exemplo, com as Oficinas de Direção e Dramaturgia, inicialmente projetadas para suprir uma demanda do Oficinão, que geraram núcleos de criação atuantes por três anos e se desdobraram no Projeto Cena 3x4, realizado de 2003 a 2005. Hoje, o Galpão Cine Horto é palco de diversos projetos, como o Festival de Cenas Curtas, o Galpão Convida, o Sabadão, o Conexão Galpão, o Cine Horto Pé na Rua, entre outros, com os quais atua nos campos da formação artística e da formação de público, da produção artístico-cultural e da circulação de bens culturais.

O hábito de registrar as atividades, já consolidado no Grupo Galpão quando da abertura do centro cultural, foi importado para a nova casa, gerando um acúmulo de material documental e a demanda por uma rotina de registros sistemática, capaz de cobrir os diversos projetos do espaço. O acúmulo de acervo referente às atividades do Galpão Cine Horto reforçou a necessidade já existente dentro do Grupo de um espaço capaz de organizar, preservar e disseminar sua memória. Ao mesmo tempo, os projetos desenvolvidos pelo Galpão Cine Horto, voltados principalmente para a pesquisa, a experimentação e a criação em grupo, geravam continuamente demandas informacionais que necessitavam ser supridas pela casa.

Assim, com o objetivo de fortalecer as ações de preservação e disseminação da memória e, ao mesmo tempo, de suprir a demanda informacional de estudantes, profissionais, artistas amadores e do público frequentador do centro cultural, o Grupo Galpão e o Galpão Cine Horto idealizaram e implantaram, em 19 de dezembro de 2005, o Centro de Pesquisa e Memória do Teatro.

Iniciativa pioneira em Minas Gerais, o CPMT do Galpão Cine Horto é um espaço que reúne, preserva, organiza e disponibiliza gratuitamente um acervo especializado em teatro, arte e cultura, distribuído nos mais



diversos suportes. O processo de sua implantação durou um ano, período durante o qual a equipe dedicou-se, sobretudo, à recuperação e à organização de documentos referentes à memória dos projetos desenvolvidos pelo Galpão Cine Horto, à busca de doações que viessem incrementar o acervo até então constituído pelo Grupo Galpão e à catalogação dos títulos adquiridos. O CPMT foi aberto ao público com um acervo de 2.000 títulos, cuja listagem, na época, podia ser acessada através de um banco de dados hospedado no *site* do Grupo Galpão.

Desde a inauguração, muito se trabalhou no sentido da ampliação e da adequada conservação do acervo, visando a garantir sua preservação. Ao longo de um ano e meio de funcionamento, o Centro de Pesquisa e Memória do Teatro adquiriu equipamentos para controle de temperatura e umidade, melhorou as condições de acesso ao acervo através de equipamentos mais modernos e de um novo banco de dados, e profissionalizou o serviço de catalogação e indexação. Muitas doações chegaram espontaneamente a partir da abertura ao público, o que contribuiu para a diversificação e a ampliação do acervo disponibilizado. Nesse processo, foi de suma importância a parceria com profissionais e instituições especializadas que colaboraram com informações, serviços, doações e até mesmo recursos financeiros, como a FUNARTE, o Instituto Goethe de Porto Alegre, o SESC SP, o BDMG Cultural, o Arquivo Público Mineiro, a PUC Minas, a Fundação Cultural de Blumenau, entre outros.

Hoje, o Centro de Pesquisa e Memória do Teatro conta com um acervo de mais de 3.000 unidades. São disponibilizados livros e apostilas de teoria e história do teatro; peças teatrais; apostilas de produção cultural; uma seção exclusiva sobre grupos de teatro; catálogos e programas de festivais nacionais e internacionais; programas de espetáculos desde a década de 1950; livros de arte e cultura em geral; apostilas de cenotécnica e iluminação; livros de literatura e poesia; revistas de teatro, arte e cultura; além de uma seção sobre história de Belo Horizonte e Minas Gerais. O acervo iconográfico compõe-se de croquis de cenário e figurino;



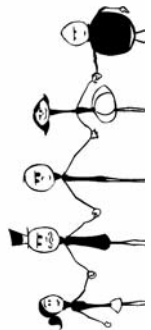
fotografias e material gráfico de divulgação dos espetáculos do Grupo Galpão e dos projetos do Galpão Cine Horto. A videoteca disponibiliza para consulta local vídeos em VHS e DVDs de espetáculos de teatro e dança; arte-educação; seminários de iluminação; entrevistas e palestras de profissionais da área; além do registro de todos os projetos da casa e dos espetáculos do Grupo Galpão. O CPMT ainda conta com cerca de 40 CDs de música e trilha sonora de espetáculos. A lista do acervo pode ser consultada no banco de dados acessível pelo *site* do Galpão Cine Horto. O processo de catalogação em base de dados é contínuo e espera-se chegar ao fim do ano com todo o acervo identificado e catalogado.

O Centro de Pesquisa e Memória do Teatro conta, atualmente, com 186 sócios cadastrados e recebe uma média de 25 pessoas por semana, além de grupos que agendam visitas guiadas. O CPMT oferece aos seus usuários uma sala de estudos, um computador com acesso à internet, uma TV 29 polegadas, um aparelho de DVD e um videocassete. O serviço de empréstimo domiciliar é acessível para todos os interessados mediante cadastro de sócio. O espaço também conta com uma pequena livraria especializada em teatro, montada em parceria com a Distribuidora Diálogo.

Para o futuro, estão em andamento: um projeto de resgate e preservação da memória fotográfica do teatro mineiro; um projeto de implantação de um portal de artes cênicas na Internet, elaborado em parceria com o Curso de Teatro da UFMG e o Curso de Ciência da Informação da PUC Minas; e a iniciativa de implantação do Museu do Galpão, integrando ao acervo do CPMT os figurinos e adereços cênicos dos espetáculos que já saíram do repertório do Grupo. A intenção é fortalecer o papel do CPMT e consolidar ações "para além" dos espetáculos com as quais o Grupo Galpão e o Galpão Cine Horto expandem seus campos de atuação, inauguram novas possibilidades de diálogo com o público, os artistas e a cidade, e desenvolvem um papel social fundamental de fomento à arte e de construção de uma "cultura viva"¹.

¹ Uma "cultura viva" é construída pelos próprios sujeitos, em interação com outros sujeitos, com a obra de arte, com a informação; inseridos em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico. (COELHO, Teixeira. *Usos da cultura: políticas de ação cultural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986)

*Mestre em Ciência da Informação pela UFMG, atriz profissional e coordenadora do Centro de Pesquisa e Memória do Teatro do Galpão Cine Horto.



Informações sobre Grupos de Teatro no Brasil

Os dados abaixo são referentes somente aos Estados do PA, RN, CE, MA, PB, BA, MT, GO, DF, ES, PR e SC e foram coletados pelos autores dos respectivos artigos sobre o "Mapeamento dos Grupos de Teatro no Brasil". Não houve uma padronização na coleta das informações tendo cada autor buscado diferentes formas e fontes para obter os dados apresentados. De antemão, sabemos da fragilidade e incompletude dessa listagem mas agradecemos o esforço dos autores que, por sua vez, dependeram da boa vontade dos grupos e entidades no envio de material atualizado. Entretanto, esperamos que sejam úteis os dados apresentados e revelem a urgência de um levantamento sistemático por parte do poder público.

GRUPOS DE TEATRO DO PARÁ:

Grupos de Belém (filiados à FESAT) - 25 Grupos, são eles: Grupo Experiência, Grupo Encenação, Grupo Maromba, Grupo Ecoarte, Grupo Flor de Liz, Grupo Teatro, Grupo Arké, Grupo Jesus, Grupo Sete da Arte, Grupo Patuscada, Grupo Ribalta, Grupo Fôcos, Grupo Fato em Ato, Grupo Madalenas, Grupo Êsquilo, Grupo Tico Tico no Fubá, Grupo Hymperion, Grupo Pinga Fogo, Grupo Fazendo Arte, Grupo Mapinguaribas, Grupo Experimental do Mosquero, Grupo Cromos, Grupo Tema, Grupo Aldeato, Grupo Vivência / **Região do Baixo Tocantins** - 11 Grupos, são eles: Uirapuru / Moju, Arte Viva / Barcarena, Mambembe / Barcarena, Arte de Persona / Barcarena, Chama / Barcarena, Bom Intento / Bujará, Concordante/Concórdia do Pará, Só Nós / Tailândia, Alberto Walter/Abacetetuba, Açaiana / Cametá, Circo Circense / Igarapé-Mirim / **Região do Nordeste Paraense** (filiados à FESAT) - 17 Grupos, são eles: Urumajó / Augusto Correia, Argomantos / Castanhal, Mambembe/Stª Luzia do Pará, Gai / Inhamgapi, Arte Jovem / Viseu, Assembléia de Deus/São Francisco do Pará, Amador de Santarém Novo / Santarém, Novo Sorriso / IPIXUNA, Espaço e Arte / Bragança, Encontros Amazônicos / Igarapé-Açu, Arte Vida/Mãe do Rio, Independência Cênica / Capanema, Cia. de Atores de Castanhal / Castanhal, Ensaio Geral / Capanema, Jupac / Stª Maria do Pará, Arte de Representar/Capitão Poço, Eucape / Capanema / **Marajó** (filiados à FESAT) - 10 Grupos, são eles: Focus / Ponta de Pedras, Prata Fina / Ponta de Pedras, Dalcídio Jurandir/Ponta de Pedras, Marajoarte / Salva Terra, Grutequimbal / Salva Terra, Fazendo Arte / Salva Terra, Raízes Marajoara / São Sebastião da Boa Vista, Grutema / Soure, Luzart / Breves, Frutos do Amanhã / Cachoeira do Ariri / **Região Sudeste** - 3 grupos, são eles: Nirvana/Rondon do Pará, Dionísio Bentes/Rondon do Pará, Tamba Tajá / Abel Figueiredo / **Região Oeste** - 3 grupos, são eles: Associação Artístico e Cultural Olho D'água/Santarém, Adriano Feitosa e Heder, Cia. de Teatro José Dillon / Santarém / Grupos de Santarém - **Região Oeste** - 0 Tapajós - 20 Grupos Amadores, alguns deles: Grupo Seta do Colégio Dom Amando, Cia. José Dillon, Cia. Teatral Novos Cabanos, Grupo José de Anchieta, Grupo de Teatro Terra Firme, Grupo Experiência, Grupo de Teatro Chaplin Arte Moderna-Gtacam, Grupo de Teatro Aparecida/Gruta, Grupo de Teatro Chico Mendes / Prefeitura de Santarém: Tel. (93)2101.5100 / cmc_stm@hotmail.com / jarleaguair@yahoo.com.br / www.santarem.pa.gov.br

SITES E BLOGS DE GRUPOS E ARTISTAS QUE ATUAM NA CENA DO PARÁ:

Site: jornalista Vasco Cavalcante: www.culturapara.art.br; **Blogs:** diretora Wlad Lima: atorcriadores.spaces.live.com; diretor Nando Lima: teatrodemato.spaces.live.com; diretor Hudson Andrade: curiadarte.blogspot.com; Grupo Entreatos: entreatosciadearte.multiply.com; notícia cultural: www.bomgadamatara.org; coletivo Arruassa: coletivoarruassa.multiply.com; diretora Karine Jansen: poeticas.spaces.live.com; diretora Olinda Charone: interprete1958brazil.spaces.live.com; dramaturgo Carlos Correa do Grupo Palha: nunery.blogspot.com; cenógrafo Neto Dugon: pensamentificado.blogspot.com; turma de cenografia da escola de teatro e dança: demonstagem.blogspot.com; cenógrafo Carlos Henrique: cenografiaparaense.blogspot.com; ator Luis Fernando: teatroparaense.blogspot.com

COMUNIDADES DO ORKUT QUE AGREGAM GRUPOS, ARTISTAS E TÉCNICOS DE TEATRO NO PARÁ:

Escola de Teatro e Dança da UFPA - 620 membros; Teatro em Belém - 300 membros; Teatro de Bonecos em Belém; Usina de teatro da Unama - 121 membros; FESAT- Federação de Teatro - 50 membros; Palhaços Trovadores - 544 membros; Teatro da Paz - 1.238 membros; Teatro Waldemar Henrique - 32 membros; Teatro Margarida Schiwezzappa; Trupe Lamento de Teatro do distrito de Icoaraci - 32 membros; In Bust Teatro com Bonecos -191 membros; Cia. de Teatro Madalenas - 37 membros; Cia. Os Desabusados - 50 membros; Cia. Teatral Nós Outros - 44 membros; Grupo de Teatro da UNIPOP; Grupo de Teatro Encenação - 64 membros; Eu amo o teatro santareno cidade de Santarém região do Tapajós

GRUPOS DE TEATRO DO RIO GRANDE DO NORTE:

Cia. Teatral Alegria Alegria - Natal / Fundação: 1983 / Integrantes: 10 / Grímário Farias / Espaço: não / www.ciaalegriaalegria.com.br / grimario@bol.com.br / (84) 9921.3134 / Grupo Estandarte de Teatro - Natal / Fundação: 1986 / Lenilton Teixeira / Espaço: Sede cedida pela UFRN / leniltonteixeira@hotmail.com / (84) 9985.9307 / Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare - Natal / Fundação: 1993 / Integrantes: 7 / Fernando Yamamoto / Espaço: Sede alugada / www.clowns.com.br / desembucha@clowns.com.br / (84) 3211.3166 / 8816.1966 / Grupo de Teatro Ditirambo - Natal / Fundação: 1999 / Integrantes: 7 / Marcelo Chaves e Adriana Borba / Espaço: não / mschaves@hotmail.com / (84) 9982.7015 / Cia. Urbana de Teatro - Natal / Fundação: 2004 / Integrantes: 4 / Marcos Martins e Mariana Guimarães / Espaço: não / www.ciaurbanadeteatro.com / urbana@ciaurbanadeteatro.com / (84)

3201.3169 / Grupo Beira de Teatro - Natal / Fundação: 2004 / Integrantes: 6 / Henrique Fontes e Paula Vanina / Espaço: não / henriquefontes75@gmail.com / paulacencig@uol.com.br / (84) 8823.6083 / Trotamundos Cia. de Artes - Natal / Fundação: 2000 / Integrantes: 2 / Beto Vieira e Anna Celina / Espaço: sede alugada / trota_mundos01@hotmail.com / (84) 9968.4295 / 3084.6564 / Cia. Cara Melada - Natal / Fundação: 1992 / Integrantes: 10 / Nil Moura / Espaço: Circo Grock / circogrock@gmail.com / (84) 9126.1160 / Grupo Brincarte de Teatro - Natal / Integrantes: 7 / Lindemberg Farias / Espaço: sede alugada / grupobrancarte@hotmail.com / Cia. Escarcêu de Teatro - Mossoró / Fundação: 1986 / Integrantes: 8 / Nonato Santos e Lenilda Souza / www.escarcceu.com.br / O Pessoal do Tará - Cidade: Mossoró / Fundação: 2002 / Dionizio do Apodi / Espaço: não / www.opessoaldotarara.com.br / dionizioapodi@yahoo.com.br / Cia. A Máscara de Teatro - Mossoró / Fundação: 1997 / Integrantes: 7 / Tony Silva / Espaço: sede alugada / www.ciaamascara.com.br / ciaamascara-radeteatro@yahoo.com.br / (84) 9972.1411 / Grupo Arruaça (Mossoró); Nocaute à Primeira Vista (Mossoró); Família Marmota de Teatro (Natal); Cumbuca Teatral (Natal); Falas e Pantomimas (Natal); Facetas, Mutretas e outras Histórias (Natal); Tropa Trupe Cia. de Arte (Natal).

GRUPOS DE TEATRO DO CEARÁ:

Grupo Bagaceira de Teatro - Fortaleza / Fundação: 2000 / Integrantes: 12 / Rogério Mesquita / Espaço: Sede alugada / mesquitargog@hotmail.com / (85) 9972.4657 / Teatro Máquina - Fortaleza / Fundação: 2003 / Integrantes: 8 / Fran Teixeira / Espaço: não / fran_teixeira@yahoo.com.br / (85) 9922.5705 / Grupo Expressões Humanas - Fortaleza / Fundação: 1990 / Integrantes: 7 / Herê Aquino / Espaço: não / hereaquino@yahoo.com.br / Grupo Cabauêba - Fortaleza / Fundação: 2001 / Integrantes: 8 / Lucas Sancho / cabauêba@hotmail.com / Grupo Pesquisa - Fortaleza / Fundação: 1978 / Integrantes: 8 / Ricardo Guilherme / Espaço: não / ricardo-guilherme@uol.com.br / (85) 3295.7472 / Mirante de Teatro da Unifor - Fortaleza / Fundação: 1984 / Integrantes: 13 / Hertenha Glauce / Espaço: Teatro Celina Queiroz / Campus da Unifor (Universidade de Fortaleza) / hertenha@unifor.br / Trupe Caba de Chegar de Teatro - Fortaleza / Fundação: 1990 / Integrantes: 05 / Ana Marlene / Espaço: Sede própria / anamarlene@cagece.com.br / (85) 8801.9294 / Comédia Cearense - Fortaleza / Fundação: 1957 / Haroldo Serra / franklingurgel@ig.com.br / Carroça de Mamulengos - Juazeiro / Fundação: 1977 / Integrantes: 11 / Carlos Gomide (Babau) / www.carrocademamulengos.com.br / contato@carrocademamulengos.com.br / (85) 3571.2176

GRUPOS DE TEATRO DO MARANHÃO:

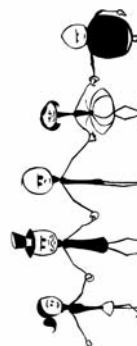
Grupo Grita - São Luís / Fundação: 1972 / Integrantes: 19 / Cláudio Silva e Zezé Lisboa / Espaço: Teatro Itapecuraíba / www.grupogrita.org.br / grupogrita@grupogrita.org.br / (98) 3228.9840 / Laborarte - São Luís / Fundação: 1972 / Nelson Brito e Rosa Reis / festinterslz@elo.com.br / rosabalaio@uol.com.br / (98) 3232.2677 / Cia. Tapete Criações Cênicas - São Luís / Fundação: 2001 / Integrantes: 6 / Urias de Oliveira / Espaço: Sede própria / tapeteceni-ca@ig.com.br / (98) 3221.3490 / Grupo Cena Aberta - São Luís / Fundação: 2001 / Luiz Pazzini / (98) 3221.0873

GRUPOS DE TEATRO DA PARAÍBA:

João Pessoa: Grupo Bigorna, Piollin Grupo de Teatro, Grupo Tenda, Agitada Gang, Contra-Tempo, Cia Lua Crescente, Cia. Paraíba de Comédia, Grupo Quem Tem Boca é Pra Gritar, Grupo Contra Tempo, Grupo Graxa, Geca-Grupo Experimental Cena Aberta, Cia. Ôxente, Cia. Sírius de Teatro / Cabedelo: Teatro Experimental de Cabedelo, Grupo de Teatro Amador Alfredo Barbosa, Elemento Cultura Grupo Teatral Renascer / Campina Grande: Caras e Bocas, Grupo Heureca, Centro Cultural Pashoal Carlos Magno, Produções Artístico - Independentes, Grupo Mymbaquera, Grupo Mambembe, Cia. Teatro Infantil Linda Mascarenhas, Batista 7 Produções Artísticas, Grupo Renascer, dentre outros / Sousa: Grupo Oficina.

ESPAÇOS TEATRAIS GERIDOS POR GRUPOS OU ENTIDADES DA PARAÍBA:

Teatro Piollin - Piollin Grupo de Teatro / Teatro Ednaldo do Egypto - Ponto e Luz produção Artística (administração desse Teatro está sendo transferida para a Prefeitura Municipal de João Pessoa) / Espaço Arretado - Cia. Paraíba de Comédias (uma casa no centro histórico onde o grupo mantém um acervo de adereços e figurinos e utiliza para ensaios. O espaço apresenta condições de adaptações para um pequeno teatro) / Teatro Bigorna - sala do Grupo Bigorna dentro do antigo grupo escolar "Tomas Mindello", conquista do grupo através de edital / Espaço do "Quem Tem Boca é Pra Gritar" - situado na parte baixa do centro histórico da cidade de João Pessoa, ainda em fase de conclusão, o espaço teve o seu projeto custeado pelo Fundo Municipal de Cultura / Teatro da Juteca - um dos primeiros teatros de grupo amador, construído no final da década de cinquenta, início da década de sessenta, o espaço está completamente em ruínas. Nos últimos cinco anos, setores do movimento jovem da igreja São José Operária, do Bairro de Cruz da Armas, onde fica localizado o Teatro da Juteca, realizou uma campanha para recuperação desse teatro. Projeto arquitetônico já foi doado pelo Departamento de Arquitetura da UNIFE (universidade particular) há uma busca por parcerias para retomada desse importante equipamento / Teatro Ivonaldo Correa - construído pelo ator e diretor Ivonaldo Correa na sua própria casa, no bairro Tibiri, na cidade de Santa Rita, na região metropolitana de João Pessoa / Teatro Elba Ramalho - pertencente à Fundação Artística Manuel Bandeira, fundado pela dramaturga Lourdes Ramalho - FCMA, situado na cidade de Campina Grande, Paraíba / Cine Teatro Gadelha - grande espaço construído pela família Gadelha, tradicional na cidade de Sousa, alto sertão da Paraíba. Inspirado nos antigos cine-teatros, o espaço está sendo ocupado pelo Grupo Oficina daquela cidade há mais de cinco anos / Teatro Anunciada Fernandes - situado no centro histórico de João Pessoa é de propriedade de uma atriz do mesmo nome e que dirige o espaço / Teatro Armando Monteiro - SESI, no centro histórico de João Pessoa / Teatro do SESC - na cidade de Campina Grande.



GRUPOS DE TEATRO DA BAHIA:**GRUPOS DA COOPERATIVA BAIANA DE TEATRO**

Cia Dendê de Teatro - 2002 - voltada para o teatro-educativo / Núcleo Criaturas Cênicas - 2001 - pesquisa várias linguagens cênicas e fomenta núcleos de discussão visando o teatro como processo de reflexão / Cia. Ziriguidum Borogodô de Teatro - 2003 - desenvolve pesquisas e monta espetáculos de caráter popular e brasileiro / Via Palco - 1998 - pesquisa de linguagens e técnicas teatrais como improvisação, dança-teatro e clown / Sirius - 2000 - voltado para o fazer artístico, centrado na autonomia do ator enquanto criador de seus modos de expressão e de produção / Palhaços para Sempre - 2000 - pesquisa a técnica e a arte do palhaço / Cia. Rapsódia de Teatro - 2001 - investiga a linguagem teatral centrada no trabalho do ator, através do corpo e da voz / Rebanho de Teatro - 2000 - pesquisa o conteúdo e a forma das manifestações culturais da Bahia e do Nordeste / Cia. A4 de Realizações Teatrais - 2001 - desenvolve uma linguagem própria, através de processo coletivo de pesquisa / Cia. de Teatro Popular - 1991 - pesquisa a cultura popular e a valorização do artista negro / Bastidores - 2000 - valoriza a pluralidade estética / Cia. Brasil de Teatro - 1994 - objetiva montar espetáculos infantis que têm como ponto forte a música ao vivo combinada com o teatro, a dança, a literatura e as artes visuais.

GRUPOS INDEPENDENTES

Teatro Gente de Fora Vem - 2004 - dedica-se à construção, através de pesquisa e investigação, de uma linguagem cênica própria e ao trabalho desenvolvido na educação, pois a maioria de seus integrantes possui formação com Licenciatura em Teatro. / ferrarij@uol.com.br / Teatro Nu - 2006 - conta com um dramaturgo/diretor e uma atriz/pesquisadora que dividem os trabalhos de mentores, organizadores, idealizadores e artistas. / gytavares@uol.com.br / Errante - 2006 - linguagem própria para rua, se utiliza de técnicas de manipulação de bonecos, clown e arte circense. / tiago13espino@hotmail.com / Dimenti - 1998 - teatro, dança, música, vídeo e web. Articulações multidisciplinares entre as diversas linguagens cênicas e de gêneros artísticos sendo cada vez mais difícil categorizar as suas produções, sejam elas performances cênicas, audiovisuais ou web. / dimenti@terra.com.br / Cia. de Teatro Nata - 1998 - oriunda do teatro universitário de Alagoinhas, monta textos de criação coletiva, dramaturgia brasileira e de autores nordestinos. / danielarcades@gmail.com / A Roda - 1997 - dedica-se ao teatro de animação de bonecos na Bahia. O grupo prima pela qualidade visual de suas montagens bem como pela expressividade de seus protagonistas de madeira esculpidos à mão. / sampelayo@terra.com.br

GRUPOS RESIDENTES NO TEATRO VILA VELHA / contato: exu@teatrovilavelha.com.br

A Outra Cia. de Teatro - 2004 - teatro jovem contemporâneo, trabalha a partir da improvisação, se utiliza de referências particulares do ator para a criação dos seus personagens, apropria-se de textos dramáticos, de histórias e manifestações da cultura popular ou de criações próprias para montar seus espetáculos / Bando de Teatro Olodum - 1990 - tem como proposta uma linguagem cênica contemporânea comprometida com um teatro engajado mas, também, está atento à alegria do palco. Mescla humor e desmascaro racial, leveza e ironia, diversão e militância. Além da palavra, o grupo se utiliza da dança, da música, da percussão, dos rituais do candomblé e da cultura afro-brasileira / Cia. Novos Novos - 2000 - grupo formado por crianças e adolescentes coloca em seu trabalho discussões pertinentes ao mundo contemporâneo, sem deixar de construir um espetáculo lúdico e poético, tratando a criança não como um ser alheio mas sim oferecendo subsídios para um despertar crítico a respeito das questões norteadoras da condição humana / Cia. Teatro dos Novos - 1959 - primeira companhia profissional da Bahia e fundadora do Teatro Vila Velha, a CTN, que foi "refundada" em 1998, monta espetáculos tanto da dramaturgia clássica quando autores contemporâneos. Trabalhando com vários diretores, a Cia. mantém um núcleo de atores e, também, convida outros atores a cada espetáculo / Vilavox - 2001 - Utiliza diversas linguagens artísticas como teatro, música, dança e vídeo em sua investigação cênica, com atores/dançarinos/cantores/ no elenco. Trabalha com dramaturgia própria, fortemente.

GRUPOS DE TEATRO DO MATO GROSSO:

Teatro Fúria - Cuiabá - Grupo profissional com cinco integrantes, trabalham o teatro experimental em espaços alternativos, teatro de rua, dramaturgia e pesquisa de linguagens e encenação. Tem projetos sociais em presídios e bairros periféricos. Viajou por 17 estados brasileiros divulgando seu repertório de nove espetáculos / Confraria dos Atores - Cuiabá - Grupo profissional com seis integrantes, trabalham o teatro experimental em espaços alternativos / Teatro Mosaico - Cuiabá - Grupo profissional com 12 integrantes, trabalham o teatro de rua e teatro popular / Grupo Porrada - Cuiabá - Grupo com dois integrantes. Trabalha o teatro experimental em espaços alternativos / Grupo Anima - Cuiabá - Grupo amador com 25 integrantes. Trabalham a formação de atores, diretores, dramaturgos, produtores e técnicos aptos a montar os seus próprios grupos profissionais ou não / Grupo Jaboti - Cuiabá - Grupo profissional com três integrantes. Trabalha o teatro de bonecos e teatro popular, além da formação de novos atores bonequeiros / Grupo Cena 11 - Cuiabá - Grupo profissional com 12 integrantes. Trabalha o teatro experimental em espaços alternativos utilizando especialmente dramaturgias clássicas / Teatro Fictício - Cuiabá - Grupo de uma contadora de histórias / Teatro Experimental de Alta Floresta - Alta Floresta - Grupo profissional com 15 integrantes. Trabalham o teatro experimental em espaços convencionais e alternativos / Cia. Pessoal de Teatro - Cuiabá - Grupo profissional com dois integrantes. Trabalham o teatro experimental em espaços alternativos além da formação de novos atores/encenadores / Cia. do Brasil - Chapada dos Guimarães - Grupo profissional com quatro integrantes, trabalha a dramaturgia e teatro popular e contemporâneo nos mais variados espaços.

ESPAÇOS CULTURAIS DE CUIABÁ (que abrigam espetáculos teatrais):

Teatro do SESC Arsenal - teatro com capacidade para 280 pessoas, localizado no Centro de Atividades SESC Arsenal / Salão social - SESC Arsenal - espaço alternativo que abriga espetáculos de arena / Casa da Cultura - espaço exce-

lente para exposições de artes plásticas, performances, pockets shows, lançamentos de livros, mostras audiovisuais, enfim, um espaço para ações culturais múltiplas. É um espaço público, sob o comando da Secretaria Municipal de Cultura / Espaço Silva Freire – o espaço oferece oficinas de arte como hip hop, teatro, reciclagem do lixo seco, shows, encontros e palestras. Faz parte do conjunto de lugares que a prefeitura vem disponibilizando para ações culturais, propõe a formação de novos agentes culturais / MISC – Museu de Imagem e Som de Cuiabá – é a primeira instituição totalmente dedicada a história da capital mato-grossense / Museu do Rio Cuiabá – (Espaço Cultural Liu Arruda) – margem do rio Cuiabá – Porto / T.U – Teatro Universitário – 50 lugares / Universidade Federal de Mato Grosso / Casa Fora do Eixo – espaço cuja principal missão é evidenciar a movimentação cultural, urbana e contemporânea, promovendo a circulação dos agentes envolvidos nessa cadeia. Além de promover a troca de know-how e o fomento de atividades que impulsionem ainda mais esse cenário / Palácio da Instrução – localizado ao lado da Catedral Metropolitana, abriga o Museu Histórico, Museu de Antropologia, Museu da História Natural e Biblioteca Estadual / Casa Cuiabana ou “Chácara de Deidâmia” – casa de construção colonial em taipa e adobe sobre alicerces em pedra canga, um dos mais expressivos, exemplares e arquitetônicos de Cuiabá do século XVIII.

GRUPOS DE TEATRO DE GOIÁS:

Teatro que Roda – teatroqueroda@hotmail.com; Grupo Nu Escuro – www.nuescuro.com.br / heliofroes@gmail.com; Grupo Teatro Ritual – www.teatroritual.com.br / ilhanando@hotmail.com; Grupo Bastet – grupobastet@hotmail.com; Cia. Trapaça – tel.(62) 3255-8547 / 9646-1474 / www.ciatrapaca.blogspot.com/ ciatrapaca@yahoo.com.br; Teatro Reinação – tel. (62) 3285-5079; Cia. Novo Ato – cianovoato.blogspot.com; Cia. Sala 3 – tel.(62) 9611-6503 / (62) 3524-2542; Cia. Oops! – ciaoops@hotmail.com / tel.(62) 8406-0060; Grupo Zabriskie Teatro – www.zabriskieteatro.blogspot.com zteatro@bol.com.br ou zteatro@gmail.com / tel.(62) 3093.5542; Grupo Arte e Fatos – fecontracena@yahoo.com.br; Grupo Guarará – guara@ucg.br; Grupo Arte e Fogo – Delgado Filho – tel.(62) 3205-1382 – artefogo@brturbo.com.br; Grupo Exercício – ribeiroactors@yahoo.com.br / tel. (62) 3286.4276; Cabeça de Vaca Cia. de Teatro – tel. (62) 3206-8536 / leorezendeteatrofug@yahoo.com.br

OUTROS GRUPOS DE GOIÁS (capital e interior, cadastrados à FETEG):

Zi-balangos (Rio Verde), Trem de Doido (Porangatu), Abelharte (Jataí), Cidade Livre (Aparecida), Theaumai (Mineiros), Companhia do Humor, Fábrica, Imagem (Inhumas), Lucheze, Minima, Cici Pinheiro (Jataí), Núcleo, ACT (Casa do Teatro), Premeditando (Catalão), Climaco (Jataí), Biografia (Rio Verde), Espaço Teatral, Extase (Senador Canedo), Incenação (Jataí), Angelus, Ant-Mão, Barracão (Itaberai), Arts Cristo, Boca no Trombone (São Miguel do Araguaia), Cara de Pau, Contrato Temporário, Curiá, Descanto (Trindade), Encant'art (Anicuns), Espirita, Zumbi, Experimento, Furta Face (Catalão), Faces (Anápolis), Introrso (Caldas Novas), Limpando o Olho (Uruaçu), Magia, Odhepartenon, Star (São Luiz Montes Belos), Kabuqui (Rio Verde), Sugari (Anápolis), Bokemboca (Anápolis), Legião Cênica do Lyceu, Sem Nome.

GRUPOS DE TEATRO DO DISTRITO FEDERAL:

Circo Teatro Udi Grudi – www.circoudigrudi.com.br; Os Melhores do Mundo – www.osmelhoresdomundo.com; G7 – www.simplesmenteg7.com; Cia. de Comédia Os Anônimos da Silva – edsouavv@gmail.com; Esquadrão da Vida – esquadraodavida@gmail.com / tel. (61) 8409-4690; Mundin Cia. de Teatro – mundinciadeteatro@gmail.com / tel. (61) 3273-6412; Cabeça Feita – crisobral@uol.com.br / tel. (61) 9694-5791; Teatro do Concreto – www.teatrodoconcreto.com.br; Companhia da Ilusão – escola, produtora e Cia. de Teatro – www.companhiadailusao.com.br; Teatro Mapati – espetáculos, oficinas, cursos e diversos projetos – www.mapati.com.br; Teatro Caleidoscópio – teatro, espaço de pesquisa e cursos – www.teatrocaleidoscopio.com.br

OUTROS GRUPOS DO DISTRITO FEDERAL:

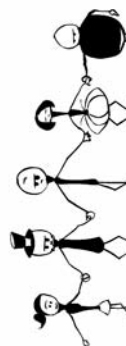
Celeiro das Antas Companhia do Riso, Circo Teatro Artetude, Circo, Boneco e Riso, Mamulengo Presepada, Grupo Pirilampo de Teatro de Bonecos e Atores, Bagagem Cia. de Bonecos, Cortejo Cia. de Atores, O Hierofante, Piramundo Cia. Teatral, Cia. dos Homens, Mistura Íntima Dell' Arte, Companhia Tipo B, Companhia de 4 é Melhor, Grupo Experimental Desvio, Teatro do Inconsciente, Grupo Roupas de Ensaio, Voar Cia. de Bonecos, Grupo Carlitos, Mamulengo Mulungu, Cidade dos Bonecos, Ruarte Cia. de Bonecos, Cia. Brasileiros de Teatro, Cia. Barraco da Maria, Néia e Nando Cia. Teatral.

INSTITUIÇÕES DO DISTRITO FEDERAL:

Fundação Athos Bulcão – realiza os projetos Festival de Teatro na Escola e Teatro na Mochila – www.fundathos.org.br; Espaço Cena – espaço para apresentações e realiza o principal festival de teatro da cidade – www.cenacontemporanea.com.br; Núcleo de Arte e Cultura – administra o Teatro Goldoni e Sala Adolfo Celi, oferece cursos e oficinas – www.nac.org.br / tel. (61) 3443-0606; Teatro Oficina do Perdiz – oficina mecânica e espaço cultural – tel. (61) 3273-2364; Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – www.fadm.com.br; Instituto de Artes da Universidade de Brasília – www.ida.unb.br

GRUPOS DE TEATRO DO ESPÍRITO SANTO:

Grupo Tarahumaras – propõe a investigação de Antonin Artaud e Fernando Arrabal, passando por Brecht e Boal, em prol de seus envolvimento sociais. / (27) 3289.7837 – 9938.9794 / www.tarahumaras.com.br / grupotarahumaras@gmail.com / Companhia Folgazes – pesquisa o teatro, o palhaço e outras técnicas circenses, há uma atenção especial à cultura popular. / (27) 3322.7391 – 9992.6670 – 9864.2621 / www.folgazoes.com.br / osfolgazes@hotmail.com / Grupo Z de Teatro – pesquisa do diálogo entre o teatro e a dança como elemento de composição de sua obra. / grupozdeteatro@terra.com.br / Unidos pela Arte – Arcílio Vieira Malta / (27) 3336.7397 3045.5404 – 9936.8138 / teatrounidospelaarte@yahoo.com.br – arvmalta@yahoo.com.br / Gota, Pó e Poeira – Carlos Francisco

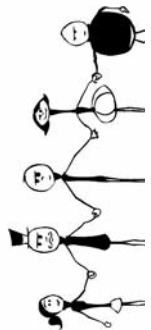


Ola - Guaçu - ES / (28) 3553.2826 - 3553.2954 / carlosolagota@hotmail.com / Grupo Clã de Teatro - Fábio Samora - samoracla@gmail.com / www.clateatro.com.br / Ela de Teatro - Lucimar Barros Costa - Cachoeira de Itapemirim - ES / (28) 3521.1687 - 3521.6685 - 9946.2173 / clucimar@ig.com.br / Taruiras Mutantes - federico nicolai marques teixeira / (27) 3327.9733 - 9294.9140 / taruirasmutantes@gmail.com / federico_nicolai@yahoo.com.br / Os Tão Grupo de Teatro / Montanha - ES / (27) 9251.5043 / ostiao.grupo.teatro@gmail.com / Grupo de Teatro Rerigiba - Telma Amaral - Anchieta - ES / grupodeteatrorerigiba@gmail.com / Grupo Ciranda de Cena - Denil Tucci - Colatina - ES / deniltucci@hotmail.com / (27) 3722.4126 / Grupo de Teatro Panelinha de Breu - Sebastião Alves dos Santos - Vitória - ES / (27) 3327.4910 / sebastioxo@bol.com.br / Grupo Arautos - Wellington Lugon / Castelo - ES / wellingtonlugon@hotmail.com / (28) 3542.3650 / Cia. de Teatro Ponto e Vírgula - Christian Mark - Colatina - ES / (27) 8818.3071 / Grupo de Teatro Campaneli - teatro infantil com ênfase na releitura dos clássicos infantis, bem como lendas regionais. / Rodrigo Campaneli / Vitória - ES / (27) 3235.0157 / teatro@campaneli.com.br / www.campaneli.com.br

GRUPOS E ESPAÇOS DE TEATRO DO PARANÁ:

Companhia Provisória / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Sistema não hierárquico, pesquisa sobre o cotidiano, estrutura narrativa apoiada na figura do narrador-protagonista, hibridismo, identificação com a cultura pop. Trabalho em movimento e dança, apoiado em Rudolf Laban, na teoria da comunicação, na cultura pop e na ironia. / 4 anos / INTEGRANTES: 7 / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Movimento Pop Lírico, ligado à intervenção urbana e associado a outras companhias e teóricos de teatro de Curitiba / Fábria Guimarães / (41) 9668-8080 / companhiaprovisoria@gmail.com / Cia. de Teatro do Imaginário / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Espetáculos e atividades artísticas que resgatem o valor do jogo, do lúdico e do imaginário na relação com o público. Criação de uma dramaturgia própria. / desde fevereiro de 2007 / INTEGRANTES: 6 / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Pocket-shows musicais, publicação de textos dos espetáculos da Cia. e exposições. / Marci Moraes / marcilenemarci@hotmail.com / www.ciateatrodoimaginario.blogspot.com / Curitiba / Benedita Cia. de Teatro / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Pesquisa sobre a questão comportamental, com foco nas relações afetivas. Une a dança e a música para ilustrar a passagem do tempo e o referencial de memória resgatada. / 5 anos / INTEGRANTES: 10 / Cássia Damasceno e Patrícia Goulart / www.beneditaciadeteatro.blogspot.com / beneditaciadeteatro@gmail.com / Curitiba / Círculo de Encenação e Pesquisa Pé no Palco / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Transposição da literatura para o palco. Acolher novos atores, atrizes e técnicos, oferecendo a oportunidade aos jovens artistas de realizar o exercício teatral e a convivência com artistas renomados do Estado do Paraná. / 7 anos / INTEGRANTES: núcleo principal 2 atores, 1 atriz e 1 diretor(a). (Integra em seus espetáculos atores e atrizes formados pelos Cursos Livres de Teatro Pé no Palco). / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Cursos Livres de Teatro, principal segmento do Pé no Palco Atividades Artísticas. / Fátima Ortiz / www.penopalco.com.br / penopalco@yahoo.com.br / Companhia Ilimitada / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Projetos de música e teatro que criam oportunidade de acesso à arte são os principais objetivos da companhia. / 3 anos / INTEGRANTES: 2 / Marcio Juliano e Gláucia Domingos / (41) 3356-1846 / ilimitada@agentemesmo.com.br / Curitiba / Pausa Companhia / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Pesquisa centrada na dramaturgia contemporânea sintonizada com as questões da atualidade. Foco no homem urbano. Elenco fixo e diretor convidado. / 3 anos / INTEGRANTES: 5 / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Parte do grupo atua em arte-educação nas escolas de teatro de Curitiba. / Rodrigo Ferrarini / pausacia@yahoo.com.br / (41) 3019-1690 / Curitiba / Cia. do Abraço - Espaço de Arte e Cultura / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Espaço de arte e cultura dedicado à pesquisa e produção teatral para todas as idades. Foco em dramaturgia própria e criação de repertório. Fusão de linguagens artísticas, tais como dança artes visuais, técnicas de manipulação de objetos, mímica, produção sonora e antropologia. Processo colaborativo. / 7 anos / INTEGRANTES: Equipe de pesquisa e criação: 10 pessoas / Professores: 4 pessoas / Elenco: 12 atores / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Escola de teatro, formação de grupos amadores, oficina de dança de salão, eventos congregadores e colaborativos: "abraço entre amigos", "conversa com produtores", "conversa com diretores". / Workshops de teatro e dança. / Leticia Guimarães / (41) 3362-9438 / www.ciadoabraço.com.br / abraço@ciadoabraço.com.br / Curitiba / Cia. Ganesh de Teatro / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Pesquisa em lugares alternativos. Prioridade do público e os caminhos de como atingi-lo, através da mudança de parâmetros, atitudes e valorização do ser humano. / 1 ano e meio / INTEGRANTES: 3 / Humberto Gomes / ciaganesh@gmail.com / (41) 3779-8660 / Curitiba / Cia. Instável / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Dramaturgia própria, adaptando textos literários e encenando-os através da integração de atores, bonecos, sombras, cenários e figurinos, sonoplastia e iluminação. / TEMPO DE EXISTÊNCIA: 6 anos / INTEGRANTES: 4, além de diversos colaboradores. / Cristine Conde / teatroinstavel@gmail.com / (41) 3016-0580 / Curitiba / Cia. Senhas de Teatro / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Dramaturgia original tendo como tema a identidade urbana brasileira em diálogo com teorias da contemporaneidade. Processos colaborativos de elaboração do discurso cênico. Investigação das potencialidades do ator-criador na construção da dramaturgia da cena. Pesquisa sobre mecanismos de relação espetáculo-platéia. / desde 1999 / INTEGRANTES: 9 fixos e 4 colaboradores. / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Mostra Cena Breve Curitiba - a linguagem dos grupos de teatro - evento que reúne, anualmente, grupos de teatro do Brasil para compartilhar suas pesquisas; CiaSenhas ACIONA! - evento que propõe uma série de atividades como palestras, debates, workshops, publicações; Publicação - a CiaSenhas fez sua primeira publicação em 2007 com o registro do processo criativo do espetáculo ANTIGONA - reduzida e ampliada. / Sueli Araújo e Márcia Moraes / www.ciasenhas.art.br / ciasenhasdeteatro@terra.com.br / (41) 3262-5918 / Curitiba / Marcos Damasceno Companhia de Teatro / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Tratamento do texto nas vozes dos atores como elemento principal da ence-

nação, apresentações intimistas em pequenos espaços cênicos, exploração de peças que se passam mais na mente dos personagens do que propriamente na realidade da vida exterior. / 4 anos / INTEGRANTES: 6 fixos e novos colaboradores a cada montagem / Marcos Damaceno / damaceno.marcos@burturbo.com.br / www.marcosdamaceno.com.br / (41) 3223-3809 / Curitiba / A Armadilha / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Exploração contínua dos vários tipos de linguagem cênica, processos de criação e novas dramaturgias, buscando ao máximo nos aproximar do público, oferecendo novas alternativas de expressão cultural. / 6 anos / INTEGRANTES: 5 atores, 1 produtora, revezamento de diretores e colaboradores técnicos recorrentes / Diego Fortes / a.armadilha@gmail.com / (41) 3323-7476 / Curitiba / José Plínio Produções / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Popularização do teatro / 30 anos / INTEGRANTES: 2 / José Plínio / (41) 3254-4884 / Curitiba / Obragem Teatro e Cia. / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: O corpo como espaço da experimentação. As problemáticas do homem urbano contemporâneo, como a solidão ou o automatismo, compõem a pesquisa de linguagens cênicas ligadas à exploração de dramaturgias do corpo e da voz. Acredita na expansão e no cruzamento de realidades como possibilidade de reflexão e crescimento coletivo. / 5 anos / Eduardo Giacomini ou Olga Nenevê / www.obragemteatroecia.com.br / obragem@obragemteatroecia.com.br / (41) 3077-0293/8414-0292 / Curitiba / Vigor Mortis / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Explorar possibilidades do horror e violência como forma de linguagem artística, seguindo os preceitos do Grand Guignol, aliadas ao uso de recursos multimídia de forma orgânica a dramaturgia e interpretação. Levar cena, texto e interpretação ao limite entre a linguagem teatral e audiovisual. / desde 1997 / INTEGRANTES: 9 / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: diversos trabalhos em vídeo. / Paulo Biscia / vigormortis@vigormortis.com.br / www.vigormortis.com.br / (41) 8814-4625 / Palco Produções / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Possui núcleos de pesquisa diversos, entre eles 2 com maior ênfase: "Teatro e Cultura Popular", aliado ao folclore brasileiro e às manifestações culturais tradicionais, e, "Teatro para a Infância e Juventude". / desde 1995 / INTEGRANTES: 4 sócios e 7 artistas convidados estáveis / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: A Cia administra o Teatro Cultura, onde ministra cursos de arte em geral, desenvolve projetos diversos, exposições de artes plásticas e exposições interativas com intervenção cênica. Projetos sociais. / Amauri Ernani e Paula Giannini / www.palcoproducoes.blogspot.com / teatrocultura@pop.com.br / (41) 3224-7581 / Curitiba / Benandantes Companhia de Artes / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Aprofundar conhecimentos técnicos e artísticos através de pesquisa aplicada sobre os elementos que compõe um espetáculo (dramaturgia, cenários, figurinos, sonoplastia, etc.), a constância de seus trabalhos em cartaz, o aperfeiçoamento das montagens e a formação de platéia. / desde 1994 / INTEGRANTES: 9 / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Campanha "Legenda para quem não ouve, mas se emociona" de legendagem de espetáculos. / CONTATO: Cleide Piasecki / cleidepiasecki@gmail.com / (41) 9601-2461 / Curitiba / ACT - Ateliê de Criação Teatral / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Espaço de caráter multiárea, com sede em Curitiba, voltado para formação e treinamento de atores, através de oficinas, núcleos de criação, montagens e circulação de espetáculos, tendo como base o processo de pesquisa e investigação teatral. / 6 anos / INTEGRANTES: Núcleo ACT (fixo): 05 integrantes (artístico e administrativo); Núcleo Comédia dell'ACT: 15 integrantes (11 fixos e 04 colaboradores); Núcleo Teatro Contemporâneo: 3 integrantes; Oficinas: 4 professores e média atual de 50 alunos/integrantes / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Oficinas livres de teatro, Núcleo de Pesquisa Teatral, Projeto Multiárea; ACT em ação compartilhada: realização de oficinas, mostras de processo e espetáculos de grupos/artistas de distintas áreas que tem como base o trabalho de pesquisa e investigação (tanto de Curitiba quanto de outras cidades); ACT Abre Suas Portas: Mostra dos processos de trabalho, seguidos de bate papo, abertos à comunidade interessada; VozOff: leituras públicas de grupos e/ou artistas locais (textos, poemas, performance). Realização mensal; Encontrosnecessários: Ciclo de palestras com convidados de distintas áreas culturais, lançamentos de livros, exposições, ACT Bazar. / Nena Inoue / www.act.art.br / act.atelie@uol.com.br / (41) 3338-0450 / Curitiba / Cia. Filhos da Lua / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Pesquisa de integração do teatro de bonecos com outras linguagens artísticas, tendo como base de inspiração dramática a cultura popular brasileira. / 26 anos / INTEGRANTES: 4 / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Trabalho em arte educação (projeto Arteiro), oficinas do trabalho de ator no Teatro de Bonecos. / Renato Perré / ciafilhosdalu@hotmial.com / (41) 3225-7327 / Curitiba / Zerdax Cia de Teatro / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Novas propostas estéticas, exploração de novos espaços cênicos, desafios corporais, de interpretação e de novos autores. Voltada à pesquisa do comportamento humano, através da reflexão, explorando as relações sociais, por meio das mais variadas linguagens e gêneros teatrais. / 7 anos / INTEGRANTES: 7 / CONTATO: Luiz Brambilla / luizbrambilla@ig.com.br / (41) 8806-4271 / Curitiba / Drops Dell'Arte / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Trabalhos cuja temática esteja ligada a linguagem do humor, especialmente aquelas cujo texto tenha relação com a cidade de Curitiba. / 14 anos / INTEGRANTES: 2 e artistas convidados / Enéas Lour / eneaslour@hotmail.com / (41) 3244-3907 / Curitiba / Couve-flor Micomunidade Artística Mundial / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: O sentido de trabalhar coletivamente está na busca pelo diálogo e pelo intercâmbio de idéias entre pessoas que compartilham determinados princípios ideológicos, filosóficos, estéticos, além do interesse em investigar questões relativas ao papel da arte, à criação de novas metodologias de trabalho e linguagens, ao hibridismo de formatos, à relação entre o público e a obra, entre o público e o artista. Os trabalhos situam-se num cruzamento entre questões das artes visuais, do teatro, da dança contemporânea, da performance art. O funcionamento do coletivo se difere de uma Companhia por considerar todos os integrantes como artistas/ativistas criadores e possibilitar a individualidade de cada um dentro do grupo. / desde 2003 / INTEGRANTES: 7 / Michelle Moura / couve-flor.wordpress.com / falecomcouveflor@gmail.com / (41) 3233.2805 / Curitiba / Companhia Brasileira de Teatro / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Pesquisa teatral, criação de espetáculos, formação de público e intercâmbio entre artistas de áreas distintas. Vertentes e linhas de atuação: - criação de dramaturgia própria; - releitura de clássicos; - encenação



e tradução de dramaturgia contemporânea inédita. / 8 anos / INTEGRANTES: 3 do núcleo permanente, além de artistas associados e colaboradores. / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Intercâmbio entre coletivos e artistas, realização de encontros de teatro, trabalho sócio-cultural na entidade Casa-Lar, publicação de dramaturgia, realização de mostras de processo e ensaios abertos, workshops de dramaturgia, teatro contemporâneo e iluminação. / Marcio Abreu, Giovana Soar e Nadja Naira / companhiabrasileira@hotmail.com / (41) 3324-6403 / Curitiba / Sutil Companhia de Teatro / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Criamos um espetáculo sempre a partir de uma idéia. Depois discutimos conceitos sobre essa idéia. E o espetáculo vai se formando, com nossas ferramentas, com nossa memória, emoções, discutimos formas também, os instintos e os sentidos sendo educados e reeducados o tempo todo. João Cabral de Melo Neto dizia algo sobre a semente de uma fruta, cerne da idéia, e sua poesia era assim, ao contrário de uma suculenta polpa sugada e dispensada, era a semente seca para ser plantada e produzir outros frutos. / 15 anos / INTEGRANTES: 14 entre núcleo fixo e colaboradores. Média de 15 atores convidados a cada espetáculo. / Felipe Hirsch / www.sutilcompanhia.com.br / (41) 3353-2905 / Curitiba / Companhia Silenciosa / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Quatro principais vertentes temáticas: ironia, territorialidade, infiltração e presença. A visualidade e a relação entre arte e audiência têm a mesma relevância da dramaturgia. Flerte com outras linguagens artísticas, como artes visuais, performance e dança. A incorporação de elementos extra-teatrais como vórtice renovador da cena. / 5 anos / INTEGRANTES: 3 do núcleo artístico fixo e 3 artistas parceiros / TRABALHOS ALÉM DOS ESPETÁCULOS: Intervenções no espaço urbano público, performances, leituras dramáticas, escrita dramaturgicamente inédita, produção de textos críticos e reflexivos. Manutenção de um blog para a publicação das idéias silenciosas. / Giorgia Conceição, Henrique Saidel e Léo Glück / (41) 8408-8805 / companhiasilenciosa@hotmail.com / www.companhiasilenciosa.blogspot.com / Confraria Cênica / PROPOSTA DE ATUAÇÃO: Desenvolvimento de um processo criativo que definimos como "Direção de Encontro" / 10 anos / INTEGRANTES: 2 permanentes e parcerias diversas / Sílvia Monteiro e Luiz Carlos Pazello / www.confrariacenica.art.br / Curitiba

ESPAÇOS CULTURAIS DE CURITIBA:

Teatro Lala Schneider / CONTATO: João Luis Fiani / (41) 3232-8108 / Teatro Odelair Rodrigues / Marcos Zeni / (41) 3222-1758 / Teatro Marina Machado / Marina Machado / (41) 3264- 8260 / Barracão Encena / Juscelino Fernando Zilio / (41) 3223-5517 / Escola do Ator Cômico / Mauro Zanatta / (41) 3332-4361 / Cena Hum / George Sada / (41) 3333-4900, ramal 203 / Casa de Artes Helena Kolody / Emerson Rechemberger / (41) 3334-4552

GRUPOS DE TEATRO DE SANTA CATARINA:

Anchieta Arte Cênica - Itajaí / valencena@gmail.com / anchieta@anchietaartecenica.com.br / (47)3344.5964 / Valentim Schmoeller / Grupo Brincando Ando - Lages / (49) 3224.8325 / Tere Arruda / Teatro Marajoara / Cia. Carona de Teatro - Blumenau / ciacarona@bol.com.br / carona@ciacarona.com.br / (47) 3340.2317 / 3326.7166 (TCG) / Pépe Sedrez / Cirquinho do Revirado - Criciúma / rjoaquim@terra.com.br / (48)3462.2510 / Reveraldo Joaquim / Dionisos Teatro e Eventos - Joinville / www.dionisosteatro.com.br / dionisosteatro@netvision.com.br / (47)3432.6654 / Silvestre Ferreira / Dromedário Loquaz - Florianópolis / (48) 3223.2620 / Adriana Rosa Erro Grupo de Teatro - Florianópolis / Pedro Bennaton / [E]xperiência Subterrânea - Florianópolis / flaviajaniaski@hotmail.com / carreira@udesc.br / (48) 3334.0364 / Flávia Janiaski / Cia. Etc i Tal - Itajaí / etcital@bol.com.br / (47) 3349.6660 / Cidval Batista Junior / Cia. Experimentus Teatrais - Itajaí / experimentus@gmail.com / (47) 3045.2754 / Daniel Olivetto / Grupo de Teatro GATS - Jaraguá do Sul / grupogats@gmail.com / (47) 3275.2309 / Rubens Franco / Teatro Jabuti - Florianópolis / teatrojabuti@bol.com.br / (48)32373505 / Révero Ribeiro / Menestrel Faze-dô - Lages / (49)3222.8131 / Guigui Ferreira / Márcio / Metamorfose Cia. Cênica - Joinville / (47) 4425.5903 / Nando Moraes / O Grito - Cia. de Theatro - Blumenau / ogritociadetheatro@terra.com.br / (47) 3328.0466 / Leandro de Assis / O'Ctus Cia de Atos - Florianópolis / (48)9117.3162 / Vanceléia Pereira / Grupo Pê de Vento Teatro - Florianópolis / pedeventoteatro.com / vanderleia@pedeventoteatro.com / (48) 3028.3351 / Vanderléia Will / Persona Companhia de Teatro - Florianópolis / www.personateatro.com.br / persona@personateatro.com.br / (48) 3334.4536 / Gláucia Grigolo / Grupo Porto Cênico - Itajaí / valeria@univali.br / portocenico@yahoo.com.br / (47)3349.1187 / 3367.3664 / Valéria Maria de Oliveira / Têspis Cia. de Teatro - Florianópolis / tespis@brturbo.com.br / (48)3224.9904 / Denise da Luz / Traço Cia. de Teatro - Florianópolis / tracociadeteatro@yahoo.com.br / gmiotello@yahoo.com.br / (48)9124.4401 / 9981.2765 / 8424.4809 / Greice Miotello / Teatro em Trâmite - Florianópolis / afpsantos@gmail.com / (48)3028.8608 / André Francisco Pereira Oliveira Santos / Turma do Papum - Florianópolis / www.papum.art.br / papum@turmadopapum.com.br / (48)3335.0005 / Sérgio Tastaldi / Márcia Pagani / Teatro Sim... Por Que Não?!! - Florianópolis / tatosim@hotmail.com / nazapeao@pop.com.br / (48)3223.2786 / Nazareno Luiz Pereira / Grupo de Teatro Sementes - Lages / (49)3222.0577 / Hermelino Arruda Neto / Unicórnio Grupo Alternativo de Teatro - Joinville / ilainemelo@click21.com.br / (47) 3432.1660 / Ilaine Melo

Subtexto – Revista de Teatro do Galpão Cine Horto – nº4
ISSN 1807-5959

Conselho Editorial

Chico Pelúcio, Fernando Mencarelli, Júnia Alvarenga, Laura Bastos, Luciene Borges

Jornalista Responsável

Júnia Alvarenga (MTb 10674/MG – JP)

Projeto Gráfico

Glaura Santos e Laura Guimarães

Revisão

Rachel Murta

Pré-Impressão e Impressão

Rona Editora

Tiragem 2.000 exemplares

Colaboraram nesta edição

André Carreira, Antonio Guedes, Buda Lira, Cícero Belém, Fernando Yamamoto, Francis Wilker, Giovanni Araújo, Gordo Neto, Gustavo Bartolozzi, Inês Peixoto, Jória Lima, Karine Jansen, Leidson Ferraz, Lindolfo Amaral, Lu Bigatão, Luciana Pereira, Luciene Borges, Luiz Fernando Lobo, Marcelo Bones, Márcio Abreu, Marcus Fidelis, Tiche Vianna, Tribo de Atuadores Oi Nóis Aqui Traveiz, Wilson Coêlho.

Fotos

TEATRO E POLÍTICA: Vitor Damiani

GALPÃO EM FOCO: Bianca Aun

CINE HORTO EM FOCO: Laura Bastos

Ilustração e animação Daniele ASCipriano

Galpão Cine Horto

Rua Pitangui, 3.613 Horto

31.030-210 Belo Horizonte Minas Gerais Brasil

Telefone 55 31 3481.5580

www.galpaocinehorto.com.br galpaocinehorto@galpaocinehorto.com.br

Grupo Galpão

Rua Pitangui, 3.413, Sagrada Família

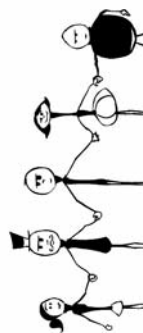
31.030-210 Belo Horizonte Minas Gerais Brasil

Telefone 55 31 3463.9186

www.grupogalpao.com.br galpao@grupogalpao.com.br

A revista Subtexto é uma publicação independente. As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Novembro de 2007.



GALPÃO CINE HORTO

Supervisão Geral Beto Franco, Chico Pelúcio e Lydia Del Picchia
Coordenação de Programação Laura Bastos
Assessoria de Planejamento Romulo Avelar
Assessoria de Imprensa Júnia Alvarenga
Assessoria Pedagógica Fernando Mencarelli
Produção Joyce Malta e Maurício Moraes
Iluminação e Sonoplastia Felipe Cosse e Juliano Coelho
Assistência de Planejamento Leonardo Lessa
Assistência de Programação Rose Campos
Gerência Administrativa Maria José Santos
Auxiliar Administrativo Leandro Dias
Coordenação do Núcleo Pedagógico Lydia Del Picchia
Equipe do Núcleo Pedagógico Ana Domitila, Cristiano Peixoto, Gláucia Vandeveld,
Juliana Barreto, Juliana Martins, Laura Bastos, Silvana Stein e Tarcísio Ramos
Coordenação do Centro de Pesquisa e Memória do Teatro - CPMT Luciene Borges
Assistência do CPMT Natália Barud
Coordenação do Conexão Galpão Lúcia Ferreira
Equipe do Conexão Galpão Carolina Bahiense, Dayane Lacerda, Túlio Sieiro, Reginaldo Santos
Estagiários do CPMT Fernanda Cristina Santos e Caio Otta
Estagiária de Produção Mariana Tavares
Recepção Gabrielle Lúcia Silva
Serviços Gerais Juarez Pereira, Ronaldo Barbosa e Sídia Edivânia dos Santos
Portaria Anselmo dos Santos
Fotografia Guto Muniz / Casa da Foto
Design Gráfico Glauro Santos e Laura Guimarães
Design do Site Fishing Web

GRUPO GALPÃO

Atores Antonio Edson, Arildo Barros, Beto Franco, Chico Pelúcio, Eduardo Moreira,
Fernanda Vianna, Inês Peixoto, Júlio Maciel, Lydia Del Picchia, Paulo André,
Rodolfo Vaz, Simone Ordones e Teuda Bara

Equipe
Coordenação de Produção Gilma Oliveira
Assessoria de Planejamento Romulo Avelar
Assessoria de Comunicação Júnia Alvarenga
Iluminação e Sonoplastia Alexandre Galvão
Iluminação Wladimir Medeiros
Cenotécnica Helvécio Izabel
Produção Executiva Beatriz Radicchi
Assistência de Produção Evandro Alves
Assistência de Planejamento Leonardo Lessa
Gerência Administrativa Sílvia Batista
Assistência Administrativa Arlene Marques
Estagiária de Comunicação Patrícia Campolina
Auxiliar Administrativo Andréia Oliveira
Recepção Rafaela Barbosa
Serviços Gerais Marlene Oliveira

Assessorias
Desenvolvimento da Organização LP Consultoria
Assessoria Jurídica Advocacia Hildebrando Pontes S/C Propriedade Intelectual
Advogada e Assessoria Jurídica Dra. Guilhermina Schidt Prado
Contabilidade Maurício José da Silva
Assessoria de Captação Mauro Maya

Patrocínio



Apoio



Ministério
da Cultura



Realização

GRUPO GALPÃO ★
25 anos de encontros


10 anos de ação